Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação

Maria do Carmo de Morais Mata Rodrigues

Formação docente em práticas e pesquisas: currículos e processos migratórios

Rio de Janeiro
2022

Maria do Carmo de Morais Mata Rodrigues

Formação docente em práticas e pesquisas: currículos e processos migratórios

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.Área de concentração: Cotidianos, redes educativas e processos culturais.

Orientadora: Prof.ª Dra. Nilda Guimarães Alves

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

R696 Rodrigues, Maria do Carmo de Morais Mata
Formação docente em práticas e pesquisas: currículos e processos migratórios / Maria do Carmo de Morais Mata Rodrigues. – 2022.
112 f.

Orientador: Nilda Guimarães Alves
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Formação docente – Teses. 2. Currículos – Teses. 3. Redes educativas – Teses. I. Alves, Nilda Guimarães. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

bs CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Maria do Carmos de Morais Mata Rodrigues

Formação docente em práticas e pesquisas: currículos e processos migratórios

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.Área de concentração: Cotidianos, redes educativas e processos culturais.

Aprovada em 8 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Drª. Nilda Guimarães Alves (Orientadora)

Faculdade de Educação - UERJ

_____

Prof.ª Drª. Maria da Conceição Silva Soares

Faculdade de Educação - UERJ

_____

Prof.ª Drª. Inês Barbosa de Oliveira

Faculdade de Educação - UERJ

_____

Prof.ª Drª. Tania Mara Zanotti Guerra Frizerra Delboni Ganzeroni

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

_____

Prof. Dr. Leonardo Rangel dos Reis

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia- IFBA

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

A minha dedicatória é especialmente a
José Carlos e à Isa Maria: vocês dois são a minha vida.
E à Maria Santíssima e à Maria Madalena, minhas protetoras e guias.
Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um dos valores mais importantes que o ser humano deve buscar, talvez seja o segundo, estando somente o amor à frente. Por esse motivo, tenho muitos agradecimentos a fazer, começando por Cristo e Maria Santíssima e especialmente na tese, à Maria Madalena, com os quais aprendo e vivencio o verdadeiro sentido da palavra Fé.

Em seguida, ao ProPEd/UERJ, na pessoa da professora Nilda Alves, orientadora da tese e orientadora do projeto, do qual esta pesquisa emerge, pelos aprendizados e oportunidades.

Aos amigos do grupo de pesquisa do Laboratório Educação, Imagens e Sons. A eles dedico muita gratidão por cada momento vivido, pelas leituras, artigos, passeios, brincadeiras e rodas de conversas. Agradeço pelos aprendizados mútuos e pela afetividade essencial a minha existência!

Aos membros da banca examinadora e suplentes pela leitura atenta, sugestões e contribuições valiosas.

Finalmente à FAPERJ, pela bolsa de estudos, que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa.

Fé e gratidão me definem neste especial momento da minha vida!

Diáspora

Acalmou a tormenta
Pereceram
Os que a estes mares ontem se arriscaram
E vivem os que por um amor tremeram
E dos céus os destinos esperaram

Atravessamos o mar Egeu
O barco cheio de fariseus
Como os cubanos, sírios, ciganos
Como romanos sem Coliseu
Atravessamos pro outro lado
No Rio Vermelho do mar sagrado
Os Center shoppings superlotados
De retirantes refugiados

You, where are you?
Where are you?
Where are you?

Onde está
Meu irmão
Sem Irmã
O meu filho sem pai
Minha mãe
Sem avó
Dando a mão pra ninguém
Sem lugar
Pra ficar
Os meninos sem paz
Onde estás
Meu senhor
Onde estás?
Onde estás?

Deus

Ó Deus onde estás
Que não respondes
Em que mundo
Em qu'estrela
Tu t'escondes
Embuçado nos céus
Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde desde então corre o infinito
Onde estás, Senhor Deus

Atravessamos o mar Egeu
O barco cheio de fariseus
Como os cubanos, sírios, ciganos
Como romanos sem Coliseu
Atravessamos pro outro lado
No Rio Vermelho do mar sagrado
Os Center shoppings superlotados
De retirantes refugiados

You, where are you?
Where are you?
Where are you?
Where are you?
Where are you?

Onde está
Meu irmão
Sem Irmã
O meu filho sem pai
Minha mãe
Sem avó
Dando a mão pra ninguém
Sem lugar
Pra ficar
Os meninos sem paz
Onde estás

Meu senhor
Onde estás?
Onde estás?
Where are you?
Where are you?
Where are you?
Where are you?
Where are you?
Where are you?

Os Tribalistas

Respeite mais, julgue menos!
Perdoe mais, condene menos!
Abrace mais, empurre menos!
Faça mais, fale menos!
E se o assunto for religião,
seja razão, seja sua razão.
Mas também seja coração,
Aliás, seja plural, seja corações
de todas as crenças,
de todas as cores,
de todas as fés,
de todos os povos,
de todas as nações!
Não transforme sua fé
em uma cerca de arames
cortantes!
Use ela pra se transformar
em alguém melhor que antes.
Em alguém melhor que ontem!
Se transforme, transforme
alguém,

afinal, do que vale uma prece
se você não vai além?
Se você não praticar o bem!
Pratique o bem
Sem olhar a quem!
Sem se preocupar com a crença
de ninguém!
Pois acredite, Deus não tem
religião também!
Deus é o próprio bem!
Deixe Deus ser o Deus de cada
um!
Deixe cada um ter o Deus que
quiser ter!
Seja você! E deixe o outro ser
o que ele quiser ser!
Seja menos preconceito!
Seja mais amor no peito!
Seja amor, seja muito amor.
E se mesmo assim for difícil ser
não precisa ser perfeito.
Se não der para ser amor
seja pelo menos RESPEITO!

Braulio Bessa

RESUMO

RODRIGUES; Maria do Carmo de Morais Mata. Formação docente em práticas e pesquisas : currículos e processos migratórios. 112f. Tese em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O presente texto objetiva principalmente compreender como os processos de mobilidade humana aparecem nos currículos e como esses processos nos ajudam a pensar a formação docente. Partimos de uma das ideias centrais dos processos curriculares, tais como o que pensamos no grupo de pesquisa em que desenvolvo este projeto, que é a compreensão que esta formação se dá nas múltiplas e complexas redes educativas que todos formamos e nas quais nos formamos. Desenvolvemos o entendimento de que essa formação aliada aos processos curriculares, criam modos de '*aprenderensinar*', através do uso de artefatos culturais que se transformam em artefatos curriculares, nas diversas ações pedagógicas nas escolas. Como as pesquisas desenvolvidas no GrPesq "Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons", que integro, estão ligadas à corrente que chamamos de pesquisas com os cotidianos, buscamos trabalhar com as '*práticasteorias*' que são nelas criadas e desenvolvidas. Trabalhamos com ideias centrais nesta corrente: as conversas como lócus principal de desenvolvimento das pesquisas; os diversos movimentos necessários às pesquisas; as múltiplas e complexas redes educativas. Para este estudo, são trazidos autoras e autores que desenvolvem suas pesquisas nesta corrente, entre as quais: Alves, Oliveira, Andrade e Caldas, entre outros, e que elegeram Certeau como proponente inicial de suas pesquisas. Destaco que em nosso grupo, compreendemos as imagens, os sons e as narrativas produzidas nas conversas, como nossos "personagens conceituais", e com isso apresentamos neste trabalho, os "usos" (CERTEAU, 2017) que experimentamos em nossas práticas pedagógicas com filmes, vídeos, livros e podcasts como elementos articuladores das conversas e estimuladores da criação de '*conhecimentossignificações*'.

Palavras-chave: Formação docente. Artefatos curriculares. Redes Educativas. Currículos. Movimentos Migratórios.

ABSTRACT

RODRIGUES; Maria do Carmo de Morais Mata. Teacher training in practices and research : curriculum and migratory process. 112f . **T**ese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This qualification text presents the first steps towards the creation of a thesis whose main objective is to understand how mobility processes appear in curricula and how these processes help us to think about the formation of new teachers. We start from one of the central ideas of curricular processes, such as we think of them in the research group in which I develop this project, which is the understanding that this formation takes place in the multiple and complex educational networks that we all form and in which we form. We developed the understanding that this formation, as well as the curricular processes, creates ways of '*learningteach'*, through the use of cultural artifacts that are transformed into curricular artifacts, in several pedagogical actions in schools. As the research developed in the group that I make part is linked to the current that we call '*nosdoscom*' the everyday research, we seek to work with the *'practicaltheories'* that are created and developed there.
We work with central ideas in this current: conversations as the main focus of research development; the elements that emerge in the research processes as our 'conceptual characters', as proposed by Deleuze and Guattari; the diverse movements necessary for research; the multiple and complex educational networks. For this study, authors, and authors who develop their research in this chain, among which: Alves, Oliveira, Andrade, and Caldas, among others that have Certeau as the initial proponent of this research. In our group we understand that the images, sounds, and narratives produced in the conversations are "Conceptual characters", with that they are brought to this work, in which we use films, books, videos, podcasts as an element that articulates the conversations and stimulates the creation of '*Knowledge-meanings'*.

Keywords: Teacher training. Artefact curricular. Educational Networks. Resumes. Movements Migratory.

RESUMEN

RODRIGUES; Maria do Carmo de Morais Mata. Formación docente en prácticas e investigación : currículos y procesos migratorios. 112f. Tesis en Educación - Facultad de Educación, Universidad Estatal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Este texto tiene como principal objetivo comprender cómo aparecen los procesos de movilidad humana en los planes de estudio y cómo estos procesos nos ayudan a pensar en la formación del profesorado. Partimos de una de las ideas centrales de los procesos curriculares, como las que pensamos en el grupo de investigación en el que desarrolló este proyecto, que es el entendimiento de que esta formación se da en las múltiples y complejas redes educativas que todos formamos y formamos en el que nos formamos. Desarrollamos el entendimiento de que esta formación, así como los procesos curriculares, crea formas de 'aprender a enseñar', a través del uso de artefactos culturales que se transforman en artefactos curriculares, en las diversas acciones pedagógicas en las escuelas. Como la investigación que se realiza en el grupo del que formo parte está ligada a la corriente que llamamos investigación 'nuestra del día', buscamos trabajar con las 'teorías prácticas' que allí se crean y desarrollan. Trabajamos con ideas centrales en esta corriente: las conversaciones como locus principal para el desarrollo de la investigación; los elementos que surgen en los procesos de investigación como nuestros 'personajes conceptuales', como proponen Deleuze y Guattari; los diversos movimientos necesarios para la investigación; las múltiples y complejas redes educativas. Para este estudio se traen autores y autores que desarrollan su investigación en esta corriente, entre ellos: Alves, Oliveira, Andrade y Caldas, entre otros que tienen a Certeau como impulsor inicial de estas investigaciones. En nuestro grupo entendemos que las imágenes, sonidos y narrativas que se producen en las conversaciones son "personajes conceptuales", por lo que se traen a este trabajo, en el que utilizamos películas, videos, libros y podcasts como elementos articuladores de las conversaciones y estimulantes. creación de "significados del conocimiento".

Palabras clave: Formación docente. Artefato curricular. Redes educativas. Currículos. Movimientos migratorios.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Despedida da família no Piauí 18

Imagem 2 – O corpo do menino Aylan Curdi encontrado em praia turca 22

Imagem 3 – Escultura em homenagem ao menino Aylan Curdi 22

Imagem 4 – Cartaz de divulgação: Entre os muros da escola 37

Imagem 5 – Cena do filme *Entre os muros da escola* com um movimento de acolhimento aos estudantes 37

Imagem 6 – Cena do filme *Entre os muros da escola* com estudantes migrantes participando da aula 38

Imagem 7 - Cena do filme *Entre os muros da escola* com o professor realizando uma aula interativa com o estudante Soleymane 49

Imagens 8 – Cena de abertura do filme "Human Flow" - barco atravessando o mar mediterrâneo 42

Imagem 9 Campo de refugiados no Iraque 43

Imagem 10 – Cidade Síria devastada pela guerra 43

Imagem 11 Desenho infantil 1 45

Imagens 12 – Desenho infantil 2 46

Imagem 13 – Desenho infantil 3 46

Imagem 14 – Desenho infantil 4 47

Imagem 15 – Cena do filme Human Flow - Famílias com muitas crianças em rota de caminhada a um destino incerto 47

Imagem 16 – Confecção de máscaras 53

Imagem 17 – Confecção de máscaras 54

Imagem 18 – Confecção de máscaras 54

Imagem 19 – Gravação em estúdio do vídeo 55

Imagem 20 – Gravação em estúdio do vídeo 55

Imagem 21 – Gravação em estúdio do vídeo 56

Imagem 22 – Livro elaborado pelo grupo de pesquisa 56

Imagem 23 – Cena do filme Sarapatel 57

Imagem 24 – Cenas do filme Sarapatel com o uso do recurso chroma key na gravação em fundo infinito com um pano azul 58

Imagem 25 – Cena do filme Sarapatel 58
Imagem 26 – Cena do filme Sarapatel 58
Imagem 27 – Cena do filme Travessia 61
Imagem 28 – Cena do filme Travessia 62
Imagem 29 – Literatura infantil abordando a migração e o refúgio 63
Imagem 30 – Livro elaborado pelo grupo de pesquisa (conjunto de imagens) 64
Imagem 31 – Telas da conversa no aplicativo *messenger* do grupo de pesquisa (conjunto de imagens). 70
Imagem 32 - Os enfrentamentos cotidianos de uma professora 74
Imagem 33 - Tirinha em quadrinhos 95
Imagem 34 – Cena do filme Caminhando com Tim Tim 96
Imagem 35 – Conjunto de imagens do filme Caminhando com Tim Tim 97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABdC	Associação Brasileira de Currículo
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
ANFOPE	Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BCN	Base Comum Nacional
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEDERJ	Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
MEC	Ministério da Educação e Ciência
MOODLE	Modular object-oriented dynamic learning environment
ONG	Organizações não governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	18
1	**O TRAÇADO DO CAMINHAR**	20
1.1	**Trajetória da pesquisa: a interseção entre o mestrado e o doutorado e a aproximação dos estudos com os cotidianos** ...	21
1.2	**Pesquisar com os cotidianos e os personagens conceituais**	25
1.3	**Espaçostempos' de novas tessituras e as cineconversas com filmes sobre migrações**	28
2	**A TEMÁTICA E O CINEMA COMO DESPERTAR**	33
2.1	**Migrar é preciso: ontem, hoje e sempre**	33
2.2	**O filme Entre os muros da escola**	37
2.3	**O filme Human flow: não existe lar se não há para onde ir** ..	41
3	**A PROPOSTA DE TRABALHO NAS REDES EDUCATIVAS ENVOLVENDO AS QUESTÕES MIGRATÓRIAS NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**	50
3.1	**De artefatos culturais a artefatos curriculares – Filmes**	52
3.2	**De artefatos culturais a artefatos curriculares – Livros**	53
3.3	**De artefatos culturais a artefatos curriculares – Facebook** ...	69
3.4	**De artefatos culturais a artefatos curriculares – Podcasts**	75
3.5	**De artefatos culturais a artefatos curriculares – As cineconversas em itinerâncias online – Zoom**	85
4	**O MEU CAMINHAR ENQUANTO PROFESSORA MEDIADORA MIGRANTE**	92
	À GUISA DE CONCLUSÕES	105
	REFERÊNCIAS	108

INTRODUÇÃO

Do conflito e do diálogo dos conhecimentos[1] *existentes nas redes formadas é que posso 'aprenderensinar'.*
Nilda Alves

Ao ingressar no grupo de pesquisa 'Currículos cotidianos, Redes Educativas, Imagens e Sons', coordenado pela professora Nilda Alves, tive a possibilidade de conhecer melhor os pressupostos das pesquisas '*nosdoscom'* os cotidianos. Essa forma de pesquisar possui características "epistemológicas-teóricas-metodológicas", tais como as ideias de que as imagens, sons e narrativas são "personagens conceituais" (DELEUZE, 1992, ALVES, 2012), e nos ajudam a pensar e a compreender o que pesquisamos, criando '*conhecimentossignificações'*[2] a partir dessa abordagem. A partir das 'conversas'[3] que teci nos encontros semanais do grupo de pesquisa, às terças-feiras, nas turmas de PPP (Pesquisa e Prática Pedagógica, na graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ), às quartas-feiras e em outros '*espaçostempos*' de encontros pedagógicos, pude estreitar o contato com os principais autores trabalhados no grupo tais como Alves, Oliveira, Certeau, Deleuze, Guattari, Guerón, Moreira, Menezes, Andrade, Brandão, Caldas.

O projeto atual do GrPesq "Currículos Cotidianos, Redes Educativas, Imagens e Sons"[4] problematiza a formação docente, envolvendo currículos e processos migratórios e como essas questões chegam à escola. Nesses '*espaçostempos'*, foram desenvolvidas

---

[1] A autora – Nilda Alves – hoje escreveria '*conhecimentos significações*' pois no desenvolvimento de pesquisas, no GrPesq fomos compreendendo que ao criar conhecimentos, nos mesmos processos, criamos significações para justificá-lo: porque são melhores do que outros, porque devem ser incorporados e usados etc

[2] Este modo de escrever estes termos juntos, em itálico, com aspas simples e pluralizadas com frequência – tais como os termos '*espaçostempos*' '*aprenderensinar'*, '*práticateoria'*, *'docentesdiscentes'*, entre outros – é utilizado em pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimentos na sociedade Moderna teve sua significação e importância, esse modo tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.

[3] As 'conversas' nas pesquisas 'nosdoscom' os cotidianos são o lócus preferencial de desenvolvimento das mesmas.

[4] As reuniões do grupo se realizavam na sala do Laboratório Educação e Imagem, no 12º andar da UERJ – Maracanã, antes da pandemia. Com a chegada do isolamento, a que fomos levados pelo Corona vírus, as reuniões, imediatamente, passaram a ser online, via a plataforma Zoom (alugada pelo grupo com esta finalidade)

'práticasteorias' como as sessões de *cineconversas"*[5]*,* aulas presenciais e *online,* bem como a criação de artefatos tecnológicos, culturais e curriculares. Nessa pesquisa, apresento alguns dos resultados da criação desses artefatos e as *cineconversas* a respeito dos filmes 'vistosouvidossentidospensados', bem como a produção de curta-metragens, a criação de um livro infantil, a interface nas redes sociais e a criação de podcasts em nosso grupo de pesquisa e com a colaboração de muitos estudantes da graduação e convidados.

Nas *cineconversas* do grupo de pesquisa, *'vimosouvimossentimospensamos' com* os filmes *Entre os muros da escola*, com direção de Laurent Cantet, uma produção francesa de 2008; e, *Human flow – não existe lar se não há para onde ir*, com direção de Ai Wei Wei, uma produção alemã de 2017, e estes se tornaram alguns de nossos intercessores para *'pensarcriarverouvirsentir'* a temática das migrações nos currículos.

Vale ressaltar que o tema abordado neste trabalho perpassa os estudos de minha Dissertação de Mestrado, como mais uma trama dessa tessitura que teve como temática a intolerância religiosa nas redes educativas e o urgente clamor de respeito a todos os credos, bem como as opções de ser ateu ou agnóstico. Destaco a importância ao respeito às pertenças religiosas e àqueles que não as possuem. Lamentavelmente, por vezes, o que se vivencia é a,rejeição e essa pode resultar em intolerância religiosa e xenofobia.

Faço parte de uma família migrante[6] que possui em seu histórico pessoas oriundas de diferentes lugares do mundo, como e posteriormente, protagonizou nas figuras de meus pais e irmãos mais velhos, o fenômeno da migração no eixo nordeste/sudeste. Eles migraram em busca de oportunidades acadêmicas e profissionais, mas diferente de muitos, que migraram pela total falta de subsistência (o nordeste enfrentava grandes períodos de seca que dificultavam a agricultura familiar e o desenvolvimento das cidades interioranas), esse não era o caso deles. Por ser uma família numerosa, os recursos eram escassos, mas viviam com

---

[5] Passamos a chamar este movimento de 'cineconversas', pois de fato, sem seguir a tradição de cineclubes, o movimento que realizamos tem as 'conversas' em torno de temáticas introduzidas pelo processo de '*verouvirsentirpensar*' os filmes como artefatos culturais para uso nessas pesquisas. Assim, não se trata de conhecer os filmes em si e discuti-los em sua historicidade, construção técnica, como obra artística de um criador etc – o que caracterizaria os processos realizados em um cineclube - mas de tê-los como iniciador de pensamentos que permitam as 'conversas'. Estas são conduzidas, tanto para a versão de realidades de migrações - em ocasiões diferentes, em '*espaçostempos'* diversos, por causas diferenciadas - que os filmes permitem, como, em especial, para como essas ideias permitem pensar processos de acolhimento de crianças e jovens – bem como seus pais – nas escolas brasileiras. Partimos das ideias que os '*praticantespensantes*' das escolas como criadores desses processos e, neles, criando artefatos curriculares.

[6] Lembro que nas pesquisas com os cotidianos, nossas histórias familiares têm sido trabalhadas porque entendemos que nossa inserção – de cada um de nós, de todos nós – em redes educativas múltiplas está articulada às nossas movimentações familiares. Entendo que a história de minha família, em suas movimentações, me ajuda a compreender nosso tema de estudo e pesquisa.

qualidade em sua cidade. Almejavam estudar e crescer profissionalmente, mas a cidadezinha onde viviam, dificultava esse acesso.

A seguir duas fotografias de meus pais e irmãos no dia em que deixaram a pequena cidade no interior do Piauí, em busca de emprego e estudos. Houve uma comoção geral na cidade e o clima de despedida, misturado ao sentimento do inesperado que tomava meus pais e irmãos. Muitos foram se despedir deles e a viagem de Jeep foi longa. Minha família levou/trouxe consigo poucas roupas, muitas lembranças e uma enorme esperança de encontrar um futuro promissor.

Imagem 1 - Despedida da família no Piauí

Fonte: arquivo pessoal

Esse futuro passava pelas questões escolares. A cidade era muito pequena e não havia ensino médio, e muito menos, ensino superior. Meu pai, funcionário do Banco do Brasil, já havia pedido transferência para a cidade de São Paulo há alguns anos. Meus pais, que já haviam se separado há tempos, retomaram o casamento após as muitas cartas trocadas entre minha irmã mais velha e nosso pai, com o insistente pedido de que eles precisavam estudar. Foi assim, que minha mãe e irmãos deixaram o Piauí.

A viagem durou quatro dias e dormiram no caminho, conhecendo outras capitais. Ao chegar na grande São Paulo, a primeira dificuldade foi a adaptação ao clima: sair do tórrido Piauí para a fria São Paulo. Depois seguiram outras adaptações, como conhecer e se locomover pela cidade, trabalhar de dia e estudar a noite e a falta de liberdade que possuíam em uma cidadezinha do interior do Piauí. Quatro anos depois, meus pais tiveram mais um

filho e o frio continuava a dificultar a adaptação. Foi então que, após seis anos, resolveram migrar para o Rio de Janeiro, cidade onde eu nasci.

Eu, que sou a filha caçula, já encontrei um lar com os irmãos mais velhos trabalhando, estudando e adaptados à vida corrida da cidade grande. Formada em Pedagogia desde 1994, atuo como mediadora no Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ), e no último capítulo apresento um pouco da minha '*práticateoriaprática'* enquanto professora migrante, que se desloca para *'aprenderensinar'* pelo interior do Estado do Rio de Janeiro. Também não posso deixar de dizer que fui concursada na Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro onde tive ricos aprendizados como professora da Educação Básica, sobre as muitas possibilidades que o ser humano encontra para criar, '*aprenderensinar*', ainda que o ambiente nos apresente variados desafios. Nesse momento, inicio (setembro de 2021) o trabalho na Prefeitura do Rio de Janeiro como professora do Ensino Fundamental, no Ciep Tancredo Neves, jornada integral, onde vivencio dias intensos nas trocas afetivas, '*aprendendoensinando'* cotidianamente.

De acordo com minhas vivências, tenho muitos interlocutores (estudantes, docentes, funcionários de escolas, autores, amigos, familiares, entre outros) que atravessaram e atravessam a produção dessa tese. A todos eles dedico a minha gratidão, principalmente a Nilda Alves que me apresentou uma maneira de '*fazerpensarsentir'* as pesquisas em educação com as pesquisas com *os cotidianos* e nos explica junto com Andrade e Caldas (2019):

> Nas pesquisas com os cotidianos partimos da ideia de que pensar as práticas cotidianas de viver dentro e para além das macro-negociações políticas e econômicas permite nos aproximar da complexidade da vida sem abrir mão de todas as redes que formamos e nas quais nos formamos. Neste sentido, nunca buscamos estudar sobre *os cotidianos* mas, estudar *nos/dos/com os cotidianos*[7], assumindo a nossa total implicação neste processo, entendendo-nos, sempre, como neles mergulhadas. Estudar e pesquisar com os cotidianos de pessoas comuns, com as histórias comuns que nos são contadas – porque nessas pesquisas as narrativas (todos os sons) e imagens contam - encontrando nestas, sentimentos e '*conhecimentossignificações*'[8] que seus '*praticantespensantes*' (OLIVEIRA, 2012)[9]criam, exigiu admitir a riqueza e complexidade desses '*espaçostempos*'. (ALVES, ANDRADE, CALDAS, 2019:1)

[7]Há muito, temos adotado a possibilidade de dizer somente "com os cotidianos", o que será feito neste texto, respeitando a decisão de outras/os pesquisadoras/es que continuam a escrever "nos/dos/com os cotidianos".

[8]Muitas vezes, antes, escrevemos 'conhecimentos e significações' pois, só mais recentemente, entendemos que todo o processo de criação de conhecimentos, exige a criação de significações de todo o tipo, que servem para explicá-los: como devem ser usados; que importância têm para aqueles que o utilizam e, na maioria dos casos, para muitos outros seres humanos; porque devem ser considerados como 'verdades' etc.

[9]Oliveira (2012) nesse texto, sendo coerente com o que aprendemos com Certeau de que os seres humanos nos cotidianos são 'praticantes' nos mesmos e que criam conhecimentos, nesses '*espaçostempos*', permanentemente, nos mostra que podemos chamá-los de '*praticantespensantes*'.

1 **O TRAÇADO DO CAMINHAR**

"Estudar e pesquisar com os cotidianos de pessoas comuns, com as histórias comuns que nos são contadas - porque nessas pesquisas as narrativas (todos os sons) e imagens contam - encontrando nestas, sentimentos e 'conhecimentossignificações' que seus 'praticantespensantes' criam, exigiu admitir a riqueza e complexidade desses 'espaçostempos'."
Nilda Alves
Nívea Andrade
Alessandra Caldas

A seguir exponho em três pontos o movimento da pesquisa, embora a '*práticateoria'* não esteja dissociada ao longo de todo o texto. O primeiro ponto, nomeio de a "interseção" entre o mestrado e o doutorado e a aproximação dos estudos com os cotidianos. Essa linha de pesquisa pela qual me apaixonei está presente em toda a tese, e me acompanha desde a dissertação. Apresenta os movimentos dos estudos com os cotidianos (o sentimento de mundo; ir sempre além do já sabido; criar nossos personagens conceituais; narrar a vida e literaturizar a ciência; ecce femina; a circulação dos '*conhecimentossignificações'* como necessidade), as redes envolvidas nessa pesquisa e a metodologia das conversas.

Posteriormente, apresento a pesquisa com os cotidianos e com os personagens conceituais (DELEUZE E GUATARRI, 1992), nossos interlocutores, que conversam conosco no decorrer do trabalho e nos ajudam a formar *'práticasteoriaspráticas'*.

E ainda, a ideia de que formamos, em nossos cotidianos, inúmeras redes educativas, e que nelas nos formamos em múltiplas e complexas relações com muitos outros intercessores, entendemos que todas elas são redes de '*práticasteorias*' e mantém amplas relações de interinfluência, que mudam permanentemente nos vários '*espaçostempos*'. Atualmente, nas pesquisas que desenvolvemos no grupo, temos trabalhado com as seguintes redes: a das '*práticasteorias*' da formação acadêmica; a das '*práticasteorias*' pedagógicas cotidianas; a das '*práticasteorias*' das políticas de governo; a das '*práticasteorias*' coletivas dos movimentos sociais; a das '*práticasteorias*' das pesquisas em educação; a das '*práticasteorias*' das manifestações artísticas; a das

‘*práticasteorias*’ de produção e ‘usos’ de mídias; e das ‘*práticasteorias*’ de vivências nas cidades no campo e à beira das estradas.

Ao longo do texto, as redes de *'práticasteorias'* estarão presentes e ao reconhecê-las, com sua diversidade, complexidade e grande relação que mantêm entre si, podemos compreender a diversidade de *'práticasteorias'* que as redes educativas nos exigem.

E no terceiro ponto, apresento os *‘espaçostempos’* de novas tessituras, a metodologia das conversas e as *cineconversas* criadas pelo grupo, mas precisamente nomeada por Rosa Mendonça. A pesquisadora sugeriu esse batismo aos antigos cineclubes do grupo, a partir dos encontros para *'verouvirsentirpensar'* filmes e conversar acerca deles formando e nos formando nesses valiosos encontros.

1.1 **Trajetória da pesquisa: a interseção entre o mestrado e o doutorado e a aproximação dos estudos com os cotidianos**

No trabalho realizado no Mestrado, estudei a intolerância religiosa nas redes educativas, tendo como fio condutor um atentado sofrido por uma menina de nome Kayllane, que recebeu uma pedrada na cabeça, em 2016, porque estava vestida com as vestimentas de sua religião de matriz africana. O fato de a agressão à Kayllane ter se tornado notícia, sendo veiculada na mídia nacional por vários dias, com desdobramentos intensos na luta pela liberdade religiosa, me levou à busca de variadas maneiras de acompanhar o caso. Quando famílias que não tinham relação com a menina assistiram ao ato covarde, executado por adultos, houve, para mim e para muitos, um choque e a necessidade de reflexão sobre o mal que a ignorância, no sentido de desconhecimento e de brutalidade podem causar a um ser-humano. Era uma criança que foi atingida violentamente, ferida. O fato tocou-me por sua idade e por estar relacionado a questões religiosas, que sempre considerei importantes e de foro íntimo, não cabendo julgamentos por qualquer outra pessoa.

Na pesquisa atual, a questão migratória e a busca de entender como ela está enredada na escola, também teve uma imagem como disparadora de um chamamento de estudo: a do menino sírio Aylan, encontrado morto em uma praia no Mediterrâneo. Essa imagem gerou comoção internacional, tendo ele se tornado um símbolo do sofrimento enfrentado por

diversas pessoas mundo afora que, em condições precárias, são obrigadas a deixar sua pátria por razões diversas, sendo especificamente o de Aylan e de sua família, a guerra na Síria. No ano de 2018, foi inaugurada uma obra de arte em um museu na Itália, com a sua imagem representando a sua ressurreição em forma de anjo.

Imagem 1 - o corpo do menino Aylan Curdi encontrado em praia turca

Fonte:https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=dnC%2brBDZ&id=9F2BCB5417575403B5B127006D998C60D958B172&thid=OIP.dnCrBDZqA6HPOBTe_vs7wEsCo&q=aylan+kurdi&simid=608010746378322560&selectedIndex=10&qpvt=aylan+kurdi&ajaxhist=0

Imagem 2 - escultura em homenagem ao menino Aylan Curdi

Fonte: https://exame.abril.com.br/mundo/papa-preconiza-amor-e-inaugura-estatua-de-menino-sirio/

A tragédia é visualizada diariamente. Encontramos refugiados em deslocamento por toda a África, Ásia, Europa, América e até Oceania em direção a países que tenham condições de recebê-los. A migração é em busca da sobrevivência e, nessa trajetória, enormes campos de refugiados são formados. Esses acampamentos são '*espaçostempos*' de enormes dificuldades de toda ordem – de fome constante a mau estado de saúde, em geral, sem educação formal Percebe-se, neles, a insensibilidade tanto do poder público local, como dos poderes internacionais. Em geral, migrantes têm atendimento somente com a ajuda de organizações humanitárias. Neles estão milhares de pessoas, muitas delas crianças, clamando por proteção. Como bem afirma Menezes (2019):

> Nos trânsitos marítimos, orientados do centro africano, via Magreb, para o sul da Europa, com a ilha de Lampadusa (Itália) tornando-se síntese emblemática, o Mediterrâneo ceifa vidas, oferecidas ao sacrifício em barcos superlotados. No tocante aos deslocamentos terrestres, a construção de barreiras busca defender fronteiras e coibir a circulação, maximizando a dicotomia entre livre circulação de capitais e produtos e trânsito de seres humanos, impondo embate profundo entre o direito à exclusividade de um território (e a defesa de interesses nacionais, nem sempre declarados) e os direitos humanos. (MENEZES, 2019:301)

Aylan se tornou um símbolo dessas tragédias anunciadas na tentativa de sensibilizar o mundo de que o migrante não representa uma ameaça, ele é um ser humano em busca de sobrevivência. Essas tragédias, como a de Aylan, transformaram-se em questões curriculares nas escolas e em outras redes educativas. Porém, precisamos pesquisar os acontecimentos em torno desse tema, para contextualizar e compreender o que é esse processo migratório e principalmente como esses acontecimentos podem se tornar questões curriculares e como elas atravessam as redes educativas que formamos e nas quais nos formamos.

Durante os processos de pesquisas nos quais estive envolvida, aprendi algo que considero valioso: ao narrarmos algum fato, alguma situação vivida por outras pessoas, não narramos a "coisa por si só" ou "a fala do outro" apenas. Ali está presente o que nós mesmos conseguimos '*verouvirsentirpensar'*. Narramos imersos em nossas próprias redes educativas que são redes de '*conhecimentossignificações'* muitas vezes complementares, porém, por vezes, contraditórias. Assim, acompanhar Kayllane, Aylan e tantos outros intercessores, não é, em outras palavras, narrar o que eles viveram, até mesmo porque a vivência é pessoal e intransferível, cada um sente de uma forma... O que apresento é sempre a minha narrativa acerca dos desdobramentos dos casos deles. É certo que o acontecimento vivenciado por eles, é deles, mas estas escritas sobre esses acontecimentos foram/são feitas por mim com tantos outros intercessores: autores, colegas da pesquisa, minhas redes de amigos, familiares, os participantes dos congressos em que apresentei e discuti meus trabalhos entre outros.

Kayllane foi quem sofreu um ataque preconceituoso, Aylan perdeu sua vida, eles viveram tantas situações provenientes de acontecimentos que despertaram meu interesse, minhas reflexões e buscas. O que trago são as problematizações que teci com as tantas situações decorrentes desses episódios. Pesquisei, interagi com outros, entre os diversos movimentos que fiz e que estiveram presentes na pesquisa do Mestrado e que agora fazem parte da tessitura da pesquisa do Doutorado.

Nilda Alves (2012) costuma reforçar que, na Modernidade, foi necessário ao desenvolvimento da Ciência criar a dicotomia entre os conhecimentos considerados de Deus, da natureza e aqueles que os homens criaram, para que pudessem avançar no desenvolvimento das tecnologias, de novos '*conhecimentossignificações'*. Desse modo, desenvolveu-se a Ciência Moderna: na premissa de que com o distanciamento entre o sujeito e o objeto, os dados das pesquisas seriam "puros" e nos dariam "a verdade", conhecimentos mais válidos, portanto, porque seriam 'cientificamente' comprovados. Entretanto, Alves (2008) nos mostra que as dicotomias se mostraram limitadoras para a compreensão das realidades sempre tão diversas. Recorro, ainda, a outros autores, na mesma corrente de pensamento, para avançar na minha pesquisa e dar, assim, um "mergulho com todos os sentidos nos cotidianos", entendendo que

> É esse envolvimento dialógico que nos leva a falar em *mergulho* e não em observação porque sabemos que a vida cotidiana desses e dessas praticantes não se reduz àquilo que é observável e organizável formalmente. Os múltiplos sentimentos, valores e processos vividos por cada um(a) na tessitura das redes de conhecimentos que dá sentido às suas ações precisam ser compartilhados coletivamente e, para fazê-lo, precisamos estar imersos nos sentidos e sentimentos dessas tantas histórias ouvidas e partilhadas (ALVES; OLIVEIRA, 2008:10).

Desta forma, me propus a trabalhar esta narrativa a partir das pesquisas com os cotidianos, porque possibilita mergulhar no universo dos '*praticantespensantes'* (OLIVEIRA, 2012).

As imagens são muito importantes para nós porque essas não são representações do real, são criação e foram trazidas para a narrativa porque com elas também pensamos, produzimos '*conhecimentossignificações'* e são tidas para Alves (2012), a partir do pensamento de Deleuze e Guattari (1992), também como "personagens conceituais"[10]. Elas compõem o trabalho e foram coletadas nos arquivos pessoais, na internet, nos filmes assistidos, nas diversas redes sociais e eventos acerca do tema.

---

[10] Esta noção é utilizada por Alves, porém a autoria do mesmo é de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), de quem a autora se apropria para entender que, para além de "fontes", as imagens, narrativas e sons permanecem muito tempo conosco para que se produzam ideias e noções explicativas e orientadoras.

1.2 **Pesquisar com os cotidianos e com os personagens conceituais**

Na pesquisa de Mestrado, minha proposta era compreender as pessoas e os '*conhecimentossignificações'* que circulavam nas redes educativas de Kayllane, a partir de imagens e escritos circulados nas redes sociais da internet e, em especial, no Facebook. Ela teceu uma trajetória de ativismo na luta contra a intolerância religiosa que atinge inúmeras pessoas e muitas delas crianças. Gostaria que o leitor pudesse, comigo, '*fazerpensarsentirouvir' 'conhecimentossignificações'* que não são hegemônicos.

Ao pesquisar, antes e hoje, apresento as narrativas que venho tecendo, a partir das conversas nos cotidianos. Durante o desenvolvimento do trabalho penso nas questões presentes nas pesquisas com os cotidianos através das narrativas produzidas com os *praticantespensantes* e de como o modo de pesquisar com os cotidianos são importantes para entender as 'conversas', as narrativas, os "personagens conceituais" (DELEUZE, GUATTARI, 1992) e as redes educativas em que nos formamos e que formamos.

Foram muitos os '*espaçostempos*' pesquisados. Pouco a pouco, fui percebendo o sentimento de desrespeito dos que vivenciam preconceitos e classificam como intolerância religiosa. O que muitos anseiam é o sentimento de respeito mútuo. Conheci diversos líderes religiosos e todas as 'conversas' convergiam para a palavra "respeito".

Nas pesquisas, vivenciei em diversas redes educativas (escolas, templos religiosos, terreiros, escolas de samba, escolas de teatro e em muitos outros lugares) em que crianças e jovens são *praticantespensantes,* um fato que me chamou a atenção: se a religião é presente em seus cotidianos, também estão presentes nessas redes, pois, ao adentrar os '*espaçostempos'* múltiplos que frequentam levam os '*fazeressaberes'* produzidos pelas suas vivências religiosas aos cotidianos de que fazem parte. No entanto, para muitos, muitas dessas práticas não são consideradas ou são vistas de forma negativa, como não-crenças.

De certa forma, a questão segue no Doutorado: o preconceito e a intolerância não só religiosa, mas, de certo modo, mais ampla, atingem o direito de crianças e jovens serem *praticantespensantes* de diferentes modos de ser e estar no mundo já que muitos carregam em seus cotidianos a experiência da migração. E ainda que não tenham essa vivência própria, terão de outras pessoas próximas ou de amigos de sala de aula.

Inspirada em Alves (2008), que afirma que é preciso "narrar a vida e literaturizar a ciência", procurei realizar uma narrativa que valorizasse os '*conhecimentossignificações'* que não são hegemônicos e nos quais há "uma outra escritura a aprender":

> Aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de "escrita"; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita*, uma *falaescritafala* (ALVES, 2008:30-31).

Buscando outra forma de '*fazerpensar'*, narramos os cotidianos, a partir das pesquisas que desenvolvemos. Entendo que, dessa forma, compreendemos melhor nossas próprias '*práticasteorias'*.

Nas narrativas, devemos esclarecer duas ideias, ainda inspiradas em Alves (2008) que seriam: a primeira, compreendendo que a "descrição" a ser feita "não significa um retorno à descrição que marcou a historicidade na época clássica, pois, ao contrário desta, não há na primeira [na narrativa] a 'obrigação' de se aproximar da 'realidade' mas sim de criar um espaço de ficção" (p. 32). A segunda se refere à impossibilidade de neutralidade do pesquisador, pois, entendemos que também nós nos tornamos *outros* da pesquisa, prontos a tecer fios das redes de '*fazeressaberes'* que trançamos com aqueles com quem conversamos e pensamos.

Recentemente, Alves, Andrade e Caldas (2019) revisitaram os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos que somos convidados a realizar com as autoras, tais como: "o sentimento de mundo"; "ir sempre além do já sabido"; "criar nossos personagens conceituais"; "narrar a vida e literaturizar a ciência"; "Ecce femina"; "a circulação dos '*conhecimentossignificações'* como necessidade". Esses movimentos serão abordados ao longo do texto. Enfim: a proposta metodológica e epistemológica de se compreender que produzimos '*conhecimentossignificações'* em pesquisas com os cotidianos me inspira e me ajuda a perceber o modo rizomático como esses movimentos emergem. Escolho essa abordagem, por acreditar que somos marcados pelo que vivemos cotidianamente e que através dessas vivências tecemos nossas redes de '*conhecimentossignificações'*.

No movimento denominado "sentimento de mundo", que foi inicialmente publicado em 2001 como "mergulhar em todos os sentidos", Alves (2008) nos diz que: "só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande mergulho na realidade cotidiana da escola e nunca exercitando o tal olhar distante e neutro" (p.20) o que para muitos é fundamental com a firme posição de manter o distanciamento em

suas pesquisas. Porém, compreendemos que o distanciamento entre "pesquisador" e "pesquisado", ou as dicotomias que marcaram os modos de se fazer Ciência na Modernidade são limites para as pesquisas desta corrente.

Quanto às '*práticasteorias'* curriculares, nas palavras de Brandão (2014), "essa forma de se fazer pesquisa vem sendo considerada, porque acreditamos que os '*docentesdiscentes'* dos cotidianos escolares têm muito a nos dizer acerca das soluções que encontram para as adversidades e diversidades encontradas nos '*espaçostempos'* escolares" (p. 20). Assim, Alves (2012) nos indica como utiliza a ideia de "personagens conceituais" em nossas pesquisas e afirma que compreende as narrativas produzidas nas "conversas" como "personagens conceituais", assim como as imagens e os sons:

> os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com que se 'conversa' e que permanece presente muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva, para que novos conhecimentos apareçam, para que lógicas se estabeleçam. É nessa mesma direção que afirmamos que para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, as narrativas (e sons de diversos tipos) e as imagens dos praticantes docentes e de outros praticantes dos '*espaçostempos'* cotidianos não podem ser entendidas, exclusivamente, como 'fontes' ou como 'recursos metodológicos'. Elas ganham o estatuto, e nisso está sua força, de personagens conceituais. Sem narrativas (sons de todo o tipo) e imagens não existe a possibilidade dessas pesquisas. Assim, ao contrário de vê-las como um resto rejeitável, dispensável do que buscamos, algo sempre igual e repetitivo, é preciso tê-las, respeitosamente, como necessárias aos processos que realizamos. Nesta pesquisa, então, partimos de uma afirmativa: "conversa-se muito nas escolas e nos múltiplos contextos de formação dos docentes". Para alguns (muitos?) isto é entendido como 'perda de tempo'. Mas nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, entendemos que este é o verdadeiro 'lócus' de pesquisa, pois nelas surgem imagens e narrativas que vão se transformar em nossos personagens conceituais (ALVES, 2012:12-13).

Ou seja, a partir de Deleuze e Guattari (1992), Alves reitera que "personagens conceituais", são elementos que possibilitam os processos de pesquisa, permitem formar teorias, pois são eles que permitem pensar as questões que nos colocamos para desenvolver pesquisas nesta corrente de pensamento.

Para compreender melhor os "personagens conceituais" precisamos abordar alguns aspectos como a ideia que é composta de forma não estática, sendo uma criação mediante o caos, e que nesse exercício, nada mais é que o pensamento filosófico tornando-se o "plano de imanência". Este que é aquele que nos oferece consistência aos conceitos sendo um todo e que dá suporte aos conceitos que o perpassam. Ambos não se misturam, porém, têm uma dependência mútua. Para Pacheco (2013) "o plano não é conceito, pois fosse dessa maneira os

conceitos perderiam as suas singularidades e tornar-se-iam universais e o plano, por sua vez, perderia a sua abertura"(32).

Ele se estabelece no caos que podemos caracterizar pela velocidade infinita nos quais os pensamentos acontecem e se apagam, sendo esse movimento necessário para que não haja limitações. Importante estabelecer um plano onde os conceitos possam transitar com uma consistência, mas repito, sem perder os movimentos infinitos.

> O plano é como um deserto que os conceitos povoam sem partilhar. São os conceitos mesmos que são as únicas regiões do plano, mas o plano que é o único suporte dos conceitos. O plano não tem outras regiões senão as tribos que o povoam e nele se deslocam. É o plano que assegura o ajuste dos conceitos, com conexões sempre crescentes, e são os conceitos que asseguram o povoamento do plano sobre uma curvatura renovada, sempre viável. (DELEUZE E GUATTARI, 2000: 52,53)

Podemos atribuir ao plano de imanência que ele seja uma imagem do pensamento. "O que o pensamento reivindica de direito, o que ele seleciona, é o movimento infinito ou o movimento do infinito. É ele que constitui a imagem do pensamento (DELEUZE; GUATTARI 2000:53).

O pensamento é movimento que se relaciona com conceitos próprios e de outros, sejam eles pessoas, artefatos, argumentos e nessa relação tornam-se nossos "personagens conceituais", que "por sua vez, operam os movimentos que delineiam o plano de imanência instaurado e ainda intervêm na criação mesma dos conceitos" (PACHECO 2013:74).

1.3 – *'Espaçostempos'* de novas tessituras, a metodologia das conversas e as *cineconversas*

Sobre as noções de lugar e de espaço, Certeau (2017) apresenta a seguinte consideração:

> Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual os elementos são distribuídos em relações de coexistência. Encontra-se aqui, então, excluída a possibilidade de duas coisas estarem no mesmo lugar. A lei do 'próprio aí reina'… Há espaço desde que se considere vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis… O espaço estaria em relação ao lugar da mesma forma que a palavra quando é pronunciada…Em suma, o espaço é um lugar praticado (CERTEAU, 2017:184).

Assim são os cotidianos de migrantes/refugiados em busca de um espaço, em busca de um lugar praticado como nos adverte Certeau.

Os deslocamentos de pessoas, por diversos motivos, quase sempre alheios à vontade das populações que se veem impelidas a deixar para trás seus *'espaçostempos'* em busca de novas oportunidades de vida, criam a necessidade de que relações diversas sejam tecidas entre os migrantes/refugiados e a população local. São muitas as questões envolvidas nesses entrelaçamentos, passando pela língua, pela cultura, pela compreensão de novas realidades, enfim por incontáveis fios.

É urgente e necessário tecer redes de variados tipos em torno das questões dos movimentos migratórios. Essas redes podem contribuir para minimizar a xenofobia que assola migrantes/refugiados pelo mundo. As nossas trajetórias nos marcam e é através delas que tecemos nossas redes de '*conhecimentossignificações*', estabelecendo 'conversas', porque "a oralidade está em toda parte, porque a conversação se insinua em todo lugar; ela organiza a família e a rua, o trabalho na empresa e a pesquisa nos laboratórios" (CERTEAU; GIARD, 2017:337). Por meio das 'conversas', que se dão a partir de situações vividas, de filmes que assistimos, de leituras diversas, criamos condições propícias para que estudantes e professores, e nós também, como pesquisadores, tomemos conhecimento da realidade, de cada processo vivido por nossos semelhantes, podendo, assim, aumentar o número de pessoas que compreendem esse processo traumático, pensem e trabalhem em prol de uma sociedade mais igualitária e sem preconceitos, de um acolhimento real e humano. Afinal, todos temos a ganhar na convivência com o *outro*. Aquele que pode ser semelhante ou diferente, em muitas facetas, mas que, com a convivência, sempre teremos a oportunidade de '*aprenderensinar'*.

No projeto atual que desenvolvemos, buscamos perceber, questionar e criar processos com docentes e discentes acerca da temática da migração e o sentido de alteridade através de *cineconversas,* mas não somente delas. Buscamos ressaltar nesses *'espaçostempos'* as "táticas"[11] que os *praticantespensantes* (OLIVEIRA, 2012) se dispuseram a criar para superar as adversidades encontradas, como por exemplo, as conhecidas rotas de fuga de muitos migrantes, a adaptação aos costumes do país de acolhida, a rica troca de conhecimentos entre todos os envolvidos, pois, como nos inspira Oliveira (2012), a riqueza das pesquisas com os cotidianos está justamente em captar as artes de fazer dos

[11]A ideia de "táticas" está associada à ideia de "estratégias", em Certeau. Oliveira as destaca da seguinte forma: "estratégias são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugares e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam, portanto, as relações espaciais (...). As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um "golpe", aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc." (CERTEAU, 1994:102 *apud* OLIVEIRA, 2008:59).

praticantespensantes – não só nas escolas – mas em tantos cotidianos, *'dentrofora'* das escolas.

> Estas "artes de fazer" dos praticantes, os usos e as táticas que desenvolvem cotidianamente são inscritas e delimitadas pelas redes de relação de forças entre o forte e o fraco que definem as circunstâncias das quais podem aproveitar-se para empreender suas "ações". O trabalho de pesquisa *nos/dos/com os cotidianos* pretende captar essas artes de fazer, essas operações realizadas nas escolas, por professores e alunos nos usos 'astuciosos' e clandestinos que fazem dos produtos e regras que lhes são impostos, buscando, com isso, ampliar a visibilidade dessas ações cotidianas e compreendê-las em sua originalidade, bem como em suas 'regras' próprias de produção e desenvolvimento. (OLIVEIRA, 2012:37)

Nesses '*espaçostempos'*, as sessões de *cineconversas,* que consistem na exibição de filmes com conversas após as mesmas, funcionam, repetimos, como "personagens conceituais" para nos ajudar a pensar e criar na pesquisa. É uma metodologia que está de acordo com as pesquisas com os cotidianos. Considerar as *cineconversas* como um procedimento de pesquisa permite uma intensa troca de experiências com *os cotidianos*, entre todos os envolvidos. São através das conversas ali tecidas que surgem as narrativas dos '*praticantespensantes'* nas pesquisas. Certeau e Giard afirmam que "a oralidade exige o reconhecimento de seus direitos, pois começamos a descobrir mais nitidamente o papel fundador do oral na relação com o outro." (2017:336)

Assim, dentro da pesquisa-mãe – como chamamos aquela que todo o grupo de pesquisa realiza junto, que está em torno dos "Processos curriculares e movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas" – as *cineconversas* se deram a partir de múltiplos filmes e apresento dois deles com interlocuções entre as redes educativas e a migração. Mas não só nesses dois filmes o procedimento das *cineconversas* se apresenta, a encontramos em toda a tese.

Importante destacar que o procedimento das conversas, presente nas *cineconversas*, está presente em nossas vidas através das muitas conversas que tecemos ao longo do nosso caminhar. Quando estamos elaborando artefatos culturais para se tornarem artefatos curriculares, estes se dão por meio de conversas em nosso laboratório de pesquisa, nas salas de aula do componente curricular Pesquisa e Prática Pedagógica, nos corredores da Universidade e em muitos outros *'espaçostempos'*. É claro que, academicamente, estamos sempre apoiados pela leitura de diversos autores que nos fazem pensar, que são nossos personagens conceituais. Serpa (2018) nos aponta que "a conversa em seus múltiplos sentidos é a conversa que me interessa particularmente refletir e defender como uma metodologia potencializadora de nossas pesquisas e práticas (2018: 108).

É claro que muitas vezes o diálogo com o *Outro* pode não ser o esperado, ou o desejado, pois estamos envoltos em um processo de superação. São muitas forças que envolvem crenças, interesses, muitos mundos que não conhecemos, onde devemos considerar como se dão as negociações.

Alves, Chagas e Mendonça nos apresentam a importância das conversas nas escolas para as nossas pesquisas, principalmente as negociações que nelas ocorrem:

> Desse modo, entendemos que nessas conversas, interessa-nos conhecer o que ocorre nas escolas, pela versão que lhes dão os tantos *'praticantespensantes'* que por elas circulam e, mais ainda, interessa-nos: conhecer as negociações de diversos tipos que são necessárias e estão presentes nelas, seja em disputas por hegemonia, em lutas políticas diversas - locais ou globais-, em contradições ideológicas, em crenças de múltiplas origens, o que produz memórias de inúmeros tipos e permitem ações curriculares diversificadas; produzir o levantamento de possibilidades curriculares que aparecem sendo vividas cotidianamente; buscar perceber as articulações entre '*conhecimentossignificações'* conteúdos e processos curriculares realizados ou possíveis de imaginar, tanto quanto os processos que podem acontecer a partir dali ou que poderiam ter acontecido se… Em resumo: os processos diferenciados e complexos e, sempre, caóticos que nas escolas aparecem como realidade ou como virtualidade, em múltiplos acontecimentos, a partir de necessidades sentidas. (2019:203)

E assim, '*vendoouvindosentindopensando'* o que acontece nas escolas através dos usos e criações de seus *'praticantespensantes',* tecemos as muitas possibilidades de acontecimentos reais ou virtuais, através das conversas.

Em nossa pesquisa, compreendemos o uso de narrativas, imagens e sons do cinema através das *cineconversas* acerca dos filmes que *'vimosouvimossentimospensamos'*. Dessa forma

> Diferentes experiências são narradas, e nas narrativas somos levados ao riso, ora às lágrimas, ora à indignação ou ao sonho. Quantas vezes paramos e dizemos: agora você me fez pensar outra coisa...e percebemos, assim, o quanto o pensamento do outro vai convidando o meu a realizar um movimento vertiginoso. onde pensamos não só sobre o que o outro diz, mas sobre o que dizemos; não só sobre a experiência que o outro narra, mas sobre nossa própria experiência ressignificada no pensamento do outro? Aprendemos com o outro mais sobre nós. O que sabemos amplia-se, morre, renasce. (SERPA, 2018: 105)

Essa é a grandeza da metodologia das conversas, pois ela muitas vezes nos faz ressignificar nossas crenças de forma a nos conhecermos. Em nossas pesquisas, trabalhamos com a ideia de que através das conversas, trocamos *'fazeressaberes'* e ressignificamos nossos pensamentos acerca das narrativas e dos acontecimentos

Interessante ressaltar que em nossas *cineconversas* usamos qualquer tipo de filme: comédia, drama, nacionais, estrangeiros, antigos, atuais entre outros. O importante é que eles

nos possibilitem conversas. Isso porque para nós o cinema é repleto de possibilidades para, de forma ampla, compreendermos as questões migratórias e muitas outras.

Sendo assim, apresento um breve relato sobre a situação migratória na atualidade e os dois filmes *'vistosouvidossentidospensados'* em *cineconversas*: *Entre os muros da escola* e *Human Flow*.

2 A TEMÁTICA E O CINEMA COMO DESPERTAR

As *cineconversas* são para nós um '*espaçotempo*' metodológico onde '*vemosouvimossentimospensamos'* os filmes que assistimos em grupo. O cinema é um importante artefato cultural da sociedade e pode facilmente ser transformado em artefato pedagógico, dada a sua facilidade de exibição. Mesmo os lugares mais simples do interior do Brasil possuem um modo de expor filmes, ainda que na praça, de forma improvisada. Aqui me refiro ao assistir em grandes telas porque rapidamente eles chegam a programação dos canais de TVs.

O cinema é uma paixão mundial e movimenta bilhões de dólares anualmente. Para nós não seria diferente e posso arriscar dizer que ele é, para nosso grupo de pesquisa, uma paixão. Com ele fazemos currículo na/com formação de professores. Os estudantes, envolvidos nas *cineconversas*, formam e se formam.

Esse capítulo aborda o processo migratório e questões teóricas a respeito desse processo nas redes educativas. São considerações tecidas ao longo da pesquisa em *cineconversas,* encontros em outros locais de pesquisa com a temática migratória e com o grupo em nosso laboratório.

2.1 Migrar é preciso: ontem, hoje e sempre

> *O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências.*
>
> *Humberto Maturana*

Desde sempre a mobilidade humana acontece em nosso planeta. Pessoas migram por diversas razões e esse, nem sempre, é um movimento voluntário. Pessoas são forçadas a sair de suas casas ou país, por diferentes razões, e passam a encontrar uma série de dificuldades. Em 2020, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) apontou que há 39 mil pessoas forçadas a migrar diariamente por causa de conflitos e perseguições de diversas ordens, além de questões ambientais, sanitárias, entre outros. E essa é uma situação

que vem sendo apontada há anos por pesquisadores e pela própria mídia. Trago aqui Moreira, que em 2017 já nos apresentava um alerta acerca da dimensão desse fenômeno:

> A atual mobilidade humana no planeta atinge dimensões impressionantes e traz consequências absolutamente novas para os povos e ecossistemas do planeta. Ela está nada menos do que reconfigurando a humanidade. Basta mencionar os processos culturais de desenraizamento e deslocamento, de crises econômicas e identitárias; os conflitos étnicos, culturais e religiosos; as hibridizações, as fusões e os sincretismos; a exportação de gostos, costumes, valores e mercadorias; a profunda transformação na percepção de espaço e tempo; as mudanças na percepção de si, do outro e do mundo (MOREIRA, 2017:8).

Hoje, vivemos uma das maiores crises humanitárias globais. O fato se dá principalmente devido ao aumento da pobreza mundial e dos conflitos armados na África e no Oriente Médio, produzidos por uma extrema concentração de riqueza nas mãos de poucos, na atual fase do capitalismo. Há um grande interesse econômico da indústria bélica em manter esses conflitos acirrados. Há a busca incessante de apropriação dos locais de produção de petróleo. Bem como um enorme espaço das instituições financeiras que nada produzem, só fazem circular, na forma de papéis, o dinheiro produzido por outros. Neste mundo de lucros e acumulação excessiva, cerca de 80% de refugiados migram para países vizinhos ao seu país de origem.

Dados mais recentes do ACNUR apresentam o alarmante número de 82,4 milhões[12] de pessoas deslocadas em 2020, sendo 48 milhões deslocadas internamente, 20,7 milhões em situação de refúgio sob mandato do ACNUR, 5,7 milhões de palestinos deslocados, 4,1 milhões na condição de solicitantes de refúgio e 3,9 milhões de deslocados venezuelanos[13].

Os países que mais abrigam refugiados na atualidade são: Turquia (3,7 milhões)[14], Colômbia 1,7, Paquistão (1,4), Uganda (1,2) e Alemanha (1,2). Importante ressaltar que a maioria dos refugiados no mundo hoje, ou seja, 84% deles, foram acolhidos por países em desenvolvimento. Sendo 57% oriundos da Síria (6,7 milhões), do Afeganistão (2,7 milhões) e do Sudão do Sul (2,3 milhões). A situação dos países acolhedores é caótica, pelo fato de serem carentes em desenvolvimento econômico e tudo mais que isso acarreta. O fato gera muitas dificuldades de assistência sanitária, médica, moradia e outras.

E como agir frente a essa grave crise humanitária no mundo? Para o ACNUR, há três ações a serem tomadas: a primeira é a repatriação voluntária. Essa ocorre em pequena escala; a segunda é a integração local que significa a reconstrução da vida em um novo país; a terceira, o reassentamento que ocorre quando a segurança de um refugiado ainda permanece

---

[12] Dados coletados no site acnur.org em 13/07/2021.
[13] Dados coletados no site do acnur.org (relatório de tendências globais) em 18/06/2021.
[14] Dados coletados no site acnur.org em 13/07/2021.

em risco mesmo já tendo saído do país de origem. Nesse caso, o refugiado segue para outro país.

A tomada de ações para gerar o acolhimento e a inserção do migrante/refugiado na sociedade local é um acordo mundial estabelecido na convenção das Nações Unidas, em 28 de julho de 1951, que foi dedicada ao Estatuto dos Refugiados com o intuito de resolver a situação dos refugiados na Europa após a segunda guerra mundial. Nele são estabelecidos direitos e deveres do refugiado bem como do país de acolhida. Como a convenção prevê a cobertura de eventos antes de primeiro de janeiro de 1951, houve a necessidade da criação de um protocolo, submetido à Assembleia Geral das Nações Unidas, no ano de 1966, contemplando novas situações de conflitos e perseguições e o estabelecimento de novos fluxos de refugiados sob a proteção da convenção. Esse protocolo passa a vigorar a partir de quatro de outubro de 1967. Nele fica estabelecido que o ACNUR possui a competência para promover instrumentos internacionais para a proteção de refugiados e ainda, atuar na supervisão de sua aplicação.

Qualquer pessoa pode ser migrante, porém, refugiado significa uma condição que precisa ser reconhecida de acordo com a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967, que abrange as seguintes premissas:

> são pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados. (site Acnur, acessado em 31/03/2020)

É importante explicitar à população de cada país que recebe refugiados que ninguém o é por escolha. Há um fator de grande instabilidade que força as pessoas a pedirem refúgio. Nas palavras de Menezes (2019):

> Os atos complementares de emigrar e de imigrar implicam, inevitavelmente, perda, aquisição e ressignificação de identidades, bem como processos definidos por fronteiras que se posicionam para além de limites físicos, incluindo dimensões culturais, imaginárias e simbólicas. Ninguém parte quando está plenamente satisfeito com seu viver, seja nos planos econômico, político, emocional, ou de perspectivas futuras. Partir em direção a uma terra que não é a sua de origem, definindo-se, portanto, como estrangeira, implica que a exterioridade adquirida pode ou não ser minimizada, com amplas possibilidades de perpetuar-se no tempo. Partir exige coragem e sacrifícios, significando, inevitavelmente, fraturas familiares, com o sentimento de perdas toldando os horizontes futuros. (MENEZES, 2019:312)

E, a esse cenário de incertezas, ainda se soma o registro de mazelas no comportamento humano como o racismo, o preconceito religioso e muitos outros, que tornam ainda mais difícil a situação dos migrantes/refugiados. Para Bobbio (2002):

> O preconceito é uma opinião errônea, no entanto, trata-se de um erro mais tenaz e perigoso do que qualquer outro, pois é um erro que corresponde a sentimentos e interesses de um grupo em relação a outro. Assim, o preconceito é uma predisposição em creditar como verdade algo que é um interesse ou um sentimento irrefletido. (BOBBIO, 2002:103 *apud* ANDRADE, 2006:99).

Conversar acerca das contribuições que os movimentos migratórios trazem para as relações humanas e sociais, nos aspectos culturais e econômicos, dentre outros, nos aproxima desses acontecimentos na vida. Porém, nem sempre é fácil tratar destas questões que são tão significativas sem corrermos o risco de sermos ingênuos. Nesse sentido, na pesquisa desenvolvida no grupo e incorporada aos processos que realizo para a tese, o cinema se caracteriza como uma grande potência para nos ajudar a '*sentirouvirverpensar'* acerca dessas questões presentes em nossos cotidianos.

Muitos filmes que retratam as migrações são de ficção, principalmente aqueles que retratam as migrações clandestinas. Schurmans (2014) aponta:

> A migração clandestina constitui uma categoria entre várias, a par de outras como a migração econômica, a migração resultante de um conflito, etc. [...] trata-se igualmente da migração de mais difícil abordagem (a clandestinidade da atividade explica a falta de dados fiáveis, a dificuldade de acesso às vítimas, assim como a dificuldade em distinguir certos atos voluntários de outros forçados). [...] É justamente por causa destas características que os guionistas dos filmes sobre clandestinos optaram pela ficção e não pelo documentário, a primeira sendo mais apta a preencher os vazios e os silêncios, mais apta também a traduzir o sofrimento em personagens e assim comover, o que significa, neste preciso contexto, implicar o recetor (SCHURMANS, 2014:94-95).

Nesse contexto de ficção, podemos tocar a sensibilidade daquele que assiste às cenas de fuga, da escassez de alimentos, das longas caminhadas sem destino, das crianças sem lar, sem escola, sem brinquedos, sem perspectiva. Isto porque entendemos que todos aqueles nesta situação podem '*verouvirsentirpensar*' com aquilo que é criado em filmes.

O cinema nos faz refletir acerca da criação de realidades a partir das próprias crenças nos ajudando a pensar e a entender os processos de virtualização e atualização como potências do que é possível criar na vida. Para Guerón (2011),

> A identidade entre a estrutura do real e a estrutura do cinema, que descobriremos a partir de Deleuze, nos abrirá a possibilidade de entender o cinema como uma máquina que revela os problemas do mundo e é capaz de liberar novas possibilidades para esse mundo. Por isso, estudar e buscar entender o cinema só tem sentido como parte de um movimento de estudar e buscar entender a própria vida. (GUERÓN, 2011:26)

Em nosso país, temos, atualmente, o cenário das migrações venezuelanas em nossos cotidianos. A Venezuela que, por muitos anos recebeu migrantes colombianos, nos apresenta reflexões importantes a respeito do processo migratório, tais como: ocorre um grande fluxo de

migrantes clandestinos para o Brasil, que entram no país pela facilidade da fronteira (Roraima é uma grande porta de entrada); a população se vê obrigada a migrar porque há uma grande escassez de alimentos, de serviços básicos e uma privação de liberdade imposta por dificuldades internas e bloqueios externos, que não cabe analisar aqui por sua complexidade e diferentes interpretações.

Recentemente, houve no Brasil esforços políticos de regularização desses migrantes. Valorizar o *outro*, amar o *outro* e respeitar o *outro* como legítimo outro, de acordo com Maturana, na epígrafe deste capítulo, é urgente e necessário.

Podemos acompanhar ações por parte do ACNUR e do governo brasileiro em distribuir essa população migratória pelo interior do Brasil, mas ainda encontramos xenofobia por parte de muitos brasileiros que percebem o estrangeiro como inimigo, como aquele que veio para "roubar" lugar no escasso mercado de trabalho local (afinal também somos um país que enfrenta dificuldades econômicas).

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desenvolve uma parceria com a Igreja Católica, através de uma Instituição presente no mundo inteiro, a Cáritas. Seu objetivo é receber o migrante/refugiado e prestar o primeiro atendimento, buscando a integração da pessoa na sociedade. Cuida dos aspectos legais e procura encaminhá-lo ao mercado de trabalho, após ter um contato inicial com a língua oficial do país, que permita a comunicação verbal. Embora seja iniciativa da igreja Católica, não possui caráter confessional e atende a qualquer nacionalidade ou adepto de qualquer religião. Seus funcionários também são selecionados independentemente do credo que professam. A proximidade geográfica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Cáritas é um facilitador dessa parceria que envolve muitos projetos, sendo o de aprendizado da língua portuguesa o inicial, já que a Cáritas buscou a UERJ no sentido de implantar cursos de português para migrantes, o que permitiu a criação da Cátedra Sérgio Vieira de Melo.

2.2 **O filme *Entre os muros da escola***

O primeiro filme é o que tem por título *Entre os muros da escola* e nos apresenta conflitos e criações que ocorrem na escola com a presença de migrantes e franceses oriundos das colônias. Esse é um dos filmes com os quais conversamos no grupo e em minha pesquisa.

Imagem 4: Cartaz de divulgação: *Entre os muros da escola*

Fonte: filme *Entre os muros da escola*

O filme, misto de documentário e ficção, que nos permite reflexões a respeito da importância da educação no processo de inserção e acolhimento de migrantes e refugiados é *Entre os muros da escola*, (direção: Laurent Cantet, 2008, França). Ele apresenta uma sala de aula com adolescentes franceses, africanos, latino-americanos e asiáticos e traz à cena situações que eles vivem em seus cotidianos.

Imagem 5: cena do filme "Entre os muros da escola" com um movimento de acolhimento aos estudantes

Fonte: filme Entre os muros da escola

Imagem 6: cena do filme “Entre os muros da escola” com estudantes migrantes participando da aula

Fonte: filme “Entre os muros da escola”

No filme percebemos claramente o esforço do professor François para que os alunos aprendam o francês e se coloquem como autores do próprio processo de aprendizagem, através de uma aula participativa em que os alunos são estimulados a opinar e a se relacionar de forma respeitosa. A tarefa é árdua, pois os alunos expressam seus processos de migração que, na maioria das vezes, são penosos, com agressividade e falta de interesse nos estudos. Nos conselhos de classe, fica evidente que os professores divergem na conduta com os estudantes.

Imagem 7: cena do filme “Entre os muros da escola” com o professor realizando uma aula interativa com o estudante Soleymane

Fonte:filme “ Entre os muros da escola”

Alguns docentes não compreendem que, muitas vezes, o comportamento agressivo é o reflexo das dificuldades enfrentadas pelos discentes na vida, especialmente no processo migratório, situação enfatizada no filme. O estudante Souleymane, um dos mais indisciplinados da escola, na avaliação dos professores, destaca-se por não encontrar sentido em nada do que as aulas oferecem e pela total falta de relação com seus colegas. Durante um trecho do filme, sua mãe e seu irmão comparecem a uma reunião com o professor François para que tomem conhecimento do comportamento de Souleymane. Sua mãe, que não fala o francês, afirma através do outro filho, que não compreendia as advertências que o filho levava para casa e o irmão, por sua vez, apenas perguntava a Souleymane se estava tudo bem. A passagem exemplifica a barreira que a não compreensão do idioma traz para a inserção e o acompanhamento de um migrante em sala de aula e na sociedade em que ele está vivendo.

Em Paris, há bairros nos subúrbios que são, em sua maioria, povoados por migrantes e que possuem fronteiras "invisíveis": dificuldade de transporte, moradia, emprego. Muitos migrantes são oriundos das ex-colônias francesas na África e na Ásia, além de migrantes, do leste europeu em busca de condições melhores de vida.

Acreditamos ser importante estabelecer conversas com estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia problematizando questões como: quais seriam as principais dificuldades dos estudantes migrantes? O que eles estão sentindo? O que esperam da escola? De que forma a escola pode intervir para minimizar os efeitos negativos desse processo? E de que forma a atuação da escola pode ser positiva para a vida dos migrantes? Quais são as fronteiras para além das delimitações de espaços geográficos e políticos? Nas redes educativas, criamos fronteiras? De que forma? Por quê?

Como afirmado anteriormente, essa opção teórico-metodológica-epistemológica pelas pesquisas com os cotidianos compreende que os '*espaçostempos'* são tecidos através das 'conversas'. É nessa relação que as trocas de '*fazeressaberes'* ocorrem nos cotidianos.

Para mergulhar nas pesquisas com os cotidianos, aprofundamos com Alves, Andrade e Caldas (2019) algumas posturas, sendo instigadas a realizar movimentos, tais como "o sentimento de mundo" que nos conclama a não olhar o outro com preconceito e sim de modo a entendê-lo em sua condição de migrante. Podemos entender da seguinte forma:

> que ao tratarmos dos cotidianos estamos trabalhando com "lugares ditos difíceis" nos quais se expressa "a humilde razão" dos seres humanos em suas vivências diárias, com suas "tantas formas de pequenas misérias". ... nos '*espaçostempos*' cotidianos, nas tantas redes educativas, seus '*praticantespensantes*' criam '*conhecimentossignificações*' necessários ao seu viver. Por fim, a afirmativa de que para pesquisar com os cotidianos, seus pesquisadores e pesquisadoras precisam muito mais do que afirmar o olhar – sentido hegemônico, desde a Modernidade. É preciso compreender que nossos muitos sentidos são convocados sempre nas

> relações das pesquisadoras e pesquisadores com os cotidianos, com os '*praticantespensantes*' desses tão diferentes e múltiplos '*espaçostempos*'. Desse modo, os processos de pesquisa nessa corrente exigem olhar, mas também ouvir, tocar, cheirar, degustar tudo aquilo que aparecer em nossos caminhos. (ALVES, ANDRADE , CALDAS, 2019: 5)

Dessa forma, as pesquisas com os cotidianos nos exigem estar abertos e dispostos a compreender o que se apresenta em nossas pesquisas, sempre interrogando, analisando com todos os nossos sentidos.

Todo esse movimento nos aguça a compreender a trajetória de migrantes/refugiados com muita intensidade, com todos os sentidos voltados para a alteridade. Narramos mergulhados nas nossas próprias redes de '*conhecimentossignificações'*. Narramos em conversas com os personagens conceituais que elegemos nas pesquisas e esses personagens são múltiplos: textos, filmes, pessoas, coisas... Por essa razão, é interessante lembrarmos que

> Às conversações comumente não é atribuída nenhuma relevância ou *status* nas lógicas de poderes acerca da "construção do conhecimento moderno: como creditar inteligência e complexidade requintada às astúcias de uma prática tão comum?" (CERTEAU, GIARD, 2017: 338).

Certeau e Giard (2017) nos chamam atenção para a importância das conversas, embora muitas vezes elas sejam tidas como menos importantes. Mas exatamente através delas conseguimos nos expressar, ouvir o *outro* e fomentar pensamento atravessado pelas considerações realizadas na conversação. E ainda, fazendo alusão à Alves (2007) que nos coloca que *'vimosouvimossentimos'* o mundo a partir de nossas redes, Deleuze (2007) nos convoca a ter exatamente esse cuidado com nossas percepções:

> nós não percebemos a coisa ou a imagem inteira, percebemos sempre menos, percebemos apenas o que estamos interessados em perceber, ou melhor, o que temos interesse em perceber, devido aos nossos interesses econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas (DELEUZE, 2007:31)

Esse cuidado destacado por Alves (2007) e Deleuze (2007) se torna condição relevante para que possamos sair de nossas crenças, que muitas vezes podem ser limitantes e nos abrirmos ao novo, à mudança de paradigmas, à revisão de velhos e arcaicos sentimentos que aprisionam/rotulam o *outro,* o diferente, o estrangeiro...

2.3 O filme: *Human flow: não existe lar se não há para onde ir*

É preciso encontrar a coragem de abrir espaços
onde todos se sintam amados,
permitir novas formas de hospitalidade,
fraternidade e solidariedade.

Papa Francisco

O segundo filme que escolhemos, com o seu lindo título, é um documentário realizado pelo artista plástico Weiwei.

Imagem 8: Cena de abertura do filme com um barco atravessando o mar mediterrâneo

Fonte: Cena do filme "Human flow"

Filme documentário de 2017 que nos ajuda a pensar questões relativas às migrações, a produção alemã e norte-americana *Human flow: não existe lar se não há para onde ir*, direção de Ai Weiwei, acompanha, ao longo de um ano, situações de migrantes/refugiados pelos mais diversos motivos em 23 países. No filme, ele apresenta a condição cruel na qual a grande maioria das pessoas se encontra. Privados de perspectivas de vida, sem moradia, sem alimentação, sem acesso à saúde, educação, sem a possibilidade de cultuar seus credos, sem a condição de pertencimento a uma nação, os migrantes/refugiados caminham, de forma inexorável, sem orientação e sem destino em busca simplesmente de sobreviver.

Através do cinema, podemos acompanhar muitos acontecimentos com o processo migratório, e não só através dele, mas por meio de outras artes e da mídia em geral. Embora a cobertura revele o poder de escolha daquilo que é veiculado, não podemos negar a sua importância para nos fazer tomar conhecimento de fatos nacionais e internacionais. No caso do processo migratório, que possui escala mundial, na maioria das vezes, é através dela que acompanhamos diversos acontecimentos, não os mais caóticos e relevantes do ponto de vista de urgência humanitária, mas aqueles que mais se tornarão notícia. Nesse sentido, para Foucault (1971):

> O acontecimento não é nem substância nem acidente, nem qualidade, nem processo; o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é

> imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é efeito; possui seu lugar e consiste na relação, coexistência, dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. Digamos que a filosofia do acontecimento deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo do incorporal. [...] Não se trata, bem entendido, nem da sucessão dos instantes do tempo, nem da pluralidade dos diversos sujeitos pensantes; trata-se de cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis. Tal descontinuidade golpeia e invalida as menores unidades tradicionalmente reconhecidas ou as mais facilmente contestadas: o instante e o sujeito. [...] É preciso aceitar introduzir a casualidade como categoria na produção dos acontecimentos. (FOUCAULT, 1971:57-59)

Para elucidar o que estou afirmando, casos como os campos de refugiados no norte da África que estão estabelecidos há mais de 20 anos, já não são divulgados e casos isolados envolvendo migração na Europa são fortemente veiculados, principalmente, quando há alguma tentativa de passagem de fronteira de forma ilegal. Essa é uma das muitas denúncias que o documentário apresenta.

Imagem 9: Campo de refugiados no Iraque

Fonte: Cena do filme Human flow

Para Manguel (2001), as imagens, assim como as histórias, nos informam. Segundo ele, Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requereria imagens, dizendo:

> Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; e, quando a alma afirma ou nega que essas imagens são boas ou más, ela igualmente as evita ou as persegue. Portanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental (MANGUEL, 2001: 21).

Um veículo importante de divulgação do que acontece no processo migratório é a internet. Diversas imagens e textos são publicados nas redes sociais, e essas notícias são importantes para veicular fatos sobre o processo migratório. Através das imagens de destruição da guerra na Síria, dos barcos naufragando no mediterrâneo, dos campos de refugiados, das pessoas caminhando sem destino, fugindo dos horrores da fome, do medo de

morrer, passamos a ter conhecimento de algo que não está próximo ao nosso cotidiano. O próprio filme *Human Flow* apresenta diversas imagens reais localizadas em todos os continentes do planeta. E diante desse cenário, como não questionar: por que muitos governantes no mundo estão inertes a essa violação dos direitos humanos?; Por que não se leva em consideração as consequências desse processo na sociedade? Como é possível aceitar crianças em sofrimento extremo? O que pode justificar a morte de vidas inocentes a partir de conflitos religiosos e políticos?

Trago Manguel (2001) para nos ajudar a pensar em que circunstâncias as imagens são produzidas e consumidas:

> Quando lemos[15] imagens de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. É como se ampliássemos o que é limitado por meio da arte de narrar histórias conferindo à imagem imutável uma vida infinita (MANGUEL, 2001: 27).

Imagem 10: cidade Síria devastada pela guerra

Fonte: Cena do filme Human flow

Pensar que a imagem se torna uma potência para elucidar as barbáries ocorridas contra migrantes e refugiados é um caminho de sensibilização para a causa. É terrível. Provoca sentimentos de compaixão, indignação e sofrimento. E, ele, Manguel (2001) afirma que só podemos ver aquilo que, em algum feitio ou forma, nós já vimos antes. Ou seja, só podemos ver aquilo de que já possuímos alguma imagem, que pertence às nossas redes de '*conhecimentossignificações'*. Se a opressão da guerra não ocorre conosco, como sentir o que ocorre com as outras pessoas, se não há nenhum registro ou imagem do ocorrido em nossas vivências?

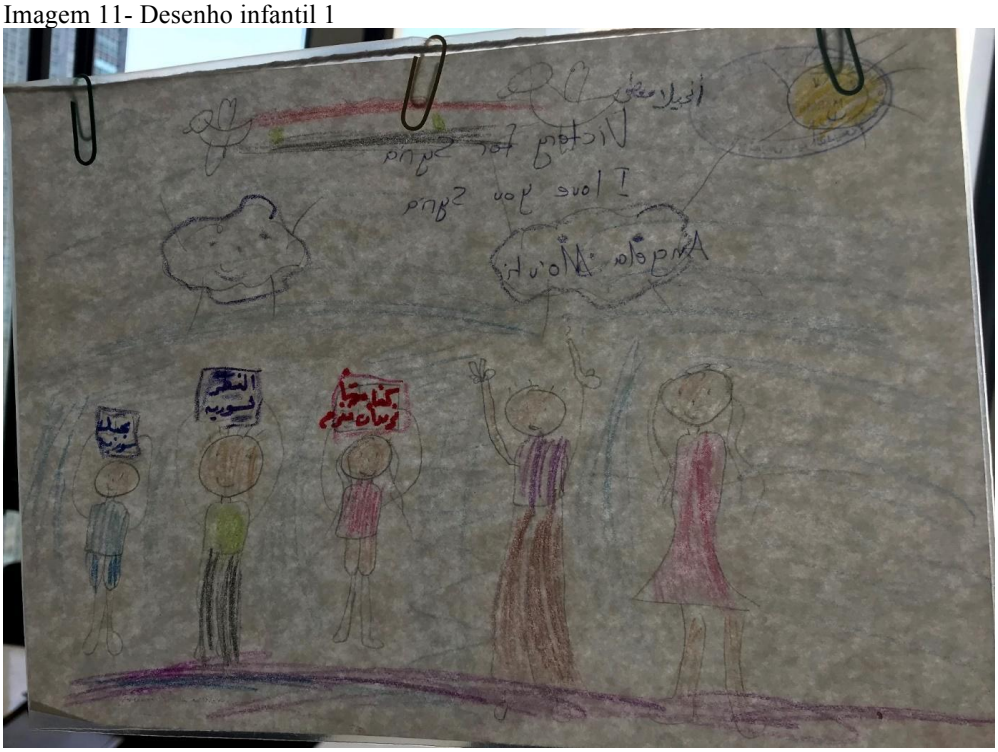
[15] No grupo de pesquisa desenvolvemos 'conversas' em torno desta questão: o que fazemos com as imagens é uma leitura? Tendemos a compreender que não, já que a leitura exige o conhecimento de códigos línguisticos, enquanto a imagem é sentida diferentemente e sem a existência, necessariamente, de códigos especiais.

A potência da imagem muitas vezes nos sensibiliza. Ela é um caminho pelo qual podemos “tocar” as redes educativas em que docentes e discentes estão mergulhados e trabalhar com os ‘*conhecimentossignificações’* que cada imagem nos traz.

Porém, não podemos ser ingênuos e acreditar que todos terão a mesma atitude. Para muitos, prender um migrante ilegal é um momento de extrema satisfação. Na fronteira dos Estados Unidos com o México, muitos da própria população local ajudam a patrulhar a extensão da fronteira e gravam vídeos demonstrando a enorme satisfação de quando alguém é capturado. Mas é preciso lembrar que há muitos que compreendem essa movimentação e possuem gestos de ajuda, como distribuir água para esses migrantes, já que esta fronteira é em região desértica.

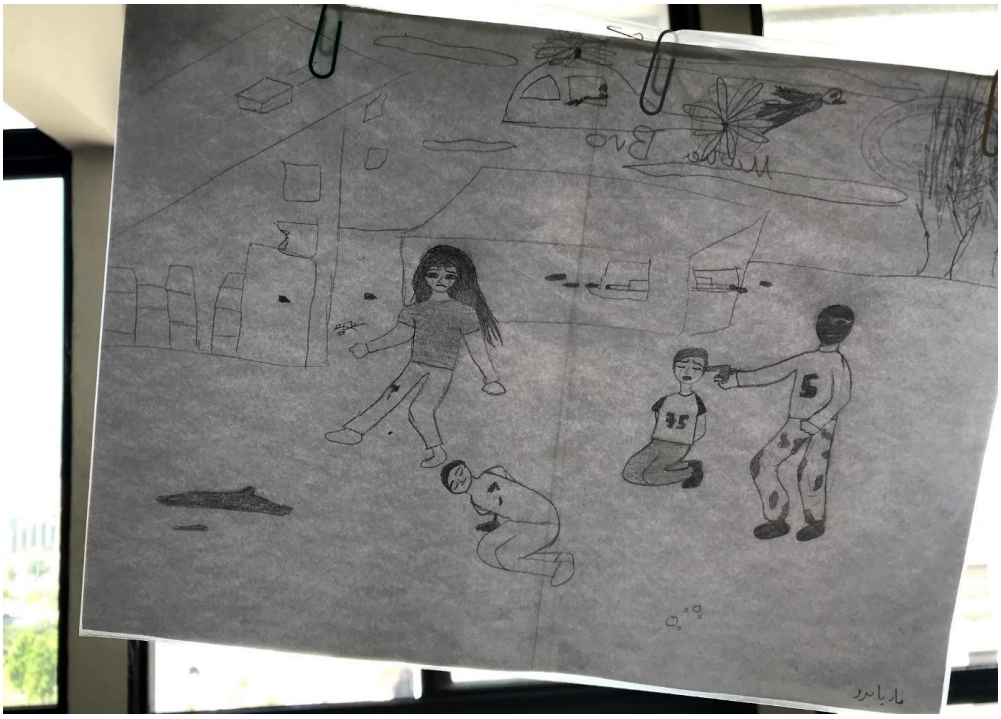
Através de uma exposição em uma instituição católica que se intitula "A igreja que sofre”, pude ter contato com desenhos de crianças sírias realizados em escolas. São eles:

Imagem 11- Desenho infantil 1



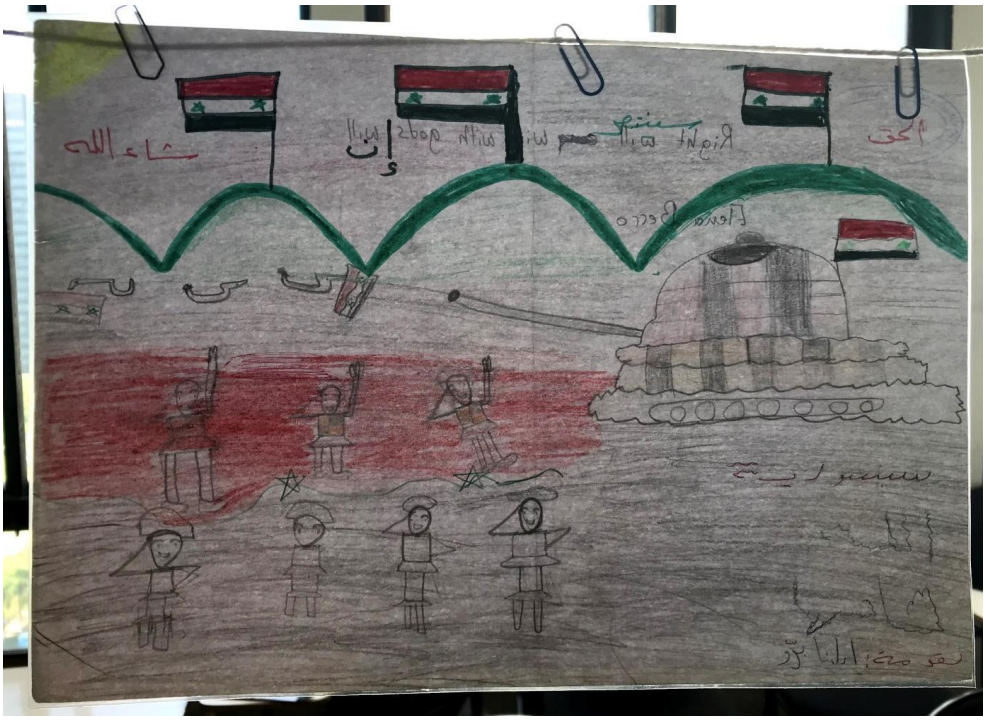
Fonte: arquivo pessoal

Imagem 12 – Desenho infantil 2



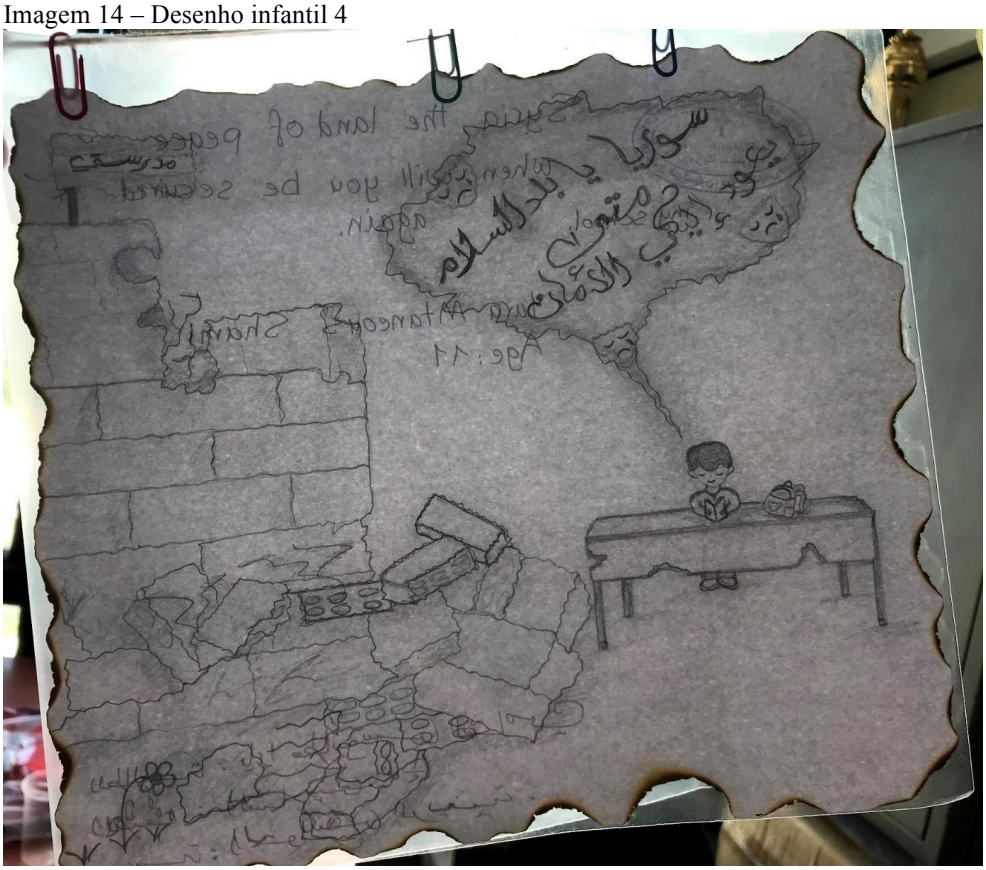
Fonte: arquivo pessoal

Imagem 13 - Desenho infantil 3



Fonte: arquivo pessoal

Imagem 14 – Desenho infantil 4



Fonte : arquivo pessoal

Os desenhos provocam diversos sentimentos em quem os vê, desde compaixão, a revolta de por que o mundo faz isso com essas crianças? Por que tão cedo têm contato com uma realidade agressiva, inóspita? E esse último é de uma criança lendo um livro e a parede sendo destruída, como um acontecimento cotidiano. Como pode uma criança se acostumar a viver nessa situação bárbara?

Imagem 15: Famílias com muitas crianças em rota de caminhada a um destino incerto

Fonte: Cena do filme Human Flow

Ao me deparar com a imagem das crianças à beira da estrada, me reporto às redes das *'práticasteorias'* de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas", porque nelas, as vivências dessas crianças, jovens e adultos é diversa, tanto nos aspectos das relações, quanto nos aspectos das paisagens e ambientes por onde circulam. Para Alves (2019):

> As vivências nesses *'espaçostempos'* diferenciados, por atuações e frequência em seus múltiplos "ambientes" vão incorporando "paisagens" diferenciadas, permitindo relações com diferentes 'praticantespensantes' oriundos de múltiplos grupos sociais, criando culturas próprias, exigindo diferentes processos educativos. (2019: 132)

Embora na grande maioria dessas rotas de fuga e dos acampamentos de migrantes não haja redes educativas formais, as redes informais ocorrem de forma rizomática, quando menos esperamos, porque temos dentro de nós '*conhecimentossignificações*' que estão presentes em nossa forma de *'verouvirsentirpensar'* o mundo e seguimos *'aprendendoensinando'* por onde passamos e interagimos.

Importante ressaltar que a condição dos refugiados é de fuga por questões políticas, de guerra, religiosas, fome, doenças e outras. E Certeau (2017) nos aponta a sua compreensão desse caminhar:

> Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privatização de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano. (CERTEAU, 2017:170)

Gallo (2014), em conversa com Lévy (1998), nos diz que a comunicação é imagética, portanto, ela informa, forma e deforma. Quais são os usos que as pessoas fazem dessas imagens? O que essas imagens provocam? Que narrativas elas suscitam? Que memórias elas acessam? E o que faremos? Qual a nossa responsabilidade com essa criação? É importante estar atento às intenções que estão por trás de cada imagem, bem como que, a criação que eu faço, vai ao encontro daquilo que eu tenho em minhas vivências.

Para Nilda Alves, reiteramos, as imagens, os sons e as narrativas são "personagens conceituais" Deleuze e Guatarri (1992), e nos fazem pensar, por esse motivo a importância deles em nossa linha de pesquisa como já explicitado anteriormente. Esse é um dos importantes movimentos traçados por Alves, Andrade e Caldas (2019:9): "criar nossos personagens conceituais" para com eles conversarmos e criarmos. Esse movimento, anteriormente era denominado "beber em todas as fontes" e foi repensado pelas autoras com a justificativa de que não seria buscar fontes como algo 'dado' e sim criar com nossos

intercessores na pesquisa. Através de conversas com as obras de Deleuze e Guattari (1992), criaram esse movimento compreendendo que:

> o essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artistas – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro (DELEUZE, GUATTARI, 1992:156).

Nesta perspectiva, as pesquisadoras justificam a mudança na compreensão da metodologia e de seus movimentos:

> foi possível, pouco a pouco, termos esta compreensão que dentro de uma pesquisa com os cotidianos, nos é necessário criar nossos intercessores – os personagens conceituais – o que difere completamente de outras propostas de pesquisa que pretende encontrar "fontes" com as quais possam "encontrar verdades". Os "personagens conceituais" que criamos e com os quais 'conversamos' nos servem para compreender aquilo que pesquisamos e para nos fazer pensar (ANDRADE, ALVES, CALDAS, 2019:12).

E nesse movimento de "criar nossos personagens conceituais", esses que são nossos intercessores, que nos ajudam a compreender os movimentos da pesquisa, que me reporto a epígrafe deste capítulo. Nela, o Papa Francisco nos pede que abramos espaço para que todos se sintam amados, onde haja formas de fraternidade e solidariedade. Creio nas redes educativas, que encorajam estudantes a alcançarem seu potencial cognitivo, artístico, afetivo, mas sobretudo, que elas sejam um '*espaçotempo*' feliz.

3 A PROPOSTA DE TRABALHO NAS REDES EDUCATIVAS ENVOLVENDO AS QUESTÕES MIGRATÓRIAS NO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Quando nós, estudantes dos cursos de pós-graduação em Educação, somos formados para sermos pesquisadores, envolvidos em um curso de formação de professores, especialmente no componente curricular PPP, como é o nosso caso, damos forma às '*práticasteorias*' das pesquisas em educação. Para Alves (2019):

> A pesquisa necessária à formação de professores - e pedagogos, em geral - é aquela que permite o 'uso' de processos de pesquisa (desde a observação à escrita sobre conhecimentos acumulados nos processos) com as atividades desenvolvidas nas práticas das tantas redes educativas existentes e nas quais estes profissionais são chamados a atuar, com conhecimento das inúmeras teorias pedagógicas que formaram o campo - em suas tantas diferenças. Lembremos ainda, que essas práticas têm relações diferentes daquelas que precisamos ter em pesquisa, com essas teorias existentes, criando articulações próprias. Em umas e outras existem relações de *'práticasteorias*', mas elas têm sentidos, ênfases e expressões diferenciadas. (2019: 127,128)

Dessa forma, fazemos parte da pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e nela temos a oportunidade de trocar '*conhecimentossignificações*' com diversos grupos de estudos, entre nós, integrantes do grupo coordenado pela professora Nilda Alves e com as turmas de formação de professores da graduação, em especial o curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da mesma universidade.

No curso de Licenciatura em Pedagogia participamos da formação dos alunos de graduação com a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP). Nas turmas em que a professora Nilda Alves atua como regente, realizamos os estágios docentes auxiliando-a nas aulas. Alves (2019) os aborda como *'espaçostempos'* transdisciplinares que vêm permitindo trabalhos conjuntos e mais duradouros, com estudantes e professores com certa continuidade, com práticas pedagógicas e conteúdos regulares, porém, abertos à criação e às inovações. Interessante pontuar que esses componentes curriculares inovadores são fruto de reivindicações de movimentos sociais preocupados com a formação do professor. Dessa forma, pontuamos essa formação como sendo a das "redes educativas das *'práticasteorias'* da formação acadêmico escolar". Elas são os '*espaçostempos'* de formação docente oficial em diversas licenciaturas. E Alves (2019), nos diz que:

> As relações foram formando cada um de modo muito diverso, mas que, seguramente com elas, foram *'aprendendoensinando':* a como ser professor; o que esperar de estudantes e de autoridades educacionais; que conteúdos são mais interessantes para si; que recursos culturais estão '*dentrofora*' das escolas e "podem/não podem" estar nelas presentes etc. (2019:117)

Nesses *'espacostempos'* de formação acadêmico escolar, nosso grupo de pesquisa, como já dissemos, compreende as imagens, os sons e as narrativas como personagens conceituais e através deles que inserimos o tema das questões migratórias no currículo, tendo as *cineconversas como ponto* de partida para nossos estudos.

Através delas podemos falar a respeito do processo migratório, da xenofobia, do racismo, da intolerância religiosa, das próprias experiências narradas pelos *'discentesdocentes'* ali presentes, afinal somos um país constituído por uma miscigenação nem sempre assumida, oriunda das diversas migrações externas e internas, considerando, em especial a presença dos povos nativos, os indígenas e os afrodescendentes, pelo intenso fluxo de africanos escravizados que aqui se estabeleceram e que constituem mais da metade da população brasileira.

Essa formação, que se dá a partir das inúmeras redes educativas que todos formamos e nas quais nos formamos, busca compreender fatos sociais relevantes. Como já explicitado anteriormente, ele ocorre por diversos motivos e se transformam em experiências curriculares. Nossas aulas são desenvolvidas a partir das *cineconversas* em torno dos filmes que envolvem migração para '*verouvirsentirpensar*' acerca das questões migratórias nos filmes e na realidade: sua narrativa, suas imagens, seus sons... e são muitas as possibilidades de "uso" em currículos. As conversas que se dão após a exibição dos filmes, são gravadas em vídeos e, também, fazemos conversas *online*, como continuidade das conversas presenciais. Todo esse movimento possui um aporte teórico apresentado ao grupo no início do semestre.

Esse movimento nos reporta ao que Alves, Andrade e Caldas (2019) nos apresentam como "ir além do já sabido" que em outro momento foi pensado como o movimento de "virar de ponta a cabeça". Nele, Alves, procurava explicar que para a criação de uma nova corrente de pesquisa, precisava subverter o que já se havia aprendido. A ideia agora é ultrapassar...

Na nova leitura do movimento, percebe-se que a partir do que havia sido *'feitopensado*', permite-se ir adiante, ou seja, conhecer o que já foi pensado, criado, para que se possa questionar e até mesmo negar algumas ideias e ir adiante, pensando em novas criações, indo além.

> O combate aos modos de pensar hegemônicos, vindos de criações humanas em momentos anteriores, não se dá por dizermos como eles são 'maus' ou 'insuficientes' – não o foram no momento de seu surgimento e, ao contrário, foram revolucionários, pelo menos aqueles com que 'conversamos'. Trata-se de ir além deles, com o que aprendemos com eles, realizar 'conversas' entre nós e com outras pesquisadoras/es, fazer aparecer modos outros de '*fazerpensar*' que atendam ao que ainda não foi '*feitopensado*' e que precisa ser '*feitopensado*', entendendo que só assim nos é possível ir adiante. (ALVES, ANDRADE, CALDAS, 2019:8)

Desta maneira, compreendemos que "ir além do já sabido" nos ajuda a compreender e criar novos modos de '*aprenderensinar',* através daquilo que já foi pensado, das conversas e de novas criações.

E assim, realizamos oficinas com o intuito de criar. Nelas produzimos artefatos curriculares para '*aprenderensinar*'. Dessa forma, somos '*praticantespensantes*' e nos remetemos ao quarto movimento dos cotidianos que chamamos "narrar a vida e literaturizar a ciência". Esse movimento nos autoriza a pensar a narrativa como prática acerca de memórias de práticas:

> Neste sentido, compreendemos o valor social da narrativa que contribui para narrativas – orais e escritas - que rompem com o modelo hegemônico das mesmas na ciência moderna, pois considera que '*conhecimentossignificações*' surgem em inúmeros '*espaçostempos*' a partir de múltiplas e complexas relações humanas e que se expressam para muito além de textos escritos (ALVES, ANDRADE, CALDAS, 2019:15)

Este movimento, nos faz pensar fora da lógica instituída, quando vê potência em "narrar a vida e literaturizar a ciência":

> se constitui, portanto, em um movimento de romper tanto com um sujeito anônimo de uma linguagem supostamente neutra, como de autorizações dadas para o falar ou escrever por alguém colocado em uma única posição. Nas pesquisas com os cotidianos reconhecemos que todos somos autores como '*praticantespensantes*' de múltiplos e diversos cotidianos que surgem nas tantas redes educativas que formamos e nas quais nos formamos (ALVES, ANDRADE, CALDAS, 2019: 15)

Dessa forma, farei agora a narrativa de como se deram os processos de transformação de artefatos culturais em artefatos curriculares. Esses aconteceram durante o componente curricular PPP e outros espaços de formação do grupo de pesquisa. Momentos valiosos de formação para todos os envolvidos nos quais literaturizamos a ciência e onde "os *'conhecimentossignificações'* resultantes desses processos são apropriados, também, em outras redes educativas nomeadas e atuantes." (ALVES, 2019: 128)

3.1 **De artefatos culturais a artefatos curriculares – filmes**

Em uma de nossas turmas, produzimos dois filmes. O primeiro, *Sarapatel*[16], apresenta as questões migratórias internas, do nordeste para o sudeste e o segundo, *O*

[16] https://drive.google.com/file/d/1Q8TeuQJ7ia731cBnw7DXEwjVXSRRlpwJ/view?usp=drivesdk

presente[17], apresenta questões migratórias de um congolês recém-chegado ao Brasil, tentando viver de vendas de produtos de seu país de origem.

No primeiro, houve identificação imediata, por termos muitos alunos com familiares nessa condição, ou seja, avós, pais, primos, tios que vieram da região nordeste em busca de uma vida melhor, em busca de emprego, de condições de estudo e outras, como foi a saga da minha própria família como narrei no início do texto. Os estudantes narraram situações cotidianas vivenciadas por seus familiares e por eles próprios e identificaram a Feira de São Cristóvão como um ponto de encontro e de manutenção da cultura local e como um centro de resistência e criação na cidade do Rio de Janeiro.

Na oficina, primeiro planejamos como faríamos o filme, elaboramos um roteiro e posteriormente confeccionamos máscaras para guardar o anonimato dos estudantes, questão que muitas vezes impede a exibição de um filme por não se ter autorização de todos os envolvidos nas filmagens e não só por isso, mas sem dúvida para criar com as muitas possibilidades de imagens.

As fotos a seguir nos mostram um panorama de como foi o processo conjunto de criação no laboratório de pesquisa:

Imagem 16 – confecção de máscaras

Foto: arquivo pessoal

[17] arte_master.mp4

Imagem 17 - Confecção de máscaras

Fonte: arquivo pessoal

Imagem 18 - Confecção de máscaras

Foto: arquivo pessoal

Com as máscaras prontas e o roteiro elaborado, o processo de filmagem utilizou a técnica de uso do "chroma key"[18]:

Imagem 19 – Gravação em estúdio do filme

Fonte: arquivo pessoal

Imagem 20 - Gravação em estúdio do filme

Fonte: arquivo pessoal

[18] Técnica de efeito visual que consiste em colocar uma imagem sobre outra através do anulamento de uma cor padrão como, por exemplo, o verde ou o azul.

Imagem 21 - Gravação em estúdio do filme

Fonte: arquivo pessoal

Imagem 22 – Cena do filme

Fonte: arquivo pessoal

Imagem 23 – Cena do filme

Fonte: arquivo pessoal

Tudo foi elaborado em conjunto pelos alunos da graduação, com os doutorandos, mestrandos, bolsistas de iniciação científica e sob a coordenação da professora Nilda Alves, mediante a necessidade de compreendermos os "usos" dos artefatos tecnológicos presentes em nossas redes educativas. Nessa experiência, bem como nas aulas *online* através do facebook[19], do *zoom*[20] e dos *podcasts*[21] evidenciamos "as redes das *'práticasteorias'* de produção e "usos" de mídias". Nelas, Alves (2019) evidencia que

> Essas relações vão se dando, … porque as crianças e os jovens - os estudantes nas tão diversas escolas brasileiras - em seus fáceis, diversos e duradouros contatos com as chamadas novas mídias, vêm criando canais inusitados para os *'conhecimentossignificações'* dentro das redes educativas que formam e nas quais se formam e com isto, exigindo relações de seus professores com as mesmas. (2019:131)

No roteiro estabelecemos que faríamos imagens no laboratório de pesquisa e outras seriam realizadas na própria feira de São Cristóvão. No laboratório, aprendemos com uma doutoranda na época, hoje doutora, Noale Toja, a utilizar a técnica do "Chroma key". Essa técnica nos ajudou a selecionar as imagens e utilizá-las de acordo com o roteiro que havia

---

[19] Página da web onde seus usuários registrados trocam informações pessoais e uma série de conteúdos. Através do Facebook pode ser criada uma comunidade de amigos e conhecidos de maneira virtual. Deve-se ressaltar que esta plataforma é uma versão das diversas redes sociais que podemos encontrar na internet.

[20] Aplicativo de software de videoconferência que permite a interação virtual com pessoas.

[21] Trata-se de um arquivo digital de áudio transmitido através da internet que transmite conteúdo variado.

sido estabelecido. Foi interessante partilhar a experiência e sentir-se co-autor de todo o processo, discutindo durante a elaboração do roteiro qual seria o foco do filme. Decidimos enfocar o aspecto cultural, envolvendo a música, a alimentação, as danças típicas e as vestimentas. Tudo foi explorado nas imagens realizadas na feira.

Imagem 24 – Cenas do uso do recurso do chroma key com a gravação em fundo infinito com um pano azul.

Fonte: arquivo pessoal

Imagem 25 – Cenas do filme Sarapatel

Fonte: arquivo pessoal

Imagem 26 – Cenas do filme Sarapatel

Fonte: arquivo pessoal

Todo o processo de elaboração dos filmes evidencia "as redes das *'práticasteorias'* pedagógicas cotidianas" nas quais cada *'espaçotempo'* cotidiano nos formou, "aquilo que verdadeiramente forma os docentes para as práticas pedagógicas, curriculares e didáticas" (ALVES 2019:119). E ainda, todas essas práticas, ali *'aprendidasensinadas'* vêm sendo

partilhadas em encontros e congressos importantes como a ANPED, Endipe e muitos outros. Para a autora, "tudo é observado e incorporado como formação" (ALVES 2019:119) e nos apontam:

> as diferenças físicas e organizativas entre as salas de aulas; os contatos diários com estudantes diversos e em geral, em grande número; a situação da materialidade das salas - limpeza; recursos didáticos que possuem; possibilidade de ocupação com material criado pelos docentes e discentes; as conversas desenvolvidas na sala dos professores com seus momentos de encontros possíveis: na hora da entrada; na hora do recreio e seu cafezinho, quando pode existir; nas reuniões pedagógicas … (ALVES 2019:119)

Considerando todas as redes das *'práticasteorias'*, nosso maior objetivo com esse trabalho é articular os modos como as questões da presença de migrantes/refugiados, vindos de diferentes regiões e de diversos países, estão inseridas nas escolas brasileiras e nos currículos nelas criados, estabelecendo relações diversas nos tantos *'dentrofora'* das escolas, nas redes educativas. É o que nos ensinam Alves, Filé e Vargas Netto, (2007):

> Com isso, a ideia de que há um *dentro* e um *fora* – da escola, da família, dos movimentos sociais, das igrejas – perde sentido e nos exige pensar que precisamos incorporar a ideia do *dentrofora,* o que vai exigir, então, uma grande capacidade de articular o que vai sendo pensado, usado, criado nesses múltiplos contextos e que aparece *encarnado nos praticantes* em cada um deles ao entrarem no '*espaçotempo'* escolar, entendido como aquele onde se trabalha o *currículo* (ALVES, FILÉ, VARGAS NETTO, 2007:66, grifo dos autores).

Nesse contexto, trabalhamos questões como o entendimento de que os processos migratórios acontecem desde sempre, em toda história da humanidade e que essas questões, bem como os estudantes migrantes, estão presentes nas escolas e nos currículos e de como fazemos parte desse processo uma vez que somos herdeiros de diferentes culturas. Através dos filmes que retratam essa mobilidade humana por diversas razões, trabalhamos a compreensão de que o modo de registro da memória humana no cinema ocorre através de imagens, narrativas e sons, propiciando discussões éticas, políticas e estéticas.

Importante também caracterizar movimentos nacionais e internacionais migratórios, bem como os modos como estão presentes nos currículos, tanto os 'oficiais', quanto aqueles criados nas escolas, compreendendo os hibridismos culturais que neles se estabelecem, através de memórias de processos curriculares outros.

Como a oficina foi realizada em um curso de formação de professores, entendemos ser importante desenvolver a produção de artefatos culturais como vídeos, cartões postais, livros de literatura e podcasts para crianças e jovens, visando ações e experiências necessárias de *'aprendizagemensino'* das questões migratórias em processos curriculares e que possam ser usados nas escolas.

O segundo filme aborda a história de migrantes de outros países que muitas vezes começam a trabalhar na informalidade, como ambulantes, em consequência da dificuldade de compreensão da língua e de ter algum empregador que ofereça o primeiro emprego. O mesmo também tem forte ligação com a história de nosso país, uma vez que milhares de africanos, de diferentes regiões, foram trazidos à força para trabalhar como escravos e a grande maioria da população brasileira é descendente desses migrantes forçados.

Em grupo, discutimos quais são as abordagens possíveis para se trabalhar esses '*conhecimentossignificações*' vencendo as barreiras da xenofobia, do preconceito e do racismo. As propostas sugeridas foram no sentido de se conversar a partir da história, da geografia, do contexto econômico e político atual. Por que migram? Quais as diferenças entre migrantes e refugiados? Para onde querem ir? Onde conseguem chegar? Quais países oferecem real acolhida? E no Brasil, qual a realidade frente a tantas dificuldades em nossos cotidianos? Quem são esses migrantes? Que redes de ajuda eles formam? Quais órgãos os auxiliam? O que sentem? O que deixaram para trás? Quais eram seus ofícios? Pensam em retornar? Enfim, infinitos questionamentos podem surgir em uma valiosa experiência de compreender a importância de articular esses '*conhecimentossignificações*' com a produção de artefatos culturais que, nas escolas, passem a ser artefatos curriculares. E sobretudo, a compreensão do outro. *'Pensandosentindo'* que o importante na convivência humana é o amor, as ações que constituem o outro como um legítimo outro na realização do ser social que tanto vive na aceitação e respeito por si mesmo quanto na aceitação e respeito pelo outro (MATURANA, 2001:32) que propomos uma outra tessitura de *'versentirpensarouvir'* os filmes com todos os sentidos.

Além dos dois curtas apresentados, realizamos em nosso grupo de pesquisa mais três curtas com a temática da migração: *Os muitos mundos das migrações e os currículos escolares - iniciando o projeto*[22], *Travessia - Migrações e cotidianos*[23] e *Dois Irmãos*[24]. Esse último, inspirado nas leituras da obra de Milton Hatoum, um escritor de família migrante libanesa, foi uma composição de materiais de arquivo contemporâneos e de época, além do uso do desenho para compor uma animação.

---

[22] https://vimeo.com/218818085

[23] https://vimeo.com/312990427

[24] https://drive.google.com/file/d/1oM30UH7qA_Tu7qAUTh4TuhrIaQgouvAQ/view

Imagem 27 – Filme Travessia - colagem com a mistura de imagens de arquivo e avatares digitais

Fonte: arquivo pessoal

Lemos vários livros desse mesmo autor como *Dois Irmãos* (2000), *Relato de um Certo Oriente* (1989), *Cinzas do Norte* (2005), *Órfãos do Eldorado* (2008), *A Noite da Espera* (2017) e outros e realizamos inúmeras conversas no laboratório. Nossas conversas eram acerca dos livros e em textos de teóricos que conversam com nossos estudos e que serviram de orientação para criarmos um vídeo com questões migratórias.

Escolhemos o livro *Dois Irmãos* (2000) como inspiração, pois aborda o cotidiano de uma família de migrantes libaneses em Manaus, destacando as dificuldades de compreensão da língua, da interação entre as culturas migrantes e nativas, além do enredo sobre os dois irmãos que enfatiza a rivalidade entre ambos. Fato esse que provocou o envio de um dos irmãos ao Líbano por alguns anos, tornando-o, no retorno, um estrangeiro em seu próprio país.

Isso repercute na escola, pois ao retornar, Yaqub, um dos irmãos, não domina mais o português e encontra dificuldades com a língua, sendo ridicularizado pelos colegas e pelo seu irmão, Omar. Entretanto, encontra refúgio na Matemática, uma linguagem que domina bem e passa a se destacar nos estudos por esse motivo. Torna-se engenheiro em São Paulo e anos mais tarde, retorna a sua cidade natal para empreender.

Interessante que todo o romance é narrado por Nael, que é o filho de Domingas, empregada da casa, de origem indígena. Ao longo da história, Nael busca pela verdade de quem é seu pai, Yaqub ou Omar? O enredo explorado nas conversas do grupo, passa pela questão da miscigenação de um povo, bem como, pelas cenas do contexto escolar e cultural.

Essas foram escolhas que fizemos durante a adaptação do artefato cultural para o artefato curricular.

Não precisamos ser fiéis a uma obra para adaptá-la, para nós importa perceber os cotidianos narrados sobre questões migratórias. As narrativas de Nael, nos mostram inúmeras cenas da cidade de Manaus, das florestas, dos barcos navegando pelos rios e também do mercado popular. São cenas que levam o leitor a imaginar aqueles cotidianos de forma criativa, como se estivessem passeando pela capital amazonense.

Imagem 28 – Cena do filme Travessia - Irmãos brigam em disputa de um amor-animação / colagem de desenho e fotografia.

Fonte: arquivo pessoal

A criação busca imprimir no curta o sentimento dos migrantes, os sons, as imagens das matas, dos povos nativos e dos personagens do curta. Selecionamos músicas, sons como o de navio, de pessoas falando, criamos bonecos, cartões postais, selecionamos imagens da Web, realizamos diálogos, entre outras criações. Embora tenha sido inspirado na obra de Milton Hatoum como dito anteriormente, criamos uma nova história a partir das muitas conversas que tivemos no laboratório de pesquisa. O resultado final encontra-se na Web[25] e foi apresentado na ANPED Nacional em 2019, tornando-se mais um artefato cultural transformado em artefato curricular.

Alves e Garcia (2000) nos apontam que "as redes são *'espaçostempos'* de reprodução, transmissão e criação de *'práticasteorias'* que se articulam, permanentemente, embora com

[25] https://drive.google.com/file/d/1oM30UH7qA_Tu7qAUTh4TuhrIaQgouvAQ/view

intensidades e sentidos diversos" (2000:7). Esperamos que esses artefatos curriculares possam inspirar outros modos de fazer em nossas redes educativas.

3.2 **De artefatos culturais a artefatos curriculares - livros**

Nesse processo formativo de estudantes da graduação, ou melhor, docentes em formação na sua maioria, a criação de artefatos curriculares relacionados ao tema migratório torna-se uma importante maneira de desenvolver novas práticas em sala de aula, através do processo criativo que o desenvolvimento destes artefatos nos proporcionam. Através da literatura, ou mais ainda, das artes, nos envolvemos no conhecimento dos cotidianos de outros, de crianças migrantes e muitas vezes fazemos conexões com nossas próprias famílias que já viveram essa experiência. Guerón (2011) nos coloca que: "as imagens já não estão mais lá a serviço desses homens e suas histórias; ao contrário, ele coloca os homens diante de outras possibilidades, outros sentidos possíveis para essas histórias" (p. 106).

Para nos inspirar a desenvolver livros de literatura infantojuvenil com as estudantes do componente curricular PPP, fizemos a aquisição de inúmeros livros, acreditando que "a literatura é um caso de inacabamento, de um devir, e por isso favorece o aparecimento de novos modos de vida" (PACHECO, 2013:130):

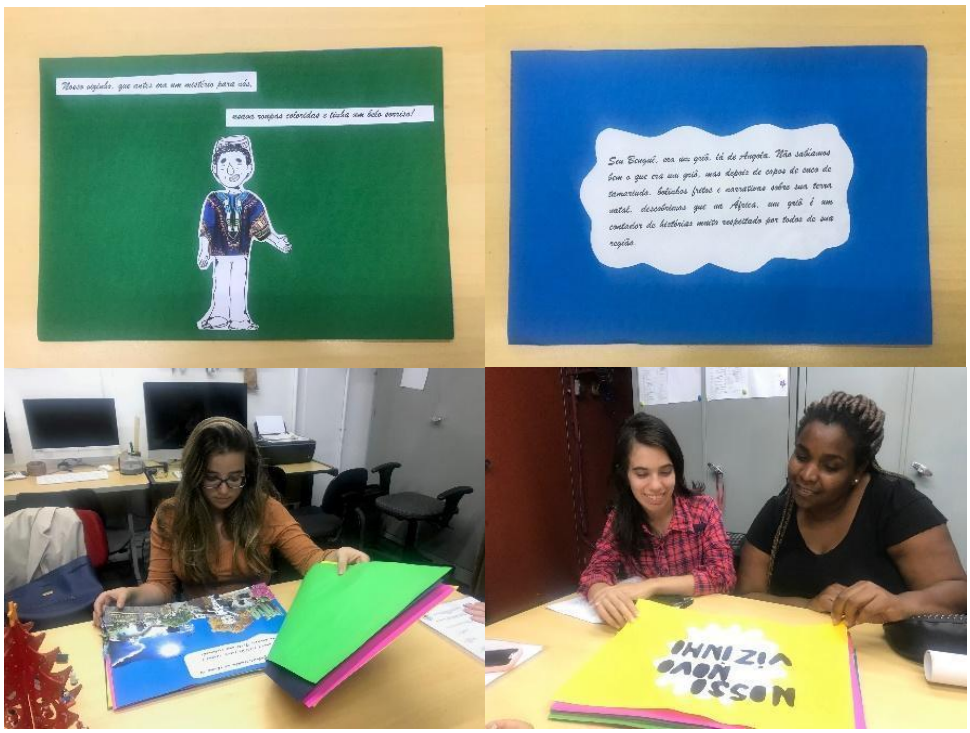
Imagem 29 - literatura infantil abordando a migração e o refúgio

Fonte: arquivo pessoal

Os livros ilustrados acima foram lidos e analisados – em textos e ilustrações – em algumas aulas deste componente, com a intenção de que fosse criado um outro livro. Assim foi: criamos um livro com a temática da migração e os estudantes foram autores de cada página. Elaboramos o roteiro do livro, escolhemos as imagens, desenhamos outras, compramos e reciclamos o material necessário para a criação do mesmo e montamos tudo no laboratório de pesquisa com a participação de todos. Processo rico, de partilhas, negociações, risadas, parcerias e uma criação final interessante para "usos" nas redes educativas. Seguem-se as páginas do livro criado e duas fotografias de algumas de suas autoras, manuseando-o depois de finalizado.

Imagem 30 – Livro elaborado pelo grupo de pesquisa (conjunto de imagens)

Deixa eu apresentar meus amigos da vila:
Esquerdo!
Bento, Ana e Isa.
Juntos formamos o Grupo
da Patrulhinha!
Um certo dia,
fomos para casa da Ana
e da janela
avistamos uma caixa de estampa diferente!
O que seria?
A turminha viu a tal caixa no ônibus
e nas paredes da
casa do seu vizinho tinham máscaras.
Parecia de carnaval! Será?
Então pensamos...
quem seria esse vizinho???
Um domingo, na hora do almoço, sentimos um cheirinho gostoso de comida.
Aquele aroma nos levou à casa dele!
Quando nos aproximamos, ouvimos uma música! Mas não entendíamos o que dizia!
De repente, a porta se abriu.
Não nos conhecemos, no encontro dos nossos olhares.



Fonte: arquivo pessoal

A experiência de criação deste artefato cultural motivou estudantes a pensarem as muitas possibilidades de suas práticas pedagógicas passadas, presentes e futuras. Dessa forma, Pacheco (2013) nos apresenta que "Deleuze se interessa pela literatura porque propõe novas maneiras de pensar, e também em função do como a experiência literária incide sobre as regras que formalizam a linguagem e o pensamento" (PACHECO, 2013:130). Para Deleuze e Guattari (1995):

> Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo o próprio livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária etc. - e com uma máquina abstrata que as arrasta. (1995:3)

E é nesse sentido, de um livro, sendo uma máquina literária, narrando a chegada de um migrante para estabelecer moradia em uma vila, que buscamos fazer a conexão entre os estudantes e o reconhecimento do Outro, sendo a literatura um agenciamento (DELEUZE E GUATTARI, 1995:3).

O personagem criado é diferente fisicamente, possui vivências outras e causa estranhamento nos vizinhos. Após a aproximação das crianças da vila com o novo vizinho, o mesmo as conquista, e passam a estabelecer uma convivência estreita e rica em trocas culturais. Muitas vezes, o mesmo processo acontece nas redes educativas e precisamos,

enquanto '*praticantespensantes'* estar atentos para problematizar práticas preconceituosas. Para Alves, Ferraço e Soares (2017):

> Em Certeau, o Outro com o qual permanentemente se defrontava era, em potência, o mistério, a estranheza e a permanente surpresa, portanto, o imprevisível, no encontro com o qual poderia se estabelecer a crise do crível, ou seja, a quebra dos padrões habituais de referências, valores, pensamentos e ações. (2017: 9)

Importante ressaltar que não podemos atribuir às redes educativas a culpa por atos de preconceitos, nem mesmo aos docentes. Precisamos reconhecer que estamos mergulhados em redes educativas de múltiplos e diversos '*fazeressaberes'*, múltiplos e diversos '*conhecimentossignificações'* para além dos que são tecidos nas escolas e que mantêm inúmeros contatos com os diferentes '*espaçostempos'* destas. Assim, quando os '*praticantespensantes'* dessas redes '*entramsaem*' das escolas, os '*conhecimentossignificações*' que neles estão encarnados '*entramsaem*', livremente. Portanto, na sociedade como um todo são tecidas as redes de '*fazeressaberes'* – inclusive as preconceituosas. Nem tudo que está nas redes, afinal, é bom. Cabe a nós problematizar em todas essas redes – com as escolas nelas incluídas – conversar acerca dos fatos que nelas se dão, envolvendo a xenofobia, o racismo, a invisibilização, a intolerância com o outro.

Sabemos que existem outras práticas nas escolas e que os processos que nela se dão precisam ser acompanhados e compreendidos nas possibilidades que se abrem frente a essas necessidades sociais. Aliás, o papel da escola em muito tem a ver com a legitimação e divulgação de leis que protegem os direitos humanos, por exemplo, outras '*práticasteorias'* que nos farão uma sociedade mais justa. A existência e defesa dessas leis são fundamentais, em especial nas escolas públicas, que atendem as populações mais fragilizadas do ponto de vista socioeconômico.

Com as experiências como as que vivenciamos com os grupos do componente curricular de PPP, percebemos que as redes educativas podem ser '*espaçostempos*' de questionamento da xenofobia, uma vez que os estudantes envolvidos tiveram a oportunidade de se reconhecer como parte desses processos migratórios.

Para Alves, Ferraço e Soares (2017):

> O Outro, no entanto, assume diferentes configurações nos escritos de Certeau. O Outro é o que tem outros valores, crenças, hábitos e saberes. É aquele ou aquilo que emerge com as crises do crível e engendra credibilidades nascentes, que não se possui, nem se controla. O Outro é aquele que escapa. É o imprevisível, o inesperado, o excluído, o imigrante, o marginalizado, o estrangeiro, o que nos antecedeu e, ainda, o que virá depois de nós. É mistério e surpresa. É a alteridade radical, a diferença para a qual nós precisamos nos abrir para inventar o novo. (2017:10)

Isto é primordial para vivermos de forma respeitosa uns com os outros e cito a própria história de Malala. Uma jovem paquistanesa que queria frequentar a escola e sofreu um atentado que por pouco não a matou. Ela superou as crenças limitantes professada por muitos de seu país. Tudo isso porque ela era uma jovem que queria estudar e culturalmente esse direito passou a ser negado, com a presença dos Talibãs, às mulheres de sua região de origem. Esse ataque ocorreu quando o grupo Talibã havia perdido o controle do Vale Swat e a justificativa foi que ela era uma ameaça contra o Islã. Malala foi operada no Reino Unido, tornou-se uma migrante e uma referência na luta pelo direito das mulheres em seu país e no mundo, tendo recebido o prêmio Nobel da Paz e outros.

A partir da narrativa de Malala, percebemos que estamos envolvidos em uma grande rede educativa e que esta se contrapõe à metáfora da árvore, pois para nós, os conhecimentos em redes se dão de forma rizomática.

O entendimento de que a formação humana se dá nos tantos '*espaçostempos'* da vida cotidiana nos coloca outras formas de '*aprenderensinar'*. Um modo complexo, rizomático, não sequencial, nem contínuo, transversal que vem sendo identificado como "redes". Ainda para esses autores, os conhecimentos tecidos de modo rizomático ou em "redes" se cruzam com os formais.

> Nas organizações curriculares propostas – onde e quando quer que se realizem – vão sendo inseridos, permanentemente, espaços e tempos/componentes curriculares que, por uma história dominante, vão mantendo/adquirindo a identificação *disciplina*, mas que, na verdade, melhor se caracterizariam como *campos de estudo e de prática* informados por uma trama tecida de múltiplos conhecimentos prático-teóricos, que se relacionam complexa e transversalmente (ALVES, MACEDO, MANHÃES, OLIVEIRA, 2011:31, grifo dos autores).

É desta forma que outros '*fazeressaberes'* "entram" nas escolas e atravessam os currículos 'oficiais' como podemos depreender do que explicam Deleuze e Guattari (1996) e trazer para as escolas e os currículos:

> Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-se, *intermezzo*. A árvore impõe o verbo 'ser', mas o rizoma tem como tecido a conjunção 'e... e... e...'. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser [...]. É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. 'Entre' as coisas não designam uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma 'e' outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE, GUATARRI, 1995:37)

Através desse modo rizomático de compreender como se dá a '*aprendizagemensino*' que não tem começo, nem fim, que percorre caminhos perpendiculares e transversais, que

utilizam a conjunção ’e’ ao longo da jornada, que podemos perceber o quão inesperadas são as tramas dos múltiplos tecidos de conhecimentos *‘práticosteóricos*’ que se relacionam e se completam.

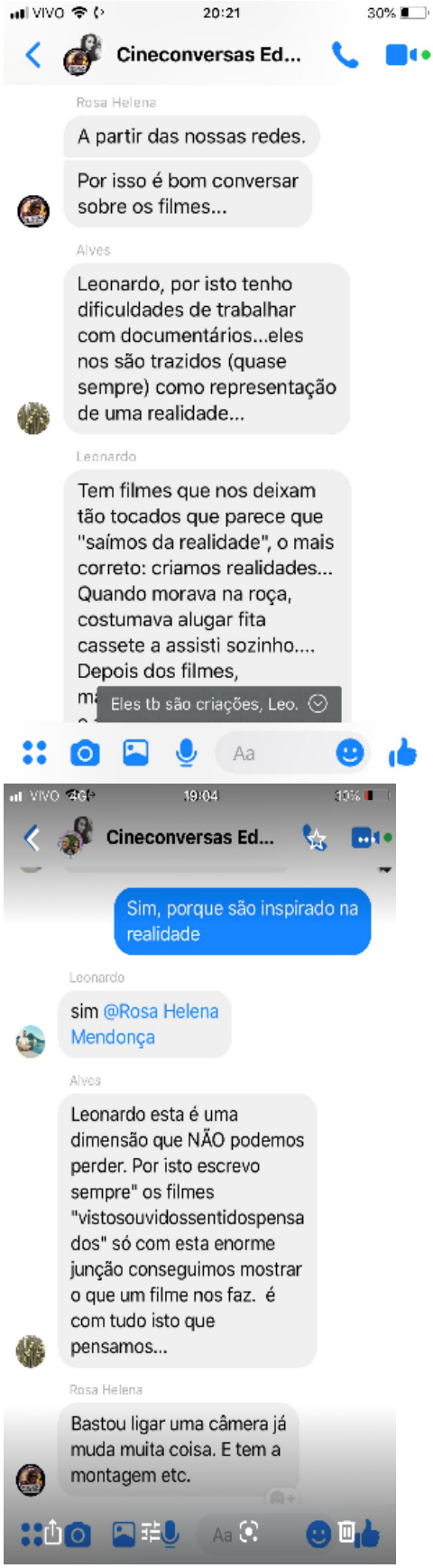
3.3 **De artefatos culturais a artefatos curriculares - facebook**

Em nossas aulas, por vezes atuamos com a educação *online*[26], utilizando o recurso de conversas privadas ou em grupo do *facebook,* chamado *messenger.* Com prévia antecedência, combinamos se conversaremos a respeito de um livro ou filme e marcamos nossos encontros virtuais para o mesmo dia e horário da aula presencial.

Essa forma de ‘*aprenderensinar’* é interessante para desmistificar o uso das tecnologias nas redes educativas, pois ao rompermos com preconceitos no sentido de que há um discurso de que o professor será substituído por um computador, ele corrobora exatamente para pensarmos ao contrário. Ele nos apresenta a importância do artefato tecnológico, mas coloca em evidência a importância da mediação de um professor. Juntos, podemos trabalhar em cooperação, em criação, em compartilhamento dos ‘*fazeressaberes’*.

[26] Importante salientar que nossa coordenadora já pensava em modos outros de encontros com estudantes antes da pandemia de 2020 tornar o modo online a maior possibilidade de encontro entre estudantes e professores.

Imagem 31 – Telas da conversa no aplicativo *messenger* do grupo de pesquisa (conjunto de imagens).



Fonte: Facebook

Esses *prints* da tela do *messenger* nos apresentam a mediação da professora Nilda Alves em um de nossos encontros *online.* Conversávamos a respeito de dois filmes com a temática da migração e com eles, o '*aprenderensinar*' era partilhado através da tela do computador ou celular possibilitando o surgimento de '*conhecimentossignifições'* a partir dos filmes *'vistosouvidossentidospensados'.* Essas conversas foram registradas no messenger, que entendemos ser também um ambiente virtual de '*aprendizagemensino*',

O que fizemos nos encontros com Nilda Alves e os estudantes do curso de licenciatura da UERJ são encontros *online* e de forma síncrona, podendo o estudante acessar as conversas de forma assíncrona, pois as mesmas ficam registradas em nosso grupo do facebook.

Para Santos (2005), a educação online surge como fenômeno da cibercultura, nos convocando a outras formas de '*aprenderensinar'.* Podemos afirmar que a educação online é demanda da sociedade da informação, e hoje, uma necessidade em decorrência da pandemia da Covid-19. A aprendizagem não é mais centrada na informação unidirecional, na pedagogia da transmissão (SILVA, 1999) e que esta deve se fazer colaborativamente, a partir do compartilhamento de saberes. As possibilidades de comunicação entre um-um, um-todos e, principalmente, todos-todos, que é característica do ciberespaço, formam redes de conhecimento (SANTOS, 2005), que são complexas na medida em que o conhecimento e a aprendizagem demandam do '*praticantepensante*', táticas de pensamento reflexivas e criativas. Se faz necessário articular saberes, relacionando-os.

É no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) que a educação *online* atua. Ele é composto por uma hiperinterface e pode agregar interfaces síncronas ou assíncronas em um mesmo espaço. Dessa forma se configura a sala de aula online, que possui temporalidade diferente do espaço físico e é justamente onde o professor disponibiliza conteúdos e proposições de aprendizagem. E assim como uma sala de aula presencial, o estudante tem a oportunidade de criar, dialogar e gerir seu processo de aprendizagem a partir dos recursos de interface criados pelo professor da sala de aula virtual, permitindo interatividade. Para Silva (2010) o docente interativo proporciona:

> a confrontação coletiva e a aprendizagem atentando para a teia de interações constituída por ele mesmo, pelos alunos, conteúdos curriculares e instrumentos pedagógicos (meios de comunicação, equipamentos de ensino, etc.). Ao mesmo tempo, garante a materialidade da ação comunicacional disponibilizando e provocando a participação livre e plural, o diálogo e a articulação de múltiplas informações e conexões. (2010, p:174)

Nesse ambiente de '*aprenderensinar*', entendemos que a participação ativa dos estudantes é fundamental. O fato desses encontros poderem ser assíncronos ou síncronos permite que os estudantes possam estudar e se encontrar a qualquer tempo, interagindo com

os conteúdos propostos e com o docente (SILVA, 2006). Dessa forma, estruturada em um desenho didático, podemos ter como atividades síncronas, por exemplo, o chat e a videoconferência e de forma assíncrona o fórum, o blog e outros.

Estar atento à dinâmica do AVA implica nos criadores do desenho didático a atenção à disposição dos conteúdos, bem como a utilização das interfaces. Eles são agentes potencializadores da comunicação e da aprendizagem e ajudam na promoção da bidirecionalidade, do sentimento de pertença, das trocas de experiências e das interações. Nesse processo, torna-se importante a crítica e a autocrítica, assim como as discussões temáticas e principalmente a abertura para a elaboração e experimentação colaborativas. O desenho didático para Santos e Silva (2009),

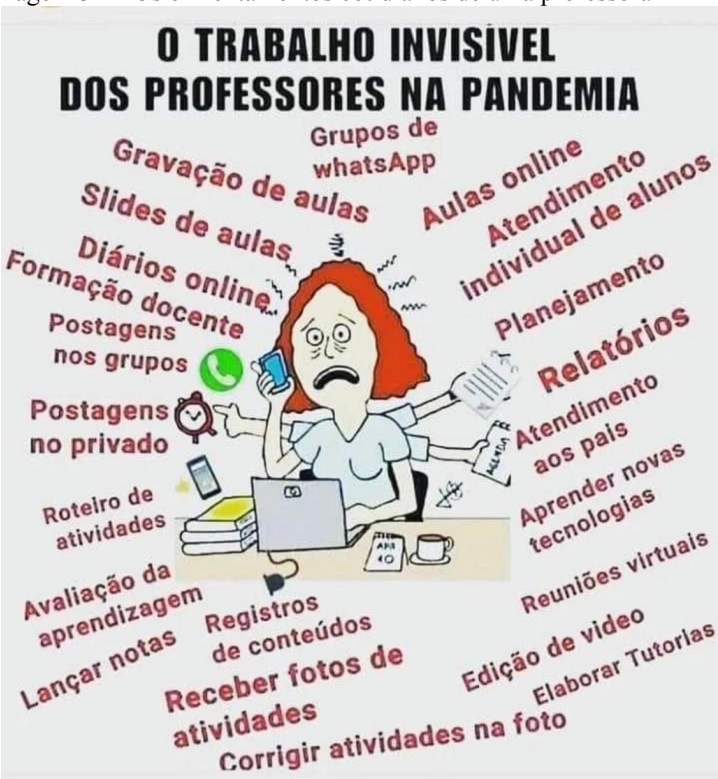
> abre espaços para a autoria de todos os sujeitos envolvidos (equipe de produção, docentes e cursistas) exigindo competências específicas da equipe de produção que, juntamente com a atuação dos docentes e dos cursistas, fará dele um campo de possibilidades para a construção do conhecimento na sala de aula online. (2009, p:278)

O professor passa a criar e mediar propostas de trabalhos individuais e coletivos. É importante que os '*docentediscentes'* tenham autonomia para criar juntos na busca de uma prática coletiva com vistas a desenvolver projetos pedagógicos que usem as tecnologias digitais como potencializadoras do '*aprenderensinar*' na modalidade online.

O ensino híbrido já era uma prática no grupo de pesquisa muito antes de imaginarmos que a pandemia dominaria o planeta. Com o novo Coronavírus, as redes educativas foram obrigadas a migrar para estudos remotos de forma emergencial, uma vez que a pandemia exigia distanciamento social. Entretanto, tem sido uma grande experiência de *'aprenderensinar'*, pois ainda que tivéssemos contatos com recursos tecnológicos, tais como computadores, celulares, tablets, kindle e outros, e com a prática do *'aprenderensinar'*, juntar os recursos e a '*práticateoria',* não tem sido uma tarefa simples para todos.

Precisamos considerar a exposição da imagem de *'docentesdiscentes*', o uso dos artefatos tecnológicos, o acesso a esses artefatos, a rede de internet capaz de suportar as aulas na modalidade *online* e muitas outras questões como a sobrecarga de trabalho que a modalidade requer, além das tarefas domiciliares. Docentes e diretores de escolas muitas vezes atuam nas interações com os estudantes e familiares, na busca de minimizar a evasão escolar e garantir a segurança alimentar com a distribuição da merenda. Vale lembrar que para a grande maioria dos estudantes, configura-se a alimentação mais importante do dia. São muitas as ações que passaram a ser novas responsabilidades de todos os envolvidos nas redes educativas. Como ilustra a charge a seguir:

Imagem 32 – Os enfrentamentos cotidianos de uma professora



Fonte: arquivo pessoal

Atuar nessas contingências se tornou realidade também para os participantes do grupo de pesquisa, pois as aulas, inicialmente suspensas na graduação, apontaram para usos de plataformas que contemplassem o ensino online e ou a distância. Nosso grupo de pesquisa optou pela plataforma Zoom, enquanto em meu trabalho como professora/mediadora no curso de Pedagogia da Uerj, na modalidade online, continuamos com a plataforma Moodle,[27] que nos atende na oferta de educação a distância pelo Consórcio CEDERJ há bastante tempo. E talvez por isso, a novidade da nova forma dos encontros na pesquisa não tenha sido tão difícil para minha atuação.

Na prática docente percebemos o potencial interativo dessas tecnologias no ato pedagógico, atentamos para a possibilidade de criação dialógica nas interações entre pensamentos, imagens, músicas, vídeos, livros, entre outros, onde *'docentesdiscentes'* compartilham conhecimento.

[27] Ambiente virtual de aprendizagem

4.4 **A produção de artefatos culturais transformados em artefatos curriculares - podcasts**

No ano de 2020, com a pandemia, uma colega de grupo, Fernanda Cavalcanti de Melo, propôs à Nilda Alves, a criação de podcasts para fazer circular '*conhecimentossignificações'* nas redes educativas. Assim foi criado o podcast Cotidianos e Currículos, do grupo de pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons que envolve estudantes e docentes pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ (ProPEd), campus Maracanã e do programa de pós-graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, campus São Gonçalo, coordenado por Nilda Alves.

Através dessa forma, mas não somente desta, desenvolveríamos nesse momento de pandemia, o movimento da pesquisa com os cotidianos criado por Alves, Andrade e Caldas (2019) intitulado a Circulação dos *'conhecimentossignifições como necessidade',* uma vez que muitas redes educativas haviam sido interrompidas em decorrência do isolamento social.

> Compreendendo, em primeiro lugar, que nessa corrente de pensamento as relações que seus '*praticantespensantes'* estabelecem entre si – nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam, em conversas, repetimos – indicam os núcleos principais de articulação dos processos de pesquisa. Entendendo, ainda, que para dar conta dessas múltiplas e complexas relações precisamos de formas diferentes de expressá-las, com as múltiplas narrativas, imagens e sons que nelas surgem, percebemos que se tornou necessário buscarmos as articulações realizadas entre o que se produzia nas pesquisas dentro desta corrente e como atingiam aqueles com os quais elas se preocupavam com os quais se realizavam, em primeiro lugar – os '*praticantespensantes'* com quem conversamos e com os artefatos que usam – e com todos os interessados em Educação, também. (p.19, 20)

A circulação dos *'conhecimentossignifições como necessidade'* ocorreu através do podcast desde o início de sua criação. O primeiro episódio foi lançado em março de 2020 e neste, eu participei com as minhas lembranças escolares de como escolhi ser professora. Apresento o meu *'verouvirsentirpensar'* nas lembranças da infância. Foi uma honra abrir o programa que no futuro alcançaria docentes e interessados na educação do Brasil e de outros países. Sendo um programa semanal e, até o momento, com quase 100 episódios, muitos educadores ilustres já participaram e apresentaram suas narrativas pautadas em suas vivências nas/das/com as redes educativas.

O podcast, arquivo de áudio que pode ser acessado por diversas plataformas na web, possibilita ao usuário assinar, se cadastrar e assim receber programas com os mais variados

temas de interesse. O interessante é que essa ferramenta possibilita a interação com os produtores e participantes de cada edição através de comentários postados nas plataformas onde os programas são disponibilizados.

Para Lemos e Lévy (2010), o podcast

> "embora não seja como o rádio que conhecemos hoje, com emissão centralizada e difundindo massivamente programas em streaming, o podcasting usa o formato e a metáfora para fazer com que qualquer um seja produtor de emissões sonoras". (2010: 55)

O podcast em nosso grupo de pesquisa possui a liberação da palavra, uma vez que o convidado tem a liberdade para gravar o seu ponto de vista acerca do assunto pedido em resposta a nossa pergunta norteadora. Consideramos o valor do uso do podcast desta forma a garantia da liberdade de expressão e a interatividade entre os convidados e organizadores de cada episódio. Com o podcast, o áudio torna-se uma alternativa ao texto e muitas vezes ele pode ser ouvido em lugares pouco inusitados, como dentro do transporte a caminho do trabalho. Um fator importante a ser considerado é que o podcast contribui para a formação de *'docentesdiscentes'* de forma acessível e prática, fomentando o pensamento.

O podcast é um relevante artefato cultural que teve seu uso expandido nos tempos pandêmicos e proporciona a circulação de '*conhecimentossignificações'* de forma assíncrona e democrática, tornando-se um importante artefato curricular. Ele pode facilmente ser acessado através de um celular com acesso à internet, a qualquer hora e em qualquer lugar.

Esse artefato cultural envolve estudantes e docentes, pesquisadores e pesquisadoras dos projetos coordenados por Nilda Alves na UERJ, criando conversas diversas em diálogos e em cenas de ficção. Nestas, realizadas na disciplina oferecida por Nilda Alves e Leonardo Nolasco, os grupos ficcionalizaram conversas entre docentes, estudantes, gestores escolares, família e políticos, criando por meio de sonoplastia que remetem às antigas novelas radiofônicas, paisagens sonoras que recriam cenas cotidianas para além das palavras.

Em episódio dedicado aos migrantes, convidamos o professor de História da UERJ e coordenador do centro de Memória da Imigração Ilha das Flores, Luíz Resnik. Nele, conversamos sobre a importância desse museu e do momento migratório atual dramático em todo o planeta.

Ele nos questiona: Como recebemos esses migrantes/refugiados? Como percebemos seus dramas? E relembra que uma parte da população brasileira já viveu esse drama, principalmente ao se deslocar no eixo nordeste/sudeste. Na atualidade, congoleses, venezuelanos, haitianos e outros vivem estas mesmas situações precárias e de medo. E ainda,

no início do século passado e no pós-segunda guerra, espanhóis, portugueses, italianos, alemães, japoneses e outros.

Ao narrar essas experiências ao público, dialogamos com histórias familiares desses que frequentam o museu e nessa relação, dá-se o conhecimento histórico, bem como o caráter sensibilizador dessas experiências. Assim, a ideia de que somos um país constituído por migrantes pode acarretar uma recepção empática desses migrantes/refugiados da atualidade.

Ele nos explica que o nome do museu, Ilha das Flores (inaugurado em novembro de 2012), foi parte de uma política pública do início do século dezenove para receber os migrantes que chegavam, na sua maioria, da Europa. Dessa forma, teriam um lugar de recepção e depois seriam destinados aos Estados do Brasil para trabalhar majoritariamente em fazendas brasileiras.

Uma forte contribuição social do processo migratório é o encontro de inúmeras culturas para a formação e o crescimento de uma sociedade plural, diversa culturalmente e repleta de aprendizados mútuos.

Há cerca de 50 anos, este museu pertence à Marinha Brasileira e recebe da UERJ o suporte acadêmico e está localizado em uma ilha no fundo da Baía da Guanabara. Desde o princípio, sua edificação era de hospedaria e possui um interessante conjunto arquitetônico. Considerado um museu a céu aberto porque possui uma bela paisagem e belas construções. A visita é mediada por professores e estudantes de História da UERJ, bem como militares mediadores, em paradas estratégicas por todo o conjunto arquitetônico explicando cada parte do circuito. Além disso, há uma casa com telas interativas e vídeos onde está o museu digital em uma área fechada.

Outro episódio muito interessante é o que obteve a colaboração de estudantes do componente curricular Imagem e Contemporaneidade e Expressões Curriculares, ministrado pela professora Nilda Alves e o professor Leonardo Nolasco, apresentando os modos de pensar e agir na pandemia de diversos *'praticantespensantes'* sendo eles docentes, discentes, diretores de escola, agentes políticos e muitos outros.

Eles narram as muitas táticas de praticantes de que os discentes fazem "uso" (CERTEAU, 2017) em seus cotidianos escolares. Iniciam o episódio narrando sobre o "o grupo do fundão"[28] criado na ferramenta de whatsApp denominado "grupo do esquema". Há fatos como a descrição de programas que utilizam para parecer que estão participando das

[28] Estudantes que ocupam os lugares no fundo da sala de aula.

aulas de câmera aberta, como a narrativa de ficarem chateados porque segundo eles, entrou um estudante "intruso" que pode revelar o que é dialogado no grupo e outros.

Segundo eles, ali é o local onde trocam informações valiosas sobre as aulas, provas, figurinhas criadas com as imagens dos professores, mas sobretudo, onde se apoiam. E justificam que não realizam "cola" e sim um "compartilhamento de conhecimentos". Alves, Ferraço e Soares (2017) afirmam que

> Certeau nos força a pensar que as práticas cotidianas não são meramente pano de fundo, pois estão no cerne da constituição do social. Não só a análise, mas os seus modos operacionais dependem do Outro ao qual confrontam e dos usos que fazem do Outro e com os Outros. (2017: 13)

São essas táticas de praticantes que se constituem em um modo operacional que contribui para que estudantes se apoiem, estudem de forma coletiva, auxiliem um colega com dúvidas e partilhem informações. Elas são importantes ações coletivas que mantêm os estudantes unidos no sentido de grupo.

No mês de maio de 2021, iniciamos a série "As redes educativas que formamos e nas quais nos formamos" conversando com docentes e pesquisadores acerca das redes educativas de '*práticasteorias'* da formação acadêmico-escolar por narrativas de alguns. Nelas compreendemos que a formação de docentes se inicia nos contatos que temos com nossas professoras e professores desde antes mesmo do ensino fundamental. O podcast também apresenta fatos relevantes na vida de docentes e como essa formação foi e é tratada em alguns movimentos e experiências importantes.

Para iniciarmos, apresento a conversa com a professora Lucília Augusta Lino, professora há 42 anos nas redes Municipal, Estadual e Federal do Rio de Janeiro. Foi presidente da ANFOPE, Associação Nacional pela Formação de Profissionais da Educação e hoje atua no conselho da instituição. Com a convicção de que somos criação e resistência, de que é possível construir um projeto de nação e de educação democrático, popular e inclusivo, nos apresenta fatos relevantes de nossa política educacional.

Em um de nossos episódios, abordarmos como questão principal, aspectos importantes e inovadores da Resolução número 2/2015 do Conselho Nacional de Educação (CNE), que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada dos profissionais do magistério da educação básica, cujo relator foi o professor Luiz Dourado. A professora Lucília destaca justamente o processo em que ela foi elaborada. Segundo ela, um processo amplamente democrático e coletivo, pautado em estudos e pesquisas, com a participação das entidades acadêmicas científicas e sindicais de forma efetiva ao longo de

todo o processo. Resultado de uma ampla discussão que representou um consenso na sociedade educacional brasileira sobre a formação de professores em nível superior. Nossa conversa, na íntegra, encontra-se no link[29] do podcast Cotidianos e currículos. Essa discussão democrática no âmbito institucional governamental caracteriza-se por ser parte das "redes das *'práticasteorias'* das políticas de governo", que para Alves (2019)

> As políticas de governo incluem uma série de medidas que servem para controlar e organizar, dentro de padrões comuns, os sistemas de ensino que podem ser: federal, estadual ou municipal. Essas políticas aparecem sob a forma de leis, decretos, decretos-leis, resoluções, indicações, diretrizes, pareceres etc que "normatizam" propostas de currículos para os cursos de formação de professores feitas por autoridades educacionais. (2019:121)

As políticas de governo quando se articulam em torno das experiências institucionais e locais, debatendo as questões educacionais, podem ter resultados exitosos como evidencia a resolução 02/2015, que representou um progresso na concepção pedagógica e educacional da formação docente. Ela articula a formação inicial e a formação continuada, propondo que a universidade e os institutos de ensino superior, que ofereciam os cursos de licenciatura, se organizassem e produzissem um projeto institucional de formação de professores que envolvesse todas as licenciaturas e estabelecessem uma articulação com as redes de educação básica, articulando a graduação com a pós-graduação. Consideramos que essa forma de gestão foi inovadora e deixou os pesquisadores que atuam no campo da formação, esperançosos quanto a sua implementação.

Segundo a professora Lucília, essa resolução foi pautada no respeito à diversidade das instituições e na sua autonomia pedagógica, definindo apenas aquilo que era fundamental e apontou que as instituições formadoras deveriam materializar um projeto de formação com identidade própria, onde a formação inicial e continuada seria articulada com o plano de desenvolvimento institucional (PDI), com o projeto pedagógico institucional e com o projeto pedagógico do curso. Dessa forma, a marca da fragmentação na formação de professores seria superada, uma vez que seus projetos estariam integrados. Isso seria um avanço, porque anteriormente, os projetos de cada curso não estavam articulados.

A professora nos aponta que este fato é muito relevante, porque:

> a resolução em vigor hoje é a 02/2019 e ela nos apresenta um movimento totalmente diferente, contrário em relação a autonomia das universidades e desconsidera a diversidade das instituições e do público atendido pelas mesmas, bem como das redes atendidas por elas. O que se torna grave é a imposição do que se deve constar e a obrigação de adequação à BNCC (base nacional comum curricular), ferindo o princípio da pluralidade do ensino. (

[29] https://open.spotify.com/episode/57RiEXcwMFjOFLiKBldhqM?si=0RLwtVStQ6mOuRzN9Iyh0Q

https://open.spotify.com/episode/57RiEXcwMFjOFLiKBldhqM?si=0RLwtVStQ6mOuRzN9Iyh0Q)

As considerações de Lucília Lino sobre a resolução 02/2019 explicitam críticas a uma formação básica e não uma formação teórica interdisciplinar, a desarticulação da graduação a pós-graduação, e ainda afasta a graduação da escola básica apresentando um retrocesso na gestão democrática das instituições.

A ANFOPE nos apresenta um rico site para pesquisas com um acervo histórico de lutas e conquistas da classe de professores no Brasil. Fazendo relação com as contribuições da professora, vale destacar alguns aspectos presentes no documento final do 18° encontro da Anfope (anfope.org.br) que nos apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada de Profissionais do Magistério da Educação Básica (BRASIL, 2015). Ele nos aponta as propostas de formação indicadas pelas DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) no que tange aos princípios da Base Comum Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (BCN), concepção esta que já vem sendo elaborada pela Associação desde 1983, como os fundamentos da formação dos profissionais do magistério e reitera a importância dos princípios da BCN, como (ANFOPE, 2017):

> uma sólida formação teórico-prática, capaz de favorecer uma formação construída em bases científica, pedagógicas, técnicas, política, estética e ética, no sentido de desenvolver e aprimorar as condições do ensino, da extensão e da pesquisa nos cursos de Licenciatura. Consideramos, ainda relevante destacar que as DCNs: incorporam a formação para a gestão no percurso formativo de todos os estudantes, de todas as licenciaturas, para todas as áreas, níveis e modalidades de ensino; apontam possibilidades para um Subsistema Nacional de Formação de Professores para a Educação Básica, quando propõem a articulação entre a formação inicial e a continuada, levando, também, em consideração as condições de formação acadêmica, as condições materiais de trabalho, os planos de carreira e de salários; aproximam, também, as instituições formadoras e o campo de atuação profissional, orientando os estudantes no mundo do trabalho, desde o início do curso mediante a Prática com 400 horas e Estágio Supervisionado, também com 400 horas. (p.34,35 - http://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Doc-FINAL-XVIII-ENANFOPE-6_3_2017-Coordenação-Iria.pdf acessado em 19/05/2021)

A sólida formação teórico-prática, pautada em uma formação com bases científicas, pedagógicas e técnicas, torna-se condição principal para a qualidade de nossos cursos de formação. Destaco que essa formação vem acompanhada da indissociabilidade da formação ética-estética-política, aprimorando as condições do ensino, da extensão e da pesquisa nos cursos de Licenciatura.

Importante salientar que a ANFOPE defende a BCN (base comum nacional), prevista na resolução 02/2015, e que não possui relação com a BNCC. A BCN é composta por princípios que defendem a sólida formação do professor com vistas ao trabalho coletivo e

interdisciplinar e a unidade entre a '*práticateoriaprática'*. Perseguir o compromisso social de que a educação é um agente transformador da sociedade, bem como a valorização do profissional da educação são fundamentais. E com o compromisso de realizar a regulação e a avaliação dos cursos de formação com vistas a garantir a qualidade dos mesmos.

Esse projeto coletivo, que é muito mais complexo do que um simples projeto de um curso, ao ser revogado pela resolução atual em vigor, é um grande ataque na formação de professores, sem diálogo, sem ouvir as entidades acadêmicas, científicas e sindicais. Sabemos que atravessamos um momento político onde a educação sofre uma desvalorização pensada e articulada em favorecimento de grandes conglomerados privados.

Mesmo diante deste cenário político desfavorável e da pandemia que assolou o país, há movimentos de criação e resistência protagonizados por educadores de todo o Brasil e que se apresentam contrários à implementação da resolução 02/2019 e em defesa da resolução 02/2015. Essas são "as redes das práticas teorias coletivas dos movimentos sociais" que Alves (2019) afirma que

> precisam ser compreendidas tanto nos modos como se desenvolvem, bem como naquilo que têm indicado - e conseguido - quanto a necessidades e possibilidades de mudanças, quer no que se refere às normas existentes, quer com proposta que fazem aos currículos e aos processos didáticos existentes. (2019: 123)

Essa tentativa de homogeneizar os currículos encontra resistência em muitos movimentos como os articulados pelos pesquisadores do GT Currículo, da ANPED e da mesma forma pelos pesquisadores da ABdC.

Importante reafirmar que a resolução 02/2015 nos apresenta uma direção do que poderia ser uma proposta de formação de professores que assegure o acesso à educação e a valorização da carreira do professor com uma formação sólida teórica, com compromisso social, respeitando a diversidade e a pluralidade de concepções.

Acreditar que essa concepção de educação emancipadora é a melhor aposta e que será possível um projeto de educação mais inclusivo, onde crianças, jovens, adultos e idosos tenham possibilidade de afirmar suas identidades múltiplas e diversas, em uma escola plural é o que move a grande maioria dos educadores de nosso país.

Atualmente, nos documentos oficiais da Anfope, na resolução 02/2015, há orientações quanto aos povos itinerantes, especificamente, os ciganos, porém não há diretrizes para as questões curriculares que abordem o tema migração. Como possibilidade para se criar uma política pública seria a realização de um manifesto abrangendo os diversos pesquisadores do Rio de Janeiro, que possuem como ponto de interseção a Cátedra Sérgio Vieira de Melo.

Ao adentrar as questões da pós-graduação, na qual eu e a pesquisa que realizo estamos inseridas, fortemente me tocou o movimento "Ecce femina" dos cotidianos porque somos um curso de licenciatura em Pedagogia e a pós-graduação em Educação, predominantemente femininos. Esse movimento fala da importância que as pesquisas com os cotidianos dão às memórias das *'praticantespensantes'* envolvidas no processo. Alves, Andrade e Caldas (2019), nos colocam que:

> Neste movimento, se reconhece que o mais importante nas pesquisas com os cotidianos é identificar e incorporar os "*praticantespensantes*' com suas memórias de suas tão diferentes criações culturais e curriculares, tratando dos *'conhecimentossignificações'* que produzem em suas tantas narrativas, como respostas às suas necessidades cotidianas, com seus modos de compreender o mundo e nele agir, nas tantas redes educativas que formam e nas quais se formam.(2019:16)

Com o intuito de ouvir essas memórias, convidei alguns estudantes para relatarem como aconteceu o processo migratório deles e é claro, as "Marias" me responderam prontamente, com a coragem peculiar das mulheres e nesse caso, das mulheres nordestinas, como minha mãe que também migrou em busca de estudos para seus filhos.

Solicitei a elas que me relatassem em poucas linhas, como uma conversa, quais teriam sido as transformações dessa experiência? Maria Solange, vinda do Piauí como meus pais e irmãos, narra aprendizados coletivos, porque '*aprendemosensinamos*' nas redes que tecemos e Maria Santos, do Rio Grande do Norte, nos deixa bem marcada a palavra desafio. Palavra essa que conhecemos de "cor e salteado" embalados pelos cotidianos escolares.

A seguir o relato de minhas queridas colegas:

Considero que do ponto de vista profissional, acadêmico e também pessoal, cursar o Doutorado em Educação no Proped, foi sem dúvida um divisor na minha vida. Pois além do padrão de excelência do curso, acho a UERJ uma universidade muito interessante. O ingresso no curso me possibilitou novas e diferentes experiências acadêmicas, como aluna, pesquisadora e também do ponto de vista docente, considerando a experiência que tive durante o estágio.

Muitos professores da linha na qual me inseri (História da Educação), já eram minhas referências de estudo no Piauí, como aluna e depois como professora. Poder conhecê-los pessoalmente, conviver com eles no dia a dia da universidade tem sido uma experiência de aprendizagem muito rica, que acredito está fazendo toda a diferença no desenvolvimento de minha pesquisa de doutorado.

Da mesma forma, o curso também possibilitou o encontro com pessoas de outros lugares com experiências diversas. Durante o curso conheci os colegas do Rio de Janeiro, mas também de vários outros estados (Maranhão, Alagoas, Amazonas, Minas e outros), e também de outras universidades do Rio. Todas essas trocas de experiências acadêmicas e profissionais que a UERJ possibilitou na minha formação, tem permitido a ampliação do meu ponto de vista sobre a universidade, o ensino e a pesquisa.

Os grupos de pesquisas também são espaços muito interessantes. Tenho participado de diversas atividades no grupo do qual faço parte com minha orientadora e com os demais colegas. O grupo é muito ativo e promove discussões e estudos, produzindo material para publicação. A convivência com colegas de outros grupos da área também tem sido muito fértil, possibilitando a minha participação em projetos de pesquisa e produções em colaboração com eles. Considero que este tipo de parceria entre colegas, grupos e instituições é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa acadêmica.

E para finalizar, posso dizer que o curso ampliou meus horizontes de pesquisa, minhas redes de sociabilidade acadêmica e de amizades pessoais. Hoje, já próxima da defesa, ao fazer esse exercício de reflexão, posso ver com muita clareza o que já vinha sentindo ao longo do curso: passei por um processo muito significativo de aprendizagem em todos estes aspectos já destacados.

Maria Solange Rocha da Silva

Na sequência, apresento o relato de Maria Santos, outra mulher nordestina e que expõe seus aprendizados e sentimentos com as vivências do curso.

Fazer ou trazer um relato de si mesmo para uma folha de papel em branco é sempre um desafio para a memória. Falo assim porque não ajo como uma pessoa autoconsciente do meu processo de vida, e sim como alguém que age em experiências nada autoevidentes. Isto certamente pode dizer o quanto as experiências podem ser perturbadoras, ainda mais se assumo que elas fazem emergir o estrangeiro que sempre estará em mim. Este estrangeiro não diz da tentativa ou da necessidade de me localizar em algo ou em algum lugar. Ele é, na verdade, um efeito importante do que é viver uma vida num mundo sempre andando. É assumindo isto, o efeito do movimento, que gostaria de tomar uma forma narrativa para relatar como foi migrar de uma cidade do interior do Rio Grande do Norte para o Rio de Janeiro, que coloco aqui como lugar[es] de intensidade. Para isso, vou fugir de uma série de eventos neste relato, haja visto que o que interessa, naquilo que fui interpelada a falar, dos

desafios de migrante no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ, provocou [e ainda provoca] olhar para mim e para a formação continuada.

Como tenho que começar por algo, então começo assumindo que este lugar da migração é um lugar da fronteira – lá e cá e ali – e que solicita sempre a revisar aquilo que estou sendo: uma pessoa nomeada como estudante, pesquisadora, professora, mulher branca e nordestina. Uma nomeação que assumo muitas vezes para mim, mas sob a aposta de que nenhuma delas é possível 'existir' separadamente. Elas fazem parte da minha vida, seja neste Rio de Janeiro de mares ou em outros rios. Elas, na verdade, coexistem com a minha própria vida, pois, como efeito normativo, fazem parte do mundo e existem como normas no mundo. Contudo, esse conjunto de nomeações é sublinhado como algo que pode ser deformado, inventado – tarefa na qual os estudos em pensamento pós-fundacional têm feito pensar. Nisto coloco o processo de ter adentrado em uma linha de estudos e pesquisa cujo pensamento tem assumido uma postura desconstrucionista – pós-estrutural. Não aponto isto como desafio, e sim como movimento necessário àquilo que sempre quis 'confessar': de que tudo é possível ser significado de outra maneira; e essa possibilidade não trai a 'realidade dos fatos'.

Com efeito, se quero mesmo confessar algo, então digo que este relato me colocou a olhar para a palavra desafio, e de que talvez não saiba dizer deles. Não que eles não tenham ou não existam, mas porque o desafio é sempre uma aposta de ganhos ou perdas. Nela, penso que mais ganhei que perdi ou mesmo tenha apenas ganhado: a experiência de morar em outra região do país, de conversar seja no espaço de sala de aula ou em encontros acadêmicos com professores que em maioria foram referência na minha formação de graduação, de poder repensar meu referencial teórico de estudo, de olhar para as pesquisas como formas diversas de fazeres, de olhar para o Rio que é mar e me colocar diante de algo que já está dado e por isso, não restringe-se ao conhecimento da formação da pós-graduação. Se posso dizer de outra forma: um ganho de muitos caminhos sempre intermináveis e impossíveis de fechar. Colocando isto não retiro a ideia do desafio, porque se tenho que falar sobre ele, então assumo que trazê-lo para essa experiência de relato me limitaria e todas as vivências que tornam possível ser está sendo no ProPed/UERJ e Rio de Janeiro.

É com isto que acho que devo me agarrar nessa narrativa, porque acredito mesmo que o desafio é fazer um relato dessa experiência, de como é e está sendo ser estudante, pesquisadora, professora, mulher branca e nordestina em espaços como o ProPEd. Aponto

está sendo porque penso que só é possível ser sendo. Só é possível olhar para esse lugar de formação acreditando nos barramentos das minhas subjetividades, perturbando as minhas memórias, minhas leituras, meus novos achados em pesquisas e estudos. E isto integra a formação, as alegrias dos possíveis que ainda estão por vir. Integra a dramática de saber se cheguei cedo demais ou tarde demais para o [Rio] de Janeiro que me atravessa, que não corre como o [Rio] Grande do Norte, mas entra em mim com as águas salgadas dos mares, com as entradas de novas ruas, vielas e mata da floresta da Tijuca. Com um passo corrido para o achado de outras, mesmas e diferentes leituras. Para um lugar de formação que pode até parecer o mesmo, mas não exatamente."

Maria Santos

Através dos relatos de minhas colegas, me reporto a Certeau (2017) que nos coloca que "o relato tem papel decisivo. Sem dúvida, descreve. Mas toda descrição é mais que uma fixação, é um ato culturalmente criador."(2017:191). Dessa forma, para Certeau, Maria Santos realiza o que diz e expõe os seus sentimentos migratórios, nos fazendo pensar que essa é uma condição humana, ainda que no mesmo território, migramos a nós mesmos transformados pelo mundo, deslocando e superando nossos próprios limites.

3.5 **De artefatos culturais a artefatos curriculares – As *cineconversas* em itinerâncias *online – zoom***

Participamos de um Projeto de Extensão que atua em outros Municípios, e também em outros Estados da Federação e dividimos várias tarefas de acompanhamento desses grupos. A partir da pandemia, e a disponibilização em maior escala de plataformas de streaming, foi possível dar continuidade ao programa estabelecido. Tais usos da plataforma eram conhecidos, porém usados para Seminários o*nline* na maior parte das vezes. Para encontros de "*cineconversas"* foi a primeira vez. Consideramos esses encontros momentos síncronos, pois há a presencialidade dos praticantes, apesar da presença mediada pelas telas de tablets, celulares, computadores. Estamos no mesmo lugar, juntos nesta ambiência, atuando, desenvolvendo conversas, acordando sobre combinados necessários ao andamento do projeto.

Todavia, usar a ferramenta ainda é um desafio para muitos, conforme as habilidades ou usos que fazem desses recursos e da estabilidade da internet e os limites e possibilidades dessas plataformas. Por exemplo, algumas plataformas geram registros de gravação dos encontros, outras não. Ou, geram, caso seja realizado algum acordo comercial de disponibilização do pacote de serviço.

Outro problema encontrado é o tempo de disponibilização da plataforma para os encontros. Novamente, para habilitar um tempo de serviço ilimitado é preciso pagar para termos as *cineconversas*. Para contornar esse problema, enviamos previamente o link ou arquivo do filme a ser assistido, conforme programado, e cada qual assiste em sua própria residência, da maneira que melhor lhe convier. Nela, o grupo de professoras já pós-graduadas e atuantes na educação *'aprendemensinam'* após *'verouvirsentirepensar'* os textos e filmes previamente definidos. No formato presencial, o filme é visto coletivamente. No ambiente *online,* a audiência de um filme de longa duração, com cada qual em seu próprio lar tem se mostrado improdutivo para assistir juntos. Perde-se um pouco do rico ritual desse momento mágico do silêncio, da respiração, das emoções contidas ou que se extravasam nas demonstrações, em maior ou menor grau, dos afetos. Realizamos as *cineconversas,* mas com o formato *online*, vê-los em separado, otimiza o tempo em frente à tela que por muitas horas pode ser cansativo.

Em nossas *cineconversas,* todos os participantes podem ter a palavra para falar acerca de seus pensamentos sobre o assunto em questão, ampliando o conhecimento". Nesses encontros, as novas formas de saber ficam evidenciadas, em uma inteligência coletiva, onde as aprendizagens colaborativas estão presentes, emergindo uma "adequação de formas estéticas da cibercultura aos seus dispositivos técnico-sociais (LÉVY, 1998: 153)".

Interessante que ao '*ouvirversentir'* a pessoa com quem estamos conversando, nosso sentimento de proximidade se fortalece e não nos damos conta de que estamos distantes geograficamente. Dessa forma, o diálogo pode ser mais informal e produtivo, uma vez que, somente uma pessoa pode falar para que os outros a compreendam. Há também os recursos do chat, onde pode o participante, por exemplo, pedir a palavra ou perguntar uma dúvida, ou, ainda, fazer um comentário sobre o que está sendo dito e também a possibilidade de apresentação de slides por um dos participantes. Outro ponto interessante, é que esses encontros podem ser gravados e podem ser assistidos posteriormente na web.

Uma sessão de *cineconversas marcante foi acerca do filme Ricardo III e o texto Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam,* de Nilda Alves e Regina Leite Garcia

(2000). Dois artefatos culturais, que tomados como nossos personagens conceituais, nos ajudam a pensar sobre diferentes temas que entremeiam nossos cotidianos e também sobre algumas questões próprias da linguagem do filme em questão. Como por exemplo, a não linearidade dessa narrativa fílmica, em especial a aproximação dessa circunstância a maneira como vamos tecendo nossas redes de *'práticasteoriasprática*', sempre de forma rizomática, sem linearidade. O filme chama atenção também pela montagem do enredo, feita em coleta de opiniões de especialistas sobre o mundo no contexto da obra de Shakespeare e no contexto histórico da produção cultural do autor. Ao mesmo tempo em que se fala do autor, do texto, fala-se das circunstâncias que possibilitaram a elaboração de tais pensamentos presentes na obra. O filme é um encontro sobre sentimentos/pertencimentos sobre o autor, a obra e a história. Um passado compartilhado por muitos, desde aqueles que sabem tudo de Shakespeare a outros que não sabem muito, mas compreendem que se trata de algo que importa.

Trechos da dramaturgia são encenados, como em um ensaio aberto a percorrer diferentes técnicas teatrais, como leitura dramatizada, como de ensaio teatral utilizada para interação entre os autores, conhecimento do texto em grupo, bem como as entonações sugeridas pelos diretores e exercício de aquecimento e construção dos personagens a partir da voz. Essas leituras compartilhadas, por vezes, parecem também recursos técnicos que por vezes usamos em nossas aulas. Lemos textos, comentamos as leituras e fazemos perguntas.

Nesse encontro, éramos um grupo de cerca de 15 professores. Sempre franqueamos a palavra e nesse momento notamos muitas vezes um silêncio. Falar em público, apresentar argumentos acerca de nossas '*práticasteorias'* nem sempre é fácil. Isso também é algo a ser desenvolvido no dia a dia dos encontros. A confiança vai sendo conquistada aos poucos, na medida em que as pessoas vão participando e percebendo que, de fato, existe uma troca, não há hierarquias entre saberes e que todos podem apresentar pontos de vista, como os depoimentos sobre os filmes que acabamos de assistir. A grande diferença é que no contexto da pesquisa não estamos editando nenhuma das falas, nem decidindo as ordens de entrada desta ou daquela opinião.

Larrosa (2003), em *"A arte da conversa"* nos coloca que o interessante da conversa é entrar nela e poder ir aonde não estava sendo previsto. Assim são nossas *cineconversas,* pois os participantes possuem a liberdade para expressar aquilo que *'viramouviramsentiram'* ao entrarem em contato com os personagens conceituais (filme e texto). E Larrosa (2003) nos aponta

> o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo...pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças...mantendo-as e não as dissolvendo...e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações...e isso é o que faz interessante… por isso uma conversa pode manter as diferenças até o final, porém cada vez mais afinadas, mais sensíveis, mais conscientes de si mesmas. (2003:212)

E em nosso encontro, coube à Maria Ana, uma das participantes, abrir nossa conversa. Ela inicia destacando a importância de Shakespeare em relação à abordagem sobre sentimentos e nos revela que assistiu à peça em Nova York, em outra língua, e apesar disso, a interpretação do texto pelos atores foi tão marcante que foi possível a compreensão do contexto da peça. Segundo ela, a peça nos remonta ao sentir. Experiência que está imbricada nos cotidianos, a partir do movimento sentimento de mundo como um disparador de se pensar o mundo. Nesse caso *'sentirpensar'* não estão separados de modo dicotômico.

A conversa também possibilita, segundo Nilda Alves, uma aprendizagem não linear, o que remonta à zona de desenvolvimento proximal Vygotsky (2007). Que faz todo sentido com as redes que formamos e que nos formam, na medida em que aprendemos na interação com o *Outro.* Ainda com relação aos aprendizados em redes, Elaine aborda o fato de que todos têm algo a dizer e que isso fica explícito no filme quando o diretor vai às ruas entrevistar as pessoas comuns. Ela destaca também, que a vilania presente no enredo do filme faz parte da natureza humana: poder, manipulação, ganância. Mas não só esses sentimentos, lembra Geni, que enfatiza o fato da necessidade de se abrir ao novo para qualquer aprendizagem. Essa potência de se abrir a novas ideias, possibilidades e soluções para os grandes temas da vida possibilita enfrentar batalhas, como as enfrentadas cotidianamente pelo povo que está na capacidade de organização das pessoas no propósito de superar adversidades (comunidades, associação de moradores e outros). Os pequenos cotidianos é que transformam a sociedade, diz Geni, o que nos remete às redes de '*práticasteorias'* coletivas dos movimentos sociais.

Alves (2019) lembra também que a formação dessas redes de práticas teorias dos movimentos sociais se dá de maneira rizomática, crescem debaixo da terra, nos subterrâneos e no momento certo, eles "brotam". Esse brotar se dá pelos sentimentos. São os sentimentos que mobilizam as pessoas realizando mudanças. Para Nilda Alves, apesar das pessoas serem afetadas de formas diferentes, propiciam as mudanças. Às vezes em pequenos passos. Mas eclodem de muitos lugares e com variadas intensidades.

Mas essa organização não se dá como uma formação militar, como com o exército do filme. A guerra se traduz muito mais em estratégias para oprimir uma determinada soberania.

Nesse sentido, Alves e Ferraço (2018) dizem que a resistência dos homens comuns, conforme aprendemos com Certeau, advém de suas táticas. Saberes ancestrais, maneiras de fazer:

> Assim, o cotidiano para Certeau (1994;1996) jamais se reduziria a um contexto fixo, para onde se vai ou de onde se sai, mas se constituiria como *espaçostempos* de indisciplinas, sempre fluidos e irreverentes. Cotidiano como devir, como acontecimento, como experiência, exigindo de nós uma permanente condição de negociação e de deslocamento mesmo quando não nos damos conta disso. (ALVES, FERRAÇO, 2018:55,56)

Pensar em estratégias e táticas suscita também a maneira política de se governar. As narrativas nos ajudam a pensar essa relação de quanto as fabulações podem ser possíveis. O Reinado de Ricardo III, as batalhas perdidas ou vencidas nos informam sobre escolhas éticas, estéticas e políticas que vamos constituindo pelo nosso caminhar. Percebemos com facilidade quanta permanência de pensamentos, ações, ao longo da nossa história, fortalecem preconceitos, discriminação, ambição, guerras e que em nome de um poderio e disciplina bélicos tentam subjugar as pessoas.

Esses preconceitos, discriminações e subjugações nas relações de diferentes hierarquias de poder nem sempre são percebidos pelos sujeitos, como lembra Maria Ana, ou são assumidas sem o menor pudor, como por exemplo, questões preconceituosas ligadas à raça e gênero como gesto político de governos autoritários. Há uma consciência sobre essa manipulação e esses estratagemas de difusão de uma necropolítica, que tem encontrado eco na sociedade. Alves defende que esses ecos estão presentes em nós, muitas vezes, pois estão presentes na nossa formação. A escola é esse lugar de formação onde se pode devir outros modos de ser e estar no mundo, mas está fragilizada, conforme adverte Alves (DATA), pela constituição curricular em disciplinas, como se pudéssemos compartimentalizar o nosso viver em fatias. Essa divisão reforça inclusive questões de relacionamento, diz Maria Ana, pois tende a priorizar uns saberes em detrimento de outros. Ela vê a importância da interdisciplinaridade para equalizar essas forças contrárias. Na verdade, são saberes que se interconectam o tempo todo, diz.

Além da discussão dos aspectos do filme, outros sentimentos do mundo, afetações, também aparecem, principalmente relacionadas às nossas práticas. Estar *online*, ver filmes no conforto do lar e no momento que se deseja para posteriormente encontrar o grupo tem sido apreciado por alguns e é uma prática que, de certa forma, favorece a autonomia. Organização do tempo, situação de aprendizagem, possibilidade de realizar diferentes tarefas simultâneas são habilidades que temos nos empenhado em adquirir, inclusive nosso protagonismo em relação à busca desses momentos de entretenimento, estudo e trabalho. Estamos em casa, na

grande maioria das vezes e isso requer uma maneira de se relacionar com os estudos e a divisão do próprio tempo de dedicação ao trabalho, à casa, aos estudos sob pena de ficarmos sobrecarregados e até desestimulados pelo acúmulo de tarefas. Nesse sentido, Lívia enfatiza a importância do protagonismo do estudante no processo de ensino aprendizagem que, em tempos remotos, está mais forte do que nunca.

Em relação à divisão por disciplinas, Alves apresenta ainda algumas críticas à BNCC e coloca algumas questões ao grupo. Quais as possibilidades de discussão da permanência da escola organizada em disciplinas? Não há outras formas de organização escolar?

Alves lembra que além da decisão das áreas do conhecimento por disciplinas a expressão grade curricular, por si só é um aprisionamento. Como lembra Rosa sobre a etimologia da palavra “Grade” significando entrelaçamento, e não o aprisionamento. Porém, esse entrelaçamento podem ser “amarras” e por isso, a possibilidade de outras formas de organização.

Alves nos remete ao fato de que palavras nos deixam marcas e nos remetem ao aprisionamento. A questão do entrelaçamento pode nos levar à palavra redes. E Rosa concorda que essa palavra é mais adequada.

Elaine nos apresenta a importância do trabalho com projetos. De como ele é trabalhoso, e de que em sua escola, essa forma de trabalho não foi à frente. A narrativa dos professores sobre o trabalho era de insegurança, pois a perspectiva de projetos exige flexibilidade, avaliações constantes, professor mediador, mudança de paradigmas, interdisciplinaridade. E ainda, exige envolvimento da comunidade escolar e muitas vezes, isso não atendia a expectativa dos pais. Nilda Alves fala do conhecimento de experiências com projetos maravilhosos. Conta-nos a experiência de uma professora de Física, na UFF, quando abordava a questão da importância de se trabalhar a abstração.

O fato é que '*aprendemosensinamos'* com projetos vividos pela própria prática. Como esta experiência de Friburgo vivida por mim, as "*cineconversas*" e as itinerâncias do projeto do qual faço parte tem esse caráter rizomático apontado por Alves, mas também pelo caráter interdisciplinar.

Fechamos o encontro reafirmando que a *"cineconversa"* nos ajuda a aprender com o outro e que o filme Ricardo III remonta a história de um filme que reúne diferentes encadeamentos, lugares, pessoas, pensamentos, questões acerca de Ricardo III e de Shakespeare, principalmente. O filme é constituído de ambientes de entrevistas a pesquisadores, mas também a presentes nas ruas. São utilizadas as encenações de partes do

texto da obra e os momentos dos ensaios em diferentes fases de um ensaio real para produção de uma peça, desde os primeiros encontros com os atores, os convites à participação da produção a outros, a escolha de figurinos entre outros. Assim, aprendemos sobre Shakespeare, sobre a Inglaterra, mas também sobre os bastidores do teatro inglês, bem como os bastidores de uma produção cinematográfica e ainda percebemos o quanto Shakespeare e seus textos vêm circulando pelos tempos em uma obra estética e política. As informações nos chegam pelo filme de forma rizomática, não linear e a partir de vários elementos e que reunidos nos falam de certa ética, estética e política através dos tempos. É nesse sentido que a metodologia das *cineconversas*, em nosso grupo de pesquisa, nos é tão cara para pesquisar *com* os cotidianos.

4 **O meu caminhar enquanto professora mediadora migrante**

Dentro de todo esse processo formativo não poderia deixar de trazer para este texto as minhas práticas enquanto professora mediadora migrante, assim me autodenominando nessa escrita. Autorizada por Certeau (2017), quando ele diz que "os relatos exercem também o papel cotidiano de uma instância móvel e magisterial em matéria de demarcação" (2017: 190). Embora não esteja dentro do âmbito coordenado por Nilda Alves, as práticas cotidianas nessa experiência estão imbricadas com tudo que '*aprendoensino'* no doutorado e nas redes em que estou envolvida. Para Certeau "as operações de demarcação, contratos narrativos e compilação de relatos, são compostos por fragmentos tirados de histórias anteriores e bricolados num todo único" (2017:190) e dessa forma procuro estabelecer o encontro entre as narrativas das estudantes, as minhas e a formação de professores em um curso de licenciatura.

Essa prática começou em 2007 dentro do Consórcio Cederj, que foi idealizado com o objetivo inicial de formar professores em todo o Estado do Rio de Janeiro. Seria um curso de graduação para docentes em formação. Este consórcio formado pelas universidades públicas Federais e Estaduais, presentes em todo o estado, oferecia no início, os cursos de licenciaturas em Pedagogia, Biologia, Matemática e muitos outros. Hoje, o consórcio foi ampliado e há cursos diferentes das licenciaturas oferecidas inicialmente, como o curso de Administração, por exemplo. As graduações são oferecidas na modalidade semipresencial e os estudantes ao concluírem seus cursos, recebem o diploma de formação da universidade consorciada que o ofereceu. No caso deste relato, trata-se da graduação em Licenciatura em Pedagogia oferecida pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Prestei o primeiro concurso em 2007, como disse anteriormente, e no princípio atuei por três anos na disciplina Projeto Político Pedagógico como mediadora à distância e presencial. Nesta função, interagia com os estudantes através da plataforma *Moodle* auxiliando-os com dúvidas pertinentes ao conteúdo e ao andamento do curso e também avaliava trabalhos e provas. Como mediadora presencial, encontrava com eles na UERJ, em horários noturnos e aos sábados, reconhecendo a flexibilização desses horários de encontros com o intuito de atender aos estudantes que trabalham durante o dia, a semana toda. O encontro deveria ser para esclarecer dúvidas individuais, mas acabava por reunir um grupo presente no polo e conversar a respeito do conteúdo e de diversos temas educacionais. Entrava em uma sala e com os estudantes sentados em círculo, *'aprendíamosensinávamos'* juntos.

Com a mudança curricular, a disciplina foi extinta e fui indicada a fazer parte da equipe de Práticas Educativas em Seminário 4 (4º Seminário de Práticas Educativas, é o nome oficial da disciplina). Era o primeiro deste novo semestre que estava sendo implementado paulatinamente, e embora a coordenadora já tivesse pensado o escopo desse componente curricular, tivemos a liberdade para criar as ações, materiais didáticos, avaliação e tudo o que fosse pertinente à nossa prática. Éramos uma equipe de 4 pessoas: coordenadora, mediadora à distância e duas presenciais. O diferencial dessa proposta é que a presença das mediadoras se dá nos polos de atuação do consórcio Cederj e então viajamos às cidades interioranas do Estado. O mesmo acontece com os estudantes que, em sua maioria, não pertencem às cidades onde estão os polos de estudo. Realizamos encontros de oito horas diárias com os estudantes, aos sábados, e posteriormente os acompanhamos *online.* É nesse momento que passo a me ver como uma professora migrante pendular, que migra de cidade em cidade para '*aprenderensinar'*.

Desde a concepção de nossas práticas, dizíamos umas às outras que gostaríamos de "ver os olhinhos brilhantes" de cada estudante. Para um grupo que estuda a maioria do curso de forma remota, passar um dia de sábado conosco não poderia ser um dia enfadonho, porque de nada adiantaria nosso empenho em trocar conhecimentos. E, como prosseguimos acompanhando os alunos em suas atividades no *Moodle*, o mesmo sentimento se daria em relação ao *online*.

Certeau (2017) nos aponta que "o espaço é um lugar praticado" (2017: 184) e nesse sentido, desejamos sempre que nossa sala de aula virtual fosse habitada desde o início do semestre, e não somente após o encontro presencial. Para nós, as trocas de experiências seriam importantes para o processo de *'aprendizagemensino'*. Considerando esse fato, em um curso à distância, é muito importante que ocupemos o ambiente virtual e utilizemos um desenho didático em que os *hiperlinks* funcionem para facilitar o acesso a vídeos, imagens, textos e, por consequência, estimulando a navegação por conteúdos disponibilizados nas diferentes mídias que se apresentam na rede. Dessa forma, acessamos uma das redes que Alves (2016) nos ensina: a da prática teoria de produção e "usos" das mídias.

Realizar essa mediação em um ambiente *online* nos exige contemplar a relação entre o docente *online* e o desenho didático que ocorrerá no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). Como um organismo vivo, eles estão sempre interligados no seu funcionamento; eles interagem e evoluem juntos (MORIN, 2007).

O desenho didático deve ser compreendido como o meio onde todo o conteúdo e as atividades interativas de aprendizagem estão dispostos a fim de facilitar a '*aprendizagemensino'* de docentes e discentes de forma colaborativa, ou seja, é a arquitetura de conteúdos e de situações de aprendizagem para estruturar uma sala da aula online, contemplando as interfaces de conteúdo e de comunicação (SANTOS e SILVA, 2009).

E esse foi nosso primeiro desafio: ocupar o ambiente virtual da forma mais interativa possível com intuitos múltiplos: de que o estudante se sentisse acompanhado e que seu acesso fosse ágil; de que o estudante percebesse que esta prática poderia ser adotada por ele na sua própria experiência como docente; porque como docentes em formação, a maioria trabalha por muitas horas semanais e o tempo é escasso. Da mesma forma, desejamos que uma prática menos enfadonha pudesse ser refletida, para que as práticas destes professores em formação viessem proporcionar conhecimento e prazer para os seus futuros estudantes. Desta forma estaríamos produzindo assim o que MORIN (1999) define como uma espiral do conhecimento.

Fazemos o "uso" (CERTEAU, 2017) de diversos vídeos, entrevistas e imagens na web e estes tornam-se nossos personagens conceituais (DELEUZE E GUATARRI, 1992). E neste "uso" evidenciamos, mais uma vez, o movimento dos cotidianos "criar nossos personagens conceituais" criado por Alves, Andrade e Caldas (2019):

> Deste modo, foi possível, pouco a pouco, termos esta compreensão que dentro de uma pesquisa com os cotidianos, nos é necessário criar nossos intercessores - os personagens conceituais - o que difere completamente de outras propostas de pesquisa que pretende encontrar "fontes" com as quais possam "encontrar verdades". Os "personagens conceituais" que criamos e com os quais 'conversamos' nos servem para compreender aquilo que pesquisamos e para nos fazer pensar. (2019:12)

Quando assistimos um vídeo, lemos uma história em quadrinhos, realizamos conversas nos fóruns, conversamos nas rodas de conversa do encontro presencial, encontramos nossos personagens conceituais e com eles pensamos.

A disciplina de práticas educativas prevê um encontro presencial que se inicia com uma conversa com intuito de estreitar laços. Nesta roda de conversa, apresentamos o que chamamos de “hino” de Seminário 4, como carinhosamente chamamos a disciplina. Trata-se da música "Meus oito anos", escrita e interpretada pela cantora Paula Toller. Na letra há apenas indagações, tais como: o que significa impávido colosso? Por que os dentes caem? Por que a terra gira?... Esse é o despertar para compreender que o que move o mundo não são as respostas e sim as perguntas, os questionamentos. Essa afirmativa faz alusão a outro vídeo

disponibilizado no AVA da disciplina: um comercial de televisão do canal Futura. E na sequência, partimos para a conversa acerca do conteúdo curricular da disciplina com base nos textos de apoio lidos previamente. Esse é um momento crucial para a oficina, como chamamos nosso encontro, porque os estudantes conversam e se sentem à vontade para expor suas práticas, acertos e dificuldades, afinal, a maioria deles é docente em formação. Uma roda inicial permite que o ambiente se torne favorável à escuta uns dos outros, o que pode tornar a aprendizagem mais efetiva, uma vez que estamos envoltos na empatia. Muitas vezes há discordâncias, porque cada estudante vive uma realidade única e é bom que isso aconteça, porque mais possibilidades de criação e enfrentamento das dificuldades são levantadas pelo grupo. Para Alves e Ferraço (2018),

> vamos nos dar conta de que, quando nos envolvemos em conversas tecidas por relações de afetos-amizades, quando nos predispomos a entrar em uma rede de conversações em nossas pesquisas, buscando potencializar encontros com os praticantes dos cotidianos das escolas, nunca saberemos aonde as conversas poderão nos levar e, para nós, aí reside o mistério e a magia das práticas da conversa: nos deixar levar pelas redes e pelas diferenças que atestam a permanente novidade da vida. (2018: 62,63).

Como tática de praticante, dispomos de diversos materiais fílmicos com a temática do encontro e de acordo com as nossas conversas, fazemos uso do material que para nós são nossos "personagens conceituais" (GUATARRI E DELEUZE, 1992) e nos ajudam na compreensão do contexto. Dessa forma, encerramos a nossa manhã *'vendoouvindosentindo'* filmes e conversando acerca deles e das '*práticasteorias'* vivenciadas pelos participantes.

Saímos para o almoço e a conversa continua fora da sala de aula. Isso é interessante perceber. É uma forma a mais de compartilhar o conhecimento de uma maneira que os estudantes não têm muitas oportunidades em um curso a distância.

No retorno, o cansaço aparece a todos e é preciso dinamizar de forma mais prática ainda esta etapa da oficina. Chamamos esse momento de “colocar a mão na massa” e estabelecemos acordos com os grupos para conversarem e chegarem a um objeto de pesquisa comum. E esse é um momento de desafio para os estudantes: definir o que querem estudar. O que desejam conhecer, tal e qual o Gabriel do nosso “hino”? O que pesquisar? Isso porque ele precisa ser de interesse do grupo todo e ainda, a maioria não está acostumada a ter essa autonomia. Quase toda a vida escolar deles foi direcionada por um professor. E agora, o que decidir?

A tirinha abaixo ilustra nossa motivação para uma prática de formação de professores que seja mais significativa.

Imagem 32 - Tirinha em quadrinhos

Fonte – https://tiras-do-calvin.tumblr.com

Decidido o questionamento da pesquisa, traçam um planejamento sobre o que querem saber mais a respeito do que gostariam de saber mais, porque escolheram esse questionamento e de que forma buscarão mais conhecimentos. Os “achados” da pesquisa serão incorporados na plataforma para interação de todos, inclusive de outros grupos.

Ao longo de todo o encontro, fizemos uso de vários curtas para realizarmos "*cineconversas"* a partir do que *'vimosouvimossentimos'*. Todos os filmes estão disponibilizados na sala virtual da plataforma e os estudantes podem ter acesso prévio aos mesmos.

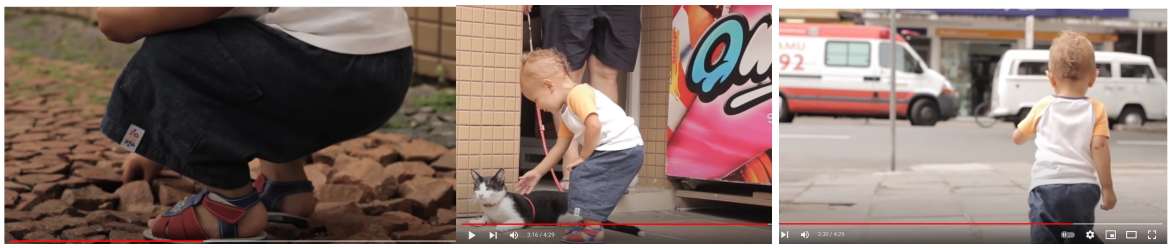
No encerramento das atividades, a *"cineconversa"* é acompanhada por "Caminhando com Tim Tim". No curta, a câmera é usada na altura do protagonista (Valentim, um menino que possui um 1 ano e 6 meses) e percorre o trecho da casa onde mora até a casa da avó, sendo esse caminhar narrado pela mãe para o que ela chama de "Os 4 encontros". A mãe afirma que para ela são apenas duas quadras: - "calçada, ferragem, mercadinho, chegou". Porém para Tim Tim, não. Ele aprecia as pedrinhas do caminho, as árvores, poças d`água e vai sentindo o caminho. No pequeno percurso, ele estabelece encontros afetivos. Tim Tim cumprimenta o seu João, morador de rua e flanelinha, com quem troca beijos e se o mesmo está dormindo, passa sussurrando para não acordá-lo. Todo o percurso de Tim Tim possui um fundo musical brejeiro que aguça nossas memórias auditivas. No meu caso, me reporta as idas ao circo, quando sempre se ouvia músicas com realejo.

Imagem 34 – Cena do filme Caminhando com Tim Tim

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI

A mãe de Tim Tim, carinhosamente como é chamada a criança de nome Valentim, nos convida a aprender com o percurso quando nos diz o que Valentim a ensina. Ela nos fala que aprende que o tempo é "senhor de delicadezas, desafios e novidades constantes e intermináveis" e sobre a importância de vivenciar o caminho. No segundo encontro, Tim Tim nos apresenta o Jorge, o guardador de carros do restaurante da esquina, que é baiano como o pai. Com ele, Tim Tim estabeleceu uma conversa a respeito de suas sandálias e sempre se abaixa e apresenta a Jorge seus calçados. Tudo a partir de um elogio feito por Jorge em um dos seus encontros no caminho até a casa da avó. No terceiro encontro, o dono do mercado, que interage com Tim Tim com beijos e carinhos em seu gato (ainda que às vezes atrapalhado). E por último, os senhores do almoxarifado do hospital que Tim Tim faz questão de cumprimentá-los diariamente.

Imagem 35 – Conjunto de imagens do filme Caminhando com Tim Tim



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=1dYukOrq5RI

Sandra Kretli, professora da linha de cotidianos na UFES, no podcast Cotidianos e currículos, nos apresenta o "uso" desse mesmo curta em seu grupo de pesquisa e coloca os múltiplos "usos" que os professores fazem dos artefatos culturais de acordo com Certeau (2107). São processos de invenção que envolvem cinema, literatura, textos, processos de criação onde eles reinventam as suas *'práticasteoriaspráticas'*, os seus *'saberesfazeres'*. Ela aponta a necessidade de pensarmos outros possíveis nas práticas e pesquisas e ressalta, junto a Delboni (2017), a importância das afecções e dos afetos nas redes educativas, assim como no curta de Tim Tim, percebemos que

> É no encontro que um corpo se define, aumentando a potência da ação, multiplicando os afetos e afecções. As afecções são os estados dos corpos provenientes da ação de outros corpos sobre eles. Já os afetos são variações contínuas desses estados, ou seja, os afetos podem provocar aumento ou redução da potência de ser e de agir. (Kretli, Delboni, 2017:61)

Tim Tim caminha com olhar atento ao trajeto, mas estabeleceu a conexão com esses quatro encontros e nos ensina que "o chegar não é mais valioso que a andança, que o encontro é precioso e necessário". E é esse o diálogo que procuro estabelecer com as estudantes em formação do curso de Pedagogia no sentido de sensibilizá-las para as muitas questões presentes nas redes educativas, a começar pela própria formação delas, que precisa ser fundamentada na prática e em atenção aos cotidianos, sendo, portanto não recomendável fazerem disciplinas em demasiado.

No afã de se formar, estudantes escolhem muitas disciplinas em um mesmo semestre e isso as deixam sobrecarregadas de leituras e avaliações, o que não permite o aprofundamento no conteúdo e tão pouco nas vivências e experiências proporcionados pelo curso. Dessa forma, podemos pensar a formação das professoras e professores, dando atenção aos currículos desses nossos estudantes. Como dosar os componentes curriculares de todo o curso? Penso que menos componentes com ementas aprofundadas nas questões educacionais seriam mais produtivos e interessantes.

A disciplina 4º Seminário de Práticas busca, ao longo do semestre, estimular os estudantes a navegarem pelos conteúdos disponíveis no AVA da disciplina e a interagirem durante as atividades através de um fórum da plataforma. Desta forma, estudantes e mediadores mantêm um diálogo a respeito de suas descobertas e aprendizados, podendo compartilhar em grupos as suas descobertas, sistematizando os conhecimentos, até chegar a etapa de elaboração dos trabalhos. A atividade prevê a criação coletiva de um projeto com tema livre e de interesse comum, conforme foi dito acima. E, ao final, a elaboração de um relatório onde os estudantes farão a narrativa de seus aprendizados e de como foi vivenciar esse processo.

Essa atividade hoje é a criação, em grupo, de um mural virtual, também chamado de *padlet*, mas que nem sempre foi assim. Nos primeiros anos de oferta da disciplina, primeiro criamos a possibilidade dos achados de pesquisa serem entregues em formato de Portfólio em meio físico; posteriormente, criamos a possibilidade de criação de um blog e recentemente, mudamos para o *padlet*. Dessa forma, assincronamente, os integrantes do grupo podem contribuir com as pesquisas de acordo com suas possibilidades de tempo. Assim, ao longo dos anos em que a disciplina é oferecida, incluímos ou substituímos recursos de tecnologia que atendam aos pressupostos construídos, em atenção à garantia de que haja compartilhamento, interação e da utilização de diferentes mídias.

Recorremos ao estudo interdisciplinar, onde o estudante é co-autor de seu processo de '*aprendizagemensino'* e o professor, o mediador do processo. Importante destacar que tornar-se um professor mediador pode muitas vezes gerar insegurança no docente. Alves (2019) nos fala da importância da formação continuada. Embora seja um curso de graduação, nosso curso é predominantemente composto por docentes em serviço. Daí a minha grande identificação com este contexto como espaço de formação de professores.

Pensando então nas trocas entre nós, docentes do consórcio – pela UERJ, com os já professores em formação continuada, ainda que no curso de graduação e os novos participantes, recém chegados à Pedagogia, é que sempre criamos fóruns para os grupos publicarem seu processo de trabalho e pesquisa, sendo mediados por nós. Nesse lugar de encontro, trocamos experiências e acompanhamos o grupo na condução do trabalho de pesquisa. Dessa forma, ao término do semestre, eles e nós teremos a certeza de que foram cumpridos os objetivos da disciplina, porque foram acompanhados em todo o processo. Reconhecemos que o mais importante do trabalho em grupo são os aprendizados um com o outro. Aquele que possui vivências e aprendizados distintos e que juntos poderão

'verouvirsentirpensar' a Educação de forma mais ampla e criativa e onde podemos creditar a filosofia africana Ubuntu a maravilha dos encontros, da máxima de que juntos somos mais fortes. Alves (2019) nos apresenta:

> *'Aprendemosensinamos',* também, muito mais nelas [as redes educativas] e com elas: sobre como trabalhar em conjunto, porque fizemos trabalhos em grupo, por exemplo, do que talvez os estudantes aprendam em seu curso universitário de formação no qual as atividades desenvolvidas são, em sua maior parte, em disciplinas - essas partições do currículo e da formação que pouco permitem o surgimento de trabalhos e criações comuns, algo que deveria ser considerado indispensável às ações docentes. (p.117)

Dessa forma, trabalhar na perspectiva de projetos, nos possibilita a interdisciplinaridade como condição para saber mais, pois ao longo da pesquisa, diversos conteúdos científicos: da matemática, da geografia, artísticos, e ainda outros se apresentam e são fonte de conhecimento. Nesse contexto, a importância de um professor mediador, daquele que *'aprendeensina'* concomitantemente, que muitas vezes é o timoneiro do barco para que a pesquisa não se perca com a imensidão de informações que nos são apresentadas é fundamental. Entre os seus inúmeros papéis está o de orientar para que o registro do processo seja organizado para que possa ser autoavaliado para que o estudante possa corrigir o curso do mesmo, bem como perceber/avaliar o quanto de conhecimento foi apreendido. Ao mesmo tempo, neste processo, é possível ao mediador perceber através do relatório do estudante o quanto os parâmetros de interação e pesquisa foram alcançados por cada um dos participantes.

Peço licença para fazer um parêntese sobre a urgência no rompimento do currículo particionado. Seria uma outra tese a desenvolver porque envolve a hierarquia das disciplinas, a formação de professores que também é particionada, os horários escolares e muitas outras, enfim, uma série de questões que hoje estão postas e há séculos são dessa forma. Desejo que um dia essa estrutura seja revista e a valorização de uma rede educativa interdisciplinar seja valorizada e aplicada. Como Alves (2019) nos diz sobre as redes das *'práticasteorias'* de criação e "uso" das artes:

> Em diversos projetos de pesquisa que foram se sucedendo, nos quais buscávamos compreender os modos como artefatos culturais diversos - livros infantis; xilogravuras; estandartes; televisão; vídeos; filmes etc - se articulavam com os processos curriculares e didáticos, através das ações docentes, íamos percebendo, modos diversos e complexos que os *'praticantespensantes'* da docência estabeleciam com a cultura, em seu sentido mais extenso. Encontramos nesses projetos, docentes que tocavam diversos instrumentos musicais e que trabalhavam com eles em suas aulas; outros que "amavam tanto cinema" que os filmes não podiam estar ausentes dos processos didáticos que desenvolviam; alguns tinham feito cursos de teatro e incorporavam pequenas peças nas aulas ou iam a alguns espetáculos com seus estudantes; outros gostavam tanto de ler que, houve um, que

> introduzia literatura "até em suas aulas de matemática". Contatos com professores de artes, então, eram sempre uma descoberta. (2019:120

É claro que através das táticas de praticantes, os *'docentesdiscentes'* fazem o "uso" das artes criativamente e essa tese traz várias formas de inspiração ao longo do texto. O que gostaria de deixar marcado é que se fazemos tudo isso que Alves e Garcia (2000) perceberam em seus projetos observando as práticas, imaginem o quanto criativo e prazeroso seria se fosse pensado e estimulado acerca dessa ideia de um currículo centrado nas artes. Dessa forma, estimulamos a diversidade do "uso" das artes nos projetos propostos pelas estudantes.

Como professoras mediadoras compreendemos que em um curso de formação de professoras é necessário estar próximo às estudantes. O encontro presencial fez muita falta (isso porque em tempos pandêmicos aos quais vivenciamos, não pudemos nos encontrar presencialmente), porque é praticamente o primeiro contato com os estudantes após a apresentação individual no fórum. Essa distância física exigiu de nós estarmos mais presentes ainda no ambiente virtual e enfatizamos algumas ações: enviar mensagens sobre a participação deles na plataforma; incentivá-los a trocar com os colegas os aprendizados; procurá-los quando não entregam o trabalho no prazo para saber o que houve; retornar em prazo acordado o feedback dos trabalhos entregues e outras ações. No que tange a baixa participação de alguns ou a não entrega do relatório no prazo, muitos apontam a dificuldade em lidar com a pandemia, principalmente pela perda de parentes e empregos, sobrecarga de trabalho e outros motivos. No caso da dificuldade na entrega dos trabalhos dentro do prazo, agradeceram a nova oportunidade de entrega do relatório, pois, muitos participaram de praticamente todas as solicitações e interações e efetivamente tinham aprendizados a narrar.

Ao longo dos anos de oferecimento da disciplina, mudamos muitas vezes a sala interativa. Mudamos os materiais de estudo, as avaliações e a forma de interação. Percebemos a necessidade de incentivar mais os estudantes a participarem da disciplina e desenvolvemos jogos para estimular esta navegação. Criamos vídeos explicativos expondo a tela da plataforma para, dessa maneira, minimizarmos dúvidas que poderiam ocorrer durante a navegação. Avaliamos acertada a decisão de manter um contato estreito com o estudante ao longo do curso e mesmo ao término dos prazos, pois foi graças a essa flexibilização que muitos não abandonaram o curso.

Com a pandemia, considerando se tratar de uma disciplina que implica em atividades práticas, a exclusão do encontro presencial foi uma grande perda, pois nessa experiência podíamos "ver os olhinhos brilhantes dos estudantes" a cada conexão sobre as

'*práticasteorias'*. Esse encontro foi substituído por um *chat* na plataforma utilizada pelo curso, no caso a *Moodle*. E por que não utilizar plataformas com imagem como o *zoom* ou o *meet*[30]? Pensamos que ao utilizar o ambiente virtual ao qual o estudante estava acostumado e possuía acesso gratuito, facilitaríamos a navegação da maior parte dos estudantes. Mas ainda assim, muitos não seriam contemplados, uma vez que os laboratórios de informática, disponibilizados nos polos de atendimento, estariam fechados. Mas como tudo pode mudar a qualquer momento, houve uma data de encontro que foi marcada em um sábado de feriado. Não podemos afirmar se esse foi o motivo concreto, mas a plataforma travou. Os estudantes estavam tentando entrar no link do encontro. Sabemos disso porque víamos eles logados na plataforma, mas não acessavam o chat. Nesse momento, eu, minha coordenadora e a mediadora a distância, presentes no encontro, tomamos a decisão de ir a uma sala virtual no *meet.* Como a presença em tempos de pandemia não é obrigatória, lançamos mão dessa alternativa, mesmo sabendo que muitos não poderiam comparecer. Pelo menos sabíamos que estaríamos atendendo parte deles que se programaram para o encontro. Para nossa surpresa, tivemos cerca de 70% dos estudantes presentes e participativos. Foi maravilhoso ver os olhinhos brilhantes de alguns, porque a maioria preferiu ficar com a câmera fechada. Respeitamos a individualidade dos estudantes porque entendemos que nós invadimos o ambiente privado deles e muitos não se sentem à vontade para abrir a imagem e o som. Dessa forma, muitos participaram através do chat do próprio meet e foi muito produtivo o encontro. Na semana seguinte, com outro polo de atuação, avisamos com antecedência e já iniciamos no próprio *meet* sem contratempos. Foi excelente. Confesso que foi libertador porque o contato pessoal me faz muita falta. Na plataforma *meet*, pelo menos os vejo e escuto. No chat, eram apenas palavras sem rosto e com uma grande velocidade de interação, porque era semelhante a uma conversa por escrito no WhatsApp em um grupo de cerca de 30 pessoas. A experiência não era a mais produtiva e embora já tivéssemos orientações prontas para serem coladas em tela como táticas de praticantes, algumas perguntas dos estudantes acabavam não sendo respondidas.

Considerando a dificuldade em dar respostas a todos, desde o primeiro chat, criamos um fórum tira dúvidas aberto por polo, durante uma semana, exatamente para responder o que ficou de dúvidas no encontro do chat e posteriormente no encontro do meet. Esse fórum é crucial para o início assertivo das atividades. Nele, os estudantes esclarecem suas dúvidas e

[30] Plataforma virtual para reuniões entre pessoas.

recebem orientações complementares para iniciarem os trabalhos, apesar de que todas elas estão presentes no guia do aluno, postado na plataforma.

Após uma semana, eles partem para a criação dos fóruns dos grupos onde farão o trabalho coletivo de pesquisa. E, embora este recurso seja bastante aproveitado, ainda assim os estudantes fazem grande parte do contato com os pares através do Whatsapp. Em nosso último encontro, percebemos uma oportunidade para acompanhá-los mais amiúde e solicitamos que "copiassem e colassem" as conversas, tão caras para nós, no próprio fórum, através do recurso WhatsApp Web. Foi ideia de nossa coordenadora uma vez que víamos as conversas dos fóruns esvaziadas e o relato de que elas haviam sido trocadas no WhatsApp. Essa solução resolveu o problema de como nós mediadoras poderíamos acompanhar as conversas de tantos grupos fora da plataforma. Vale dizer que não pensamos em disponibilizar nosso número de celular pessoal para os alunos, uma vez que uma mediadora da disciplina atende, em média, cerca de duzentos alunos a cada semestre. A seguir, exponho a conversa de um grupo sem mediação, pois a mesma foi realizada no whatsApp e transportada para o fórum de discussão. Eu entrarei nas próximas conversas feitas diretamente no fórum, mas acho importante compartilhar o diálogo pela semelhança com as conversas em sala de aula. Só um detalhe que considero interessante no diálogo: a disciplina é prática e tem como foco a elaboração de projetos nas redes educativas, por esse motivo, insistimos que o objeto de pesquisa seja prazeroso para que todos participem ativamente e que nesse momento, eles se compreendam como estudantes e como professores, construindo desta forma um sentido amplo para o seu *'aprenderensinar'* na relação *'praticateroriapratica'*. Dessa forma, não precisam criar um projeto para aplicar com seus estudantes. O que nos interessa é que eles vivam o processo para que o mesmo seja uma experiência rica em percepções do "*verouvirsentirpensar"* que Nilda Alves (2019) tanto nos ensina.

O fórum retrata a conversa das estudantes como se elas estivessem em sala de aula. Geralmente elas conversam sobre o trabalho a ser realizado, quanto ao prazer de buscar o conhecimento e realizar as trocas de aprendizados, sobre as dificuldades de acesso, sobre a forma de organização do grupo e até mesmo as "táticas de praticantes", quando discutem o que farão no projeto pelo whatsapp e depois "copiam e colam" a conversa no fórum. E por que não usamos o Whatsapp? Porque seriam muitos grupos a administrar e com a expectativa do outro de resposta imediata. O fórum é assíncrono, o que facilita as respostas no tempo dos mediadores. O importante é responder sempre que possível para que a estudante possua a mediação de forma frequente.

Nesse fórum, além do acompanhamento do trabalho de grupo, orientamos as estudantes a realizarem pesquisas em lugares diversificados, a realizarem entrevistas com pessoas ligadas à área da pesquisa, a apresentarem narrativas pessoais, principalmente textos autorais. Todos os achados de pesquisa são publicados, primeiro no fórum de discussão e depois no padlet, mural eletrônico e assíncrono. Esse meio torna-se importante para agregar os achados das pesquisas realizadas e para estimular o uso de artefatos tecnológicos no processo de *'aprenderensinaraprender'*.

Após a conclusão do trabalho do grupo, ou melhor, após a vivência do que é elaborar um projeto realizando um roteiro, fazendo pesquisas, partilhando os conhecimentos encontrados, ampliando o que já se sabia a respeito, registrando o trabalho no padlet, é hora de narrar essa experiência e elaborar o relatório individual. As estudantes, porque em sua grande maioria são mulheres e aqui generalizo para o feminino e evidencio o quinto movimento dos cotidianos: Ecce femina, segundo Alves, Andrade e Caldas (2019),

> dedicando esta nomeação a Nietzsche (Ecce homo) e a Foucault, que tanto apreciava o trabalho do primeiro, mas propondo a feminilização, por estar muito mais de acordo com as docentes que são em número muito maior nas escolas brasileiras. (2019: 16)

O movimento Ecce Femina explicita que o que interessa nas pesquisas *com* os cotidianos são os *'praticantespensantes',* que com os Outros (textos, colegas, estudante, vídeos, músicas…), os quais chamamos de personagens conceituais (DELEUZE E GUATARRI, 1992), ampliamos nosso conhecimento através das conversas com os interlocutores da pesquisa. Dessa forma, o relatório individual é elaborado em primeira pessoa, narrando como foram as experiências partilhadas na oficina, no fórum, no uso da plataforma, na elaboração do padlet e por fim, como se deram esses aprendizados e quais foram a partir das muitas conversas tecidas ao longo da disciplina.

À GUISA DE CONCLUSÃO

O migrante ou o refugiado carregam consigo sentimentos diversos frente a suas vivências nesse processo de caminhar em busca de algo. Para muitos, em busca da própria sobrevivência, para outros, a busca de um sonho. Diversos são os motivos que levam os seres a saírem de suas casas, de suas culturas, de suas pátrias, mas é certo que todos se fragmentam. Deixam familiares e vivências. Separam-se daquilo que é natural para encontrar o novo. Para Menezes (2019)

> Emigrar envolve, inevitavelmente, desesperanças e esperanças, sucessos e fracassos: sentimentos contraditórios que se impõem no ser e no estar. Aquele que emigra parte, não raras vezes, porque se sente derrotado na terra natal, tendendo a ser visto, pelos conterrâneos, como aquele que desistiu de sua pátria. Daí a necessidade que o passa a consumir de se transformar em um indivíduo de sucesso na terra de acolhimento, sendo um futuro esperado a volta vitoriosa à origem. Como um ser destinado a se tornar 'híbrido', ele emigra carregando uma imagem de si que se transforma no diálogo com outras identidades, muitas delas a ele impostas, implicando, como decorrência, a contínua ressignificação do ser. Como o 'outro' que chega, ele tende a despertar sentimentos múltiplos e contraditórios: simpatia, estranhamento, desconfiança, rejeição, medo, etc. Integrar-se à sociedade de acolhimento vai exigir, inevitavelmente, investimentos, no difícil processo de busca de novos pertencimentos ou de pertencimentos múltiplos. (MENEZES, 2019:313)

Nesse partir, encontrar hospitalidade é um desejo comum. Porém, poucos são os que se voltam a criar políticas públicas com a intenção de apoiar e integrar migrantes à cultura e à economia de seus países. Dessa forma, as redes educativas são um meio de, através da inserção do tema nos currículos, levantar questões e propostas de trabalho para gerar a hospitalidade e cuidar para que ela não se torne hostilidade. Propor '*práticasteorias',* por meio da utilização e criação de artefatos culturais que se tornem artefatos curriculares é um caminho estimulante para desenvolver os '*conhecimentossignificações*' acerca de e com o outro e das dificuldades enfrentadas por ele. Estas podem ser implementadas em escolas, igrejas, comunidades diversas, com suas inúmeras redes e mundos culturais[31].

É primordial a compreensão das redes educativas em que docentes e discentes estão mergulhados pensando com eles acerca da importância e dos significados tecidos nos diversos '*fazerespensares'* cotidianos nos tantos '*dentrofora*' das escolas, através das relações de respeito que devem manter entre si e com a comunidade fora das escolas. Docentes e discentes devem conversar e produzir narrativas necessárias à compreensão dessas redes de '*fazeressaberes',* com a participação das instituições nas quais estejam inseridos.

[31] Nas pesquisas do grupo em que estou inserida, na última pesquisa realizada, fomos percebendo que nas diversas redes educativas são formados diversos 'mundos culturais' com as ações de seus '*praticantespensantes*'

Entendemos que com isso – e ações das autoridades educacionais[32] - um número maior de docentes possa articular com os discentes, de forma criativa e problematizadora, as questões xenofóbicas *nos* cotidianos que vivemos.

Sendo a migração um fenômeno social que desde sempre influenciou rotas de comércio, inspirou as artes, influenciou guerras entre outros, é preciso pensar que o convívio entre diferentes povos é um grande desafio potencializador de relações diversas, sejam elas culturais, econômicas e muitas outras.

Não podemos nos esquecer de que somos um país, como outros, constituído por migrantes. Este é um grande motivo para que o processo migratório esteja presente no currículo, mas não o único, afinal, esse fenômeno ganha proporções mundiais a cada dia e o que está fora da escola, está dentro dela. São famílias inteiras ou mesmo pessoas sozinhas, sem nada material, deixando suas raízes para trás em busca de viver. E ressalto: morrer de fome, de falta de liberdade de pensamento político, de negação a suas tradições religiosas e outros motivos. Acreditamos que um dos caminhos é a educação, principalmente de jovens e de professores para disseminar atitudes positivas perante migrantes e refugiados.

Desejo que essa tese possa sensibilizar os leitores na busca do diálogo a respeito do processo migratório, a fim de compreender como esses fios se formam compondo nossas redes educativas e como podemos intervir a fim de obter uma postura de alteridade perante aqueles que deixam seus países. É crucial não perdermos a nossa humanidade, a nossa conexão com o *Outro*.

Todos os seres humanos possuem uma cultura que vem com eles quando migram, trazendo modos de fazer e fruir as artes, se vestir, comer, falar etc. As culturas que veem com os diferentes migrantes sempre se misturam – se hibridizam – com aquilo que encontram, o que possibilita experiências importantes nas escolas.

Ao longo do trabalho, procuro compreender como essas questões migratórias tornam-se curriculares e como desenvolvê-las com os estudantes do curso de formação de professores, os usos e as criações de artefatos culturais diversos que podem ser transformados em artefatos curriculares, tais como: artigos, filmes, vídeos, livros de literatura infantil, cartões postais, podcasts e outros incorporando assim, a temática em processos curriculares.

A tese está permeada dos movimentos dos cotidianos, da metodologia das conversas, das *"cineconversas"*, dos personagens conceituais e das vivências da Maria pesquisadora.

---

[32] Percebemos que, no momento presente do Brasil essas ações estão bastante dificultadas. Nesse sentido, entendemos que as ações locais, em cada escola, comunidade, redes educativas se tornam foco de possibilidades.

Finalizo com o capítulo que apresenta a professora mediadora migrante, pois as práticas e pesquisas aprendidas no doutorado não poderiam deixar de estar encarnadas na professora.

Chego ao término da tese porque ela precisa ter um final, mas certa de que o processo continua, de que os movimentos das pesquisas cotidianas, dos migrantes e meus, enquanto professora pesquisadora, serão constantes. Apresento a migração como fio de tessitura da formação de professores. Formação essa que me encontro desde o primeiro dia em que pisei na escola de meu irmão mais velho e ali sonhei estudar um dia. Ao longo de toda a formação rememorei a estudante que fui, o desejo de tornar-me professora e fazer parte de uma transformação de mundo. Ingressei no curso de mestrado uma Maria e hoje percebo outra, bem diferente. Atenta às questões sociais sempre estive e agora estou imbricada na mudança. Estudar a migração trouxe para mim o significado do que foi vivenciado por meus pais e irmãos mais velhos e de toda a minha ancestralidade e do quanto isso foi importante para o que sou hoje, e principalmente pelo o quanto facilitou a minha chegada até aqui e por isso os reverencio. Gratidão por cada aprendizado e por cada encontro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas* – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008:p 10 – p 32.

_____. *Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente*: o caso do cinema, suas imagens e sons. Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ, 2012-2017. 2012: p 12 – p 13 (Projeto de Pesquisa).

_____. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019: p 117 –p. 133.

ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. *Pedagogía y Saberes, Universidad Pedagógica Nacional, Facultad de Educación.* n.46, 2017:p 9, 10.

ALVES, Nilda; FILÉ, Valter; VARGAS NETTO, Maria Jacintha. Tecnologias, imagens, sons e currículos nos cotidianos. *Currículo Sem Fronteiras*, v.7, n.2, Jul/Dez 2007:p 66.

ALVES, Nilda; MACEDO, Elizabeth; MANHÃES, Luiz Carlos; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Criar currículo no cotidiano* – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011:p 31.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Contar o passado, analisar o presente e sonhar o futuro. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas* – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008: p 10.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. Para começo de conversa. In: ALVES, Nilda; (Org.). GARCIA, Regina Leite. *O sentido da escola.* Rio de Janeiro: 2000: p 7 -18

ALVES, Nilda; ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes. *Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos.* In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente, questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019: p 1 - 22.

ALVES, Nilda; CHAGAS, Claudia; MENDONÇA, Rosa Helena de. *Usar filmes para fazer surgir modos de atuar nos currículos*. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSEKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente, questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019.

ALVES, Nilda; FERRAÇO, Carlos Eduardo. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos - a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In RIBEIRO, TIAGO; SOUZA, Rafael; SANCHEZ, Carmem (orgs). *Conversas como metodologia de pesquisa, por que não?* Curitiba: CRV, 2018: p. 55, 56, 62,63.

ANDRADE, Marcelo Gustavo de Souza. *Por uma filosofia da educação a partir do conceito de tolerância.* Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Doutorado em Ciências Humanas – Educação, 2006:p 99. (Tese)

BOFF, Leonardo. *A falta que o respeito nos faz*. 23 ago. 2011. Disponível em: <https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/23/a-falta-que-o-respeito-nos-faz/> . Acesso em: 19 mai. 2017.

BRANDÃO, Rebeca Silva Rosa. *A formação de 'docentesdiscentes' atravessada pelas imagens de professores no cinema como questão curricular***.** Rio de Janeiro: UERJ/ProPEd, 2014: p 20. (Dissertação)

BRASIL. Parecer CNE/CP n. 2, de 9/6/2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica. Diário Oficial da União, de 25/6/2015, Seção 1, p 13.

BRASIL. MEC/CNE/CP. Resolução n. 2, de 1o de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em nível superior (curso de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília: *Diário Oficial da União,* de 2 de julho de 2015 – Seção 1 – p 8-12.

CANDAU, Vera Maria. (Org.). *Somos todos iguais?* - Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003: p 49 – p 50.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano* 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____;. *História e Psicanálise entre ciência e ficção.* Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª edição. São Paulo: Ed. Autêntica. 2017:p 170 – p 184.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano*: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 9ª Ed., 2017:p 336 – p 338.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Personagens conceituais. In DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992: p.156.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*: Capitalismo e Esquizofrenia. V.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995: p 3, 37.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000: p 52, 53.

DELEUZE, Gilles; Cinema 2: a imagem-tempo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007: p 31.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 10a. 1992, p.28.

GALLO, Sílvio. Algumas notas em torno da pergunta: "o que pode a imagem?". In: CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de; LEITE, César Donizetti Pereira; CHALUH, Laura Nomei (Org.). *Linguagens e imagens:* educação e políticas de subjetivação. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii, 2014.

GUERÓN, Rodrigo. *Da imagem ao clichê, do clichê à imagem*: Deleuze, cinema e pensamento. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011:p 26 – p 106.

LARROSA, Jorge. A arte da conversa. In: SKLIAR, C. *Pedagogia improvável da diferença*. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEMOS, A; LÉVY, P. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. *A ideografia dinâmica* – rumo a uma nova imaginação artificial? São Paulo: Loyola, 1998.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens:* uma história de amor e ódio. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001:p 21- p 27.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MENEZES, Lená de Medeiros. Sobre tempo, conceitos e representações: imigrantes, estrangeiros e refugiados. In SARMIENTO, Érica; ARAÚJO, Rafael; SARDENBERG, Helenice (orgs). *Deslocamentos contemporâneos nas Américas: novos desafios e discussões teóricas(século XX a atualidade).* - Rio de Janeiro : EstudosAmericanos, 2019: p 300 – p 322.

MOREIRA, Alberto da Silva. *Religião, migração e mobilidade humana* (org). Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2017:p 8.

MORIN, Edgar. "Por uma reforma do pensamento". In: PENA-VEJA, Alfredo e ALMEIDA, Elimar P. *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade.* Rio de Janeiro: Garamound, 1999.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Certeau e as artes de fazer: as noções de uso, tática e trajetória na pesquisa em educação. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Pesquisas nos/dos/com os cotidianos das escolas* – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP *et Alii*, 2008:p 59.

_____. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos 'pensadospraticados' pelos 'praticantespensantes' dos cotidianos das escolas. In: Carlos Eduardo Ferraço e Janete Magalhães Carvalho (Org.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis: DP et Alli, 2012:p 37.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - (UNESCO). *Declaração de Princípios sobre a Tolerância*. Paris, 1995.

PACHECO, Fernando Tôrres. *Personagens conceituais Filosofia e arte em Deleuze*. Belo horizonte: Ed. Relicário, 2013:p 130.

SERPA, Andrea. Conversas - possibilidades de pesquisa com o cotidiano. In RIBEIRO, TIAGO; SOUZA, Rafael; SANCHEZ, Carmem (orgs). *Conversas como metodologia de pesquisa, por que não?* Curitiba: CRV, 2018: p 105.

SCHURMANS, Fabrice. A representação do migrante clandestino no cinema contemporâneo: efeitos e cenas de fronteira. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. [Online], n. 105. 03 Dez. 2014:p 94 – p 95. Disponível em: http://rccs.revues.org/5814. Acesso em 12 Out. 2017.

SANTOS, E. *Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente.* Tese de doutorado. Salvador: FACED-UFBA, 2005. Disponível em:. https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11800/1/Tese_Edmea%20Santos1.pdf Acesso em: julho de 2021.

SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera. As imagens-tempo como dispositivo para fazer a língua gaguejar na produção *currículoescola*. In: Janete Magalhães Carvalho (Org.). *Cinema e Formação de Professores e Currículos e ...Curitiba*: CRV, 2017:p 61.

SILVA, M.; SANTOS, E. Conteúdos de aprendizagem na educação on-line: inspirar-se no hipertexto. In: *Educação & Linguagem*, V. 12, No 19, JAN-JUN, 2009, p.278.
SILVA, M. Criar e professorar um curso online: relato de experiência. In: SILVA, M.(org) *Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa.* 2.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Sala de aula interativa.* Rio de Janeiro: Loyola, 2010, p.174

_____. Um convite à interatividade e à complexidade: novas perspectivas comunicacionais para a sala de aula. In: GONÇALVES, M. A. R. (org.) *Educação e Cultura: pensando em cidadania.* Rio de janeiro: Quartet, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.* Ed Martins Fontes, 2007.

Filmes citados

ENTRE OS MUROS DA ESCOLA. Direção: Laurent Cantet. Com François Bégaudeau, Louise Grinberg, Rabah Naït Oufella. França: 2008. Disponível em: https://youtu.be/BDwLbwYr1cs Acesso em: 07 jul. 2021.

HUMAN FLOW – NÃO EXISTE LAR SE HÁ PARA ONDE IR. Direção: Ai Wei Wei. Com Ai Wei Wei, Boris Cheshirkov, Hiba Abed e mais. Alemanha: 2017. Disponível em:site oficial https://www.humanflow.com/ Acesso em: 18 set. 2019.

Feira de São Cristóvão
https://drive.google.com/file/d/1Q8TeuQJ7ia731cBnw7DXEwjVXSRRlpwJ/view?usp=drivesdk

Jantar romântico
https://drive.google.com/file/d/1uhnB0_irOdT5C7Fq5rXUvvgM_dfLlT5g/view?usp=drivesdk

Acesso ao site do ACNUR

Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/ Acesso em; 31 mar. 2020.

Acesso ao site da ANFOPE
http://www.anfope.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Doc-FINAL-XVIII-ENANFOPE-6_3_2017-Coordenação-Iria.pdf / Acesso em ;19 mai.2021.

Acesso ao podcast Cotidianos e Currículos
https://open.spotify.com/episode/57RiEXcwMFjOFLiKBldhqM?si=0RLwtVStQ6mOuRzN9Iyh0Q / Acesso em; 19 mai.2021.